



**Ana Catarina Dias Santos Antunes**    **Plano de Acção Para o Jardim Botânico da Universidade do Porto**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Design, Materiais e Gestão do Produto, realizada sob a orientação científica do Professor Doutor João António de Almeida Mota, Professor Auxiliar do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro e coorientação da Professora Doutora Maria Teresa Lencastre de Melo Breiner Andresen, Professora Associada com Agregação da Universidade do Porto.

## **o júri**

presidente

Doutor **Vasco Afonso da Silva Branco**

Professor Associado do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro.

Doutor **Paulo Jorge Rodrigues Farinha Marques**

Professor Auxiliar da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

Doutor **João António de Almeida Mota**

Professor Auxiliar do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro.

Doutora **Maria Teresa Lencastre de Melo Breiner Andresen**

Professora Associada com Agregação da Universidade do Porto.

## **agradecimentos**

Foi um privilégio ter trabalhado no universo de infância de Sophia de Mello Breyner com as duas pessoas que conduziram o desenvolvimento desta tese, o Professor João Mota e a Professora Teresa Andresen. Aos dois agradeço a confiança transmitida, essencial para a elaboração do presente documento.

Ao Professor João Mota agradeço os desafios de trabalho propostos, assistidos por uma orientação contínua, esclarecida e sábia, que em muito contribuiu para a minha motivação, formação e crescimento individual.

À Professora Teresa Andresen agradeço a orientação fundamental que tem vindo a exercer no meu percurso pela Arquitectura Paisagista, bem como as direcções essenciais e oportunas para o desenvolvimento deste trabalho.

À família e amigos manifesto um profundo agradecimento pelo encorajamento e ânimo conferido e, acima de tudo, pela compreensão da minha ausência no período correspondente à preparação deste documento.

**palavras-chave**

jardim botânico, cidade contemporânea, planeamento prospectivo, estratégia de acção, flexibilidade programática, identidade urbana.

**resumo**

Este trabalho surge no seguimento do *Projecto de Conservação e Valorização do Jardim Botânico da Universidade do Porto*, realizado no Departamento de Botânica da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, no período de 2002-2005.

O Jardim Botânico do Porto encontra-se instalado na Quinta do Campo Alegre, espaço de infância de Sophia de Mello Breyner e Ruben A., desde 1951. Distingue-se no contexto da cidade pela multiplicidade de oferta, anunciando no entanto, relativamente ao contexto urbano actual, um desajuste do programa que integra.

Face ao descrito, propõe-se no âmbito desta tese, a revisão do programa do seu funcionamento, através da atribuição de um novo significado, compatível com o seu programa institucional. Refere-se ao carácter de 'mediador cultural' e consequente 'campo de experimentação' para a Universidade do Porto. É neste contexto e de acordo com o modelo actual de planeamento prospectivo, referente à análise comparativa de soluções, que se desenvolvem cinco programas alternativos para o jardim botânico. Este exercício permite obter o conhecimento das potencialidades que o espaço oferece para o cumprimento da Missão exposta neste estudo, bem como sistematizar possíveis estratégias de actuação.



**keywords**

botanical garden, contemporary city, prospective planning, action strategy, programmatic flexibility, urban identity.

**abstract**

This work is derived from the “*Projecto de Conservação e Valorização do Jardim Botânico da Universidade do Porto*”, carried out in the Botany Department in the Faculty of Science at the University of Porto, in the period 2002-2005.

Since 1951, the Botanical Garden of Porto has been in the Quinta do Campo Alegre, where Sophia de Mello Breyner and Ruben A. passed their childhood days. The garden stands out from the rest of the urban area due to its variety of characteristics; however one can feel a mismatch between the current urban reality and its programme.

Therefore, we propose in the scope of this thesis, the revision of the garden's functioning programme, by attributing a new objective, compatible with its institutional programme. It will act as the 'cultural mediator' and consequently 'experimentation field' for the University of Porto. It is with this objective and in accordance with the current prospective planning mode, in reference to the comparative solutions analysis that five alternative programmes in the Botanical Garden are being developed. This exercise reveals the potential that the space provides to accomplish the Mission shown in this study, as well as to systematise the performance of strategic alternatives.

## Índice

Agradecimentos	3
Resumo	4
Abstract	5
Lista de abreviaturas	8
Lista de figuras	9
 Capítulo 1  Objectivos e Metodologia	 13
 Capítulo 2  Espaços culturais da cidade contemporânea	 17
2.1  Cidade contemporânea	17
2.1.1  As pessoas	18
2.1.2  O espaço público	20
2.1.3  A identidade da cidade	24
2.1.4  Síntese	27
2.2  Planeamento, cultura e sustentabilidade	27
2.2.1  Planeamento	28
2.2.2  Sustentabilidade cultural	29
2.2.3  Contributos para um novo modelo de planeamento	31
2.2.3.1  A atitude projectual de Bernad Tschumi	32
2.2.3.2  A cidade espectáculo de Barcelona	34
2.2.3.3  O espaço público de Rosalyn Deutsche	36
2.2.3.4  O 4.º pilar da sustentabilidade de Jon Hawkes	38
2.2.3.5  A cidade “além-planos” de João Ferrão	39
2.2.4  Síntese	40
2.3  O jardim botânico na cidade contemporânea	41
2.3.1  A representação da paisagem	41
2.3.2  A evolução do conceito de jardim botânico	49
2.3.3  Os jardins botânicos do futuro	56
2.3.4  Filosofias de recuperação	59
2.3.5  Síntese	63
2.4  Síntese do capítulo 2	63
 Capítulo 3  Jardim Botânico da Universidade do Porto	 65
3.1  O contexto urbano – a cidade do Porto	65
3.1.1  Momentos de notoriedade da história urbana do Porto	65
3.1.2  A Universidade, o panorama cultural e a rede de espaços verdes do Porto	68

3.1.3  Procura de novas identidades para a cidade	77
3.2  A história do lugar - o Jardim Botânico da Universidade do Porto	80
3.2.1  A criação e direcção do Jardim Botânico pela Academia Politécnica do Porto (1865-1903)	80
3.2.2  A instalação do Jardim Botânico da Universidade do Porto na Quinta do Campo Alegre (1952-1983)	83
3.2.3  A recuperação do Jardim Botânico da Universidade do Porto (1983-2005)	90
3.3  O programa de referencia – “Projecto de Conservação e Valorização do Jardim Botânico da Universidade do Porto”	92
3.4  Síntese	97
Capítulo 4  O Plano de Acção	99
4.1  A Estratégia do Plano	99
4.2  A Missão do Jardim Botânico do Porto	100
4.3  Os Projectos	102
4.4  Análise dos Projectos	140
Capitulo 5  Conclusão	143
Bibliografia	145
Anexo	153
Inventário dos equipamentos culturais da cidade do Porto	154
Inventário dos espaços abertos de utilização pública da cidade do Porto	158
Inventário dos estabelecimentos de ensino superior da cidade do Porto	163

## **Lista de abreviaturas**

**APAP** - Associação Portuguesa dos Arquitectos Paisagistas

**BGCI** - Botanic Gardens Conservation International

**CMP** - Câmara Municipal do Porto

**CITES** – Conservation on International Trade in Endangered Species of Wild Fauna and Flora

**CDB** - Convenção sobre a Diversidade Biológica

**CONAMA** - Conselho Nacional do Meio Ambiente

**FCUP** - Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

**IABG** - International Association of Botanic Garden

**ICAM** - Instituto do Cinema, Audiovisual e Multimédia

**ICOMOS** - International Council on Monuments and Sites

**IFLA** - International Federation Landscape Architecture

**IPPAR** - Instituto Português do Património Arquitectónico

**ISA** - Instituto Superior de Agronomia

**JBRJ** - Jardim Botânico do Rio de Janeiro

**ONG** - Organização Não Governamental

**ONU** - Organização das Nações Unidas

**PNUD** - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

**PDM** - Plano Director Municipal

**ICOMOS** - International Council on Monuments and Sites

**IUCN** - International Union for the Conservation of Nature and Natural Resources

**UNESCO** - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

**UTAD** - Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro

**VCI** – Via de Cintura Interna

**WCCD** - World Commission on Culture and Development

**WWF** – World Wildlife Fund

## **Lista de figuras**

1. Plano do primeiro Jardim Botânico do Porto, elaborado pelo Barão de Castelo de Paiva, s. d.
2. Fotografia do primeiro Jardim Botânico do Porto- Jardim Botânico da Academia Polytechnica do Porto, s.d.
3. Carta Topográfica da cidade do Porto, Telles Ferreira, arquivo do Departamento de Botânica da FCUP, 1892.
4. Fotografia de Joana Andresen, arquivo da família Andresen, fins do séc. XIX.
5. Fotografia de João Andresen, arquivo da família Andresen, fins do séc. XIX.
6. Planta Topográfica da cidade do Porto, propriedade de Gustavo Andresen, arquivo do Departamento de Botânica da FCUP, 1932.
7. Planta Topográfica da cidade do Porto, Telles Ferreira, arquivo do Departamento de Botânica da FCUP, 1892.
8. Fotografia da Casa da Quinta do Campo Alegre vista dos pomares, arquivo da família Andresen, 1930.
9. Fotografia sobre os terrenos agrícolas e mata da Quinta do Campo Alegre, com o rio Douro ao fundo, arquivo da família Andresen, 1930.
10. Fotografia da fachada posterior da casa da Quinta do Campo Alegre, Américo Pires de Lima, arquivo do Departamento de Botânica da FCUP, 1950.
11. Fotografia das "Estufas", Américo Pires de Lima, arquivo do Departamento de Botânica da FCUP, 1950.
12. Fotografia do caminho entre sebes de camélias, Américo Pires de Lima, arquivo do Departamento de Botânica da FCUP, 1950.
13. Fotografia do campo e casa de ténis, Américo Pires de Lima, arquivo do Departamento de Botânica da FCUP, 1950.

14. Plano Geral do Projecto de Instalação do Jardim Botânico do Porto na Quinta do Campo Alegre, Karl Franz Koepp, arquivo do Departamento de Botânica da FCUP, 1954.
15. Projecto "Áreas a retirar ao Jardim Botânico pela execução dos acessos à Ponte de Arrábida", CMP, DSUOGU, arquivo do Departamento de Botânica da FCUP, s. d.
16. Plano Geral do Projecto de instalação do Jardim Botânico do Porto na Quinta do Campo Alegre, com a indicação dos acessos à Ponte da Arrábida, Karl Franz Koepp, arquivo do Departamento de Botânica da FCUP, s. d.
17. Plano Geral com a indicação dos acessos à Ponte da Arrábida, Direcção de Estradas, arquivo do Departamento de Botânica da FCUP, s. d.
18. Plano Geral do Projecto de Recuperação do Jardim Botânico da Universidade do Porto, Laura Roldão e Costa, arquivo do Departamento de Botânica da FCUP, 1988.
- 19, 20 e 21. Fotografias de exercícios de Land Art, integrados na disciplina de "Introdução ao Projecto I", da licenciatura de Arquitectura Paisagista da Universidade do Porto, arquivo pessoal, 2002.
22. Zonamento do Jardim Botânico da Universidade do Porto, Estudo Prévio do "Projecto de Conservação e Valorização do Jardim Botânico da Universidade do Porto", arquivo do Departamento de Botânica da FCUP, 2002.
23. Fotografia do "Jardim do Roseiral" da Quinta do Campo Alegre, com a mata da propriedade e o rio Douro ao fundo, arquivo da família Andresen, 1930.
- 24 e 25. Fotografia sobre o "Jardim dos Cactos e Suculentas" e "Estufas Koepp", Américo Pires de Lima, arquivo do Departamento de Botânica da FCUP, 1950.
26. Fotografia do interior das "Estufas Koepp", Américo Pires de Lima, arquivo do Departamento de Botânica da FCUP, 1950.
- 27, 28 e 29. Fotografias do "Arboreto", Américo Pires de Lima, arquivo do Departamento de Botânica da FCUP, 1950.
- 30, 31 e 32 – Fotografias da construção do "Lago Grande", arquivo do Departamento de Botânica da FCUP, 1969.

33. Fotografia do interior das estufas, arquivo da família Andresen, início do séc. XX.
- 34 e 35. Jardins da Quinta do Campo Alegre, arquivo da família Andresen, início do séc. XX.
36. Interior da casa da Quinta do Campo Alegre, arquivo da família Andresen, anos 30.
- 37 e 38. "Oportunidades e Compromissos" dos "palcos para a cultura": fotografias do património arbóreo do Jardim Botânico do Porto, Dionísio Souto Abreu, arquivo pessoal, 2006.
39. "Oportunidades e Compromissos" dos "palcos para a cultura": fotografia das sebes de camélias do Jardim Botânico do Porto, Dionísio Souto Abreu, arquivo pessoal, 2006.
40. Projecto 1 – "palcos para a cultura", 2006.
41. Projecto 1 – "palcos para a cultura" (relação com a cidade), 2006.
42. "Oportunidades e Compromissos" das "trocas sociais": fotografia da colecção de plantas aquáticas do Jardim Botânico do Porto, Dionísio Souto Abreu, arquivo pessoal, 2006.
- 43 e 44. "Oportunidades e Compromissos" das "trocas sociais": fotografia da colecção de cactos e plantas suculentas do Jardim Botânico do Porto, Dionísio Souto Abreu, arquivo pessoal, 2006.
45. Projecto 2 – "trocas sociais", 2006.
46. Projecto 2 – "trocas sociais" (relação com a cidade), 2006.
47. "oportunidades e compromissos" dos "significados e narrativas": fotografia do lugar do "Rapaz de Bronze", Dionísio Souto Abreu, arquivo pessoal, 2006.
- 48 e 49. "Oportunidades e Compromissos" dos "significados e narrativas": fotografia do lugar da "Adega" e do "Jardim dos Anões", Dionísio Souto Abreu, arquivo pessoal, 2006.
50. PROJECTO 3 - "significados e narrativas", 2006.
51. PROJECTO 3 - "significados e narrativas" (relação com a cidade), 2006.
- 52, 53 e 54. "Oportunidades e Compromissos" dos "públicos para a ciência": fotografia das "Estufas Koepp", Dionísio Souto Abreu, arquivo pessoal, 2006.

55. PROJECTO 4 - “públicos para a ciência”, 2006.
56. PROJECTO 4 - “públicos para a ciência” (relação com a cidade), 2006.
57. "Oportunidades e Compromissos" da "construção da cidade": fotografia do busto do Sr. Resende, jardineiro da Quinta do Campo Alegre, esculpido por Joana Andresen no início do séc. XX, Dionísio Souto Abreu, arquivo pessoal, 2006.
- 58 e 59. "Oportunidades e Compromissos" da "construção da cidade": fotografias das canalizações exteriores da “Adega”, 2006.
60. PROJECTO 5 - “construção da cidade”, 2006.
61. PROJECTO 5 - “construção da cidade” (relação com a cidade), 2006.
62. Inventário dos equipamentos culturais da cidade do Porto, 2006.
63. Inventário dos espaços abertos de utilização pública da cidade do Porto, 2006.
64. Inventário dos estabelecimentos de ensino superior da cidade do Porto, 2006.



## Capítulo 1| Objectivos e Metodologia

### Objectivos

No decorrer do surgimento de novos significados suscitados pela dinâmica da cidade contemporânea, importa adequar os processos de recuperação dos espaços públicos, bem como os programas de acção a eles associados. A presente dissertação assenta neste entendimento, tomando como objecto de estudo o Jardim Botânico do Porto, o qual se encontra de momento em renovação de infra-estruturas, bem como em revisão programática.

Actualmente assistimos a uma mudança estrutural do sistema urbano. O novo modelo da cidade contemporânea caracteriza-se essencialmente pela criação, a um ritmo veloz e incerto, de um “urbanismo de eventos” e de uma “arquitectura de produtos”, de acordo com as orientações do novo fenómeno da competitividade urbana. A nova cidade distancia-se do modelo clássico, na dimensão funcional e espacial, na modernização e crescimento do perfil económico, bem como no projecto urbano. No que respeita à reflexão ideológica, assiste-se a uma aproximação das diferentes áreas disciplinares participantes no processo de planeamento e projecto do sistema urbano, conduzindo a surpreendentes perspectivas sobre a matéria, com tradução em novas políticas urbanas.

Assim, perante o novo paradigma da cidade contemporânea, gerido pela mediatização da “sociedade de espectáculo”, a (re) construção da cidade é conduzida na procura de novas forças com uma expressão transversal aos diversos sectores do universo urbano. Os resultados esperados prendem-se com o alcance de uma maior visibilidade dos espaços, no sentido de afirmar e reforçar a credibilidade das suas funções. Tal responsabilidade é atribuída por muitos a uma estratégia de planeamento centrada nos espaços públicos, entendidos como infra-estruturas de integração e redistribuição social. Nesta linha de acção, no sentido de alcançar uma recuperação formal e vivencial dos espaços públicos de referência, estes deverão apoiar-se, por um lado, nos seus valores e potencialidades e, por outro, na introdução de novas funções, de modo a estabelecer projectos que marquem o lugar. O sistema de espaços públicos urbanos constitui assim um mecanismo fundamental para a renovação e requalificação da cidade, contribuindo para o reforço da sua identidade, sendo igualmente considerado como um indicador da qualidade de vida.

De acordo com o exposto, orientamos a reflexão deste trabalho para o espaço público da cidade contemporânea, procurando conhecer o seu funcionamento enquanto espaço de socialização, bem como o seu contributo na representação da identidade urbana. Neste contexto, a questão que se coloca e que constitui o objectivo de investigação refere-se à revisão programática do Jardim

Botânico da Universidade do Porto, no sentido de ajustar as suas funções ao novo paradigma urbano.

Com base no “Projecto de Conservação e Valorização do Jardim Botânico da Universidade do Porto”, realizado no Departamento de Botânica da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, no período de 2002-2005, as hipóteses que vão ser testadas no âmbito da Revisão programática do Jardim Botânico do Porto (Plano de Acção), pressupõem a reinterpretção das suas funções, a reavaliação do seu desempenho, a par de uma elasticidade programática dos seus objectivos. Neste sentido prevê-se uma nova orientação para o funcionamento do jardim botânico, onde este deixa de constituir um agente passivo do sistema urbano, afirmando-se como “mediador cultural” e também como “campo de experimentação”, numa associação estreita da dimensão botânica, científica, pedagógica, histórica, literária e também sensorial com as manifestações artísticas contemporâneas.

Deste modo, a prestação do jardim botânico traduz-se no ganho de capacidade concorrencial no contexto competitivo dos espaços públicos da cidade do Porto, promovendo a interdisciplinaridade e multiplicação das oportunidades lúdicas e culturais do sistema urbano. Este desígnio acentua firmeza e visibilidade, constituindo uma ferramenta estratégica que o vai responsabilizar com a cidade através de um novo modelo de funcionamento.

Deste modo, os desafios prendem-se essencialmente com 3 grandes linhas de trabalho, nomeadamente:

1. a articulação das valências que estruturam e guiam o jardim botânico (enquanto espaço científico e pedagógico, espaço verde, jardim histórico-literário e também mediador cultural), bem como o seu ajuste à cidade contemporânea, no sentido de promover um desempenho singular no exercício das suas funções;
2. a preparação do jardim botânico para o discurso, o debate e as manifestações artísticas da sociedade contemporânea, proporcionando um espaço apelativo para a instalação de diversos programas, equipado com dispositivos capazes de induzir e estruturar a oferta cultural da cidade;
3. a integração de um campo de experimentação da Universidade do Porto, direccionada para os seus grupos de investigação, com condições de pesquisa e desenvolvimento para a criação de novas linguagens artísticas e científicas, consentâneas com as orientações actuais.

## Metodologia

Os objectivos científicos que dirigem a metodologia seguida neste trabalho assentam no método dedutivo, que se traduz numa ... *forma de raciocínio que parte do geral para o menos geral ou particular*.<sup>1</sup> Partindo da observação dos princípios gerais, seguido do confronto com os aspectos particulares, procura-se o esclarecimento das convicções que constituem o ponto de partida da reflexão. Assim, o método de investigação centra-se no esclarecimento do conteúdo da informação que nos é colocado no início do trabalho, permitindo a verificação da concordância dos factos com as teorias, bem como a revelação da relação entre os conceitos e as respectivas aplicações.

O trabalho encontra-se estruturado em três etapas sequenciais.

A primeira etapa diz respeito à fase expositiva da pesquisa, apresentando um pensamento divergente. Caracteriza-se pela reunião, caracterização e compreensão das premissas que integram conceitos e fundamentos que vão guiar a reflexão, as quais, no exercício final serão clarificadas e sistematizadas. Constitui uma investigação alargada, referente à identificação e caracterização das forças que estabelecem o novo paradigma da cidade contemporânea, os modelos de planeamento emergentes, bem como a evolução histórica e o comportamento actual da tipologia do espaço em estudo.

O capítulo 2 inicia a reflexão em torno das dimensões estruturais da cidade contemporânea, referentes às pessoas, ao espaço público e à identidade da cidade e no modo como estas se relacionam. Desta análise, destacam-se os aspectos funcionais e representativos do espaço público. O lugar que tais espaços ocupam, o modo como operam, como são entendidos e utilizados no sistema urbano, a sua importância enquanto elementos de socialização, bem como de referência simbólica, constituem as questões que procuraremos abordar. Ainda neste capítulo, introduz-se o conceito de cultura, entendido sob o prisma de instrumento de regeneração dos espaços urbanos. Em paralelo, propõe-se uma reflexão sobre o planeamento cultural sustentável, através da visão de diversos ideólogos que defendem a revisão dos instrumentos de planeamento vigentes. Segue-se a pesquisa sobre a evolução do conceito de jardim botânico na história da cidade, terminando com a reflexão acerca das suas funções no contexto urbano actual.

A segunda etapa do trabalho inicia com a caracterização da plataforma de acção para a renovação do jardim, através do confronto das premissas conceptuais descritas no Capítulo 1 com o Jardim Botânico da Universidade do Porto. A abordagem prossegue, estreitando o âmbito da pesquisa, com orientação do método funcionalista. Associado à necessidade de entendimento das

---

<sup>1</sup> Carvalho, J. Eduardo, 2002, pp. 89

partes, as quais permitem conhecer melhor as funções que desempenham no todo, ou seja, partindo do princípio que o conhecimento das funções está ligado à possibilidade dos acontecimentos, verifica-se a necessidade de abordar as premissas com um conhecimento mais detalhado.

No Capítulo 3 contextualiza-se a plataforma de acção da requalificação programática do Jardim Botânico do Porto, no sentido de adequar a proposta ao panorama actual. Refere-se à caracterização da cidade do Porto (nas suas valências educativas, sociais e culturais), à história do lugar (Jardim Botânico da Universidade do Porto), bem como à caracterização do programa de referência do presente estudo (Projecto de Recuperação do Jardim Botânico). Este momento do trabalho permite-nos, em confronto com a abordagem inicial, formular o problema e estabelecer os objectivos.

A terceira etapa constitui o momento de viragem do trabalho, onde se estabelece o pensamento convergente do método dedutivo. Aqui validam-se os fundamentos teóricos com exemplos objectivos, utilizados como argumentos para a defesa da proposta. Constitui a aplicação prática dos conceitos e fundamentos decorrentes da reflexão das fases anteriores para o alcance dos objectivos enunciados.

A aplicação prática das reflexões iniciais introduz a Estratégia de acção, que consiste na atribuição da categoria de mediador cultural e de campo de experimentação ao Jardim Botânico da Universidade do Porto, seguido do estabelecimento da sua Missão. O Plano de Acção, por sua vez, introduz as orientações que vão dar corpo ao que é de facto prioritário para a revisão programática do espaço. Neste sentido, importa identificar as questões chave por onde passa a proposta de trabalho que traduz os objectivos e os valores centrais que deverão integrar, ou, pelo menos, ser compatíveis com a função institucional do jardim botânico.

O desajuste verificado entre as políticas de planeamento e a gestão dos espaços urbanos impõe a revisão dos instrumentos e das metodologias de trabalho. Perante o panorama urbano actual em permanente mudança, o processo de planeamento ganha outra dinâmica, ficando igualmente sujeito a uma revisão frequente do seu modelo. Assim, a estratégia mais eficiente implica uma flexibilidade consciente, suportada pela identificação de diversas soluções alternativas, revertendo num conhecimento esclarecido, que deverá apoiar a tomada de decisão. Neste sentido, no âmbito do planeamento prospectivo, a ferramenta eleita para a orientação do Plano de Acção, consiste na “metodologia dos cenários”<sup>2</sup>, de Godet, constituindo um precioso auxílio na construção de fortes identidades e novos significados para o Jardim Botânico do Porto.

---

<sup>2</sup> Godet, Michel, 1993.

## Capítulo 2| Espaços culturais na cidade contemporânea

### 2.1| Cidade Contemporânea

Para a caracterização da cidade contemporânea é inevitável uma análise comparativa com a cidade tradicional. O caminho que separa os dois modelos de cidade é longo e repleto de episódios que foram afastando o espaço urbano actual dos modelos originais. No entanto, Fernando Chueca Goitia (1996) não a desliga totalmente dos tempos passados, caracterizando-a como um sistema onde as velhas estruturas históricas e antigas formas de vida coexistem com as novas dimensões do capitalismo e da técnica, verificando-se, inevitavelmente, a perda de alguns valores fundamentais. Já não se trata de uma “...cidade pública à maneira clássica...uma cidade camponesa e doméstica...uma cidade integrada por uma força espiritual”<sup>3</sup>, mas sim uma “...cidade fragmentária, caótica, dispersa, a que falta uma figura própria.”<sup>4</sup>

A cidade tradicional resulta de uma evidente ordem e solidez dos valores humanos, organizada com expressão numa unidade formal, geradora de relações de proximidade, sendo entendida por Cantillon como o resultado de “...um instinto oposto ao doméstico. Edifica-se a casa para se estar nela; funda-se a cidade para se sair de casa e reunir-se com os outros que também saíram de suas casas.”<sup>5</sup> O entendimento original da cidade como uma “grande sala de reunião” onde se debatem os problemas de todos os tempos, volta a ser considerado na cidade global.

Jan Gehl e Lars Gemzoe (2000)<sup>6</sup>, na pesquisa realizada em torno das estratégias de actuação no espaço urbano, identificam quatro tipologias de cidade. Referem-se à “cidade tradicional”, onde se verifica um relacionamento equilibrado entre os lugares de encontro, de comércio e circulação; a “cidade invadida” por determinados usos do espaço urbano fazendo desaparecer a maioria das actividades sociais e recreativas; a “cidade abandonada”, com uma tradição urbana debilitada, onde o espaço público desaparece; e a “cidade recuperada”, com políticas urbanas afirmativas, com destaque para o espaço público. No modelo da cidade contemporânea encontram-se todas estas tipologias, verificando-se, no entanto, uma afirmação evidente da “cidade recuperada”. A urgência em recuperar a cidade clássica surge no seguimento da aspiração do retorno das coisas primitivas, defendido por Michel Maffesoli (1996)<sup>7</sup> como o desejo da “vida sempre recomeçada”. Neste sentido, o mesmo autor acrescenta uma visão sociológica cíclica às políticas actuais de planeamento urbano.

Tais políticas têm como objectivo principal a atracção das pessoas aos centros urbanos, os quais, perante a organização difusa, dispersa e fragmentada da cidade actual, a expansão de uma nova

---

<sup>3</sup> Goitia, Fernando Chueca, 1996, pp. 20

<sup>4</sup> Goitia, Fernando Chueca, 1996, pp. 21

<sup>5</sup> Goitia, Fernando Chueca, 1996, pp. 9

<sup>6</sup> Gehl, Jan e Gemzoe, Lars, 2000, pp. 15

<sup>7</sup> Maffesoli, Michel, 1996, pp. 136

tipologia de ocupação urbana periférica (os “dormitórios”), a invasão indiscriminada do automóvel, entre outros factores que favorecem a descaracterização e desqualificação da cidade, têm vindo a ser abandonados.

Para a compreensão das dinâmicas da cidade contemporânea é fundamental um olhar para a história recente dos comportamentos urbanos. O percurso que propomos fazer centra-se no séc. XX, com especial incidência no período correspondente ao fim do Modernismo até à actualidade pela importância que as ocorrências registadas nesta época tiveram no estabelecimento da condição urbana actual. A reflexão será conduzida pelas forças que estruturam a cidade contemporânea. Referem-se às pessoas, com um papel essencial, enquanto elementos indutores da acção; aos espaços públicos, enquanto estrutura de suporte espacial e lugares de socialização; e à identidade da cidade, com destaque para as orientações estratégicas e para os instrumentos da sua representação.

Sugere-se fazer uma análise centrada no espaço público, orientada pela gramática da paisagem urbana, distanciando-nos deste modo, da complexidade dos aspectos morfológicos do sistema urbano. Pretende-se igualmente esclarecer conceitos já instalados, bem como clarificar outros que irão sustentar a reflexão.

### **2.1.1.| As pessoas**

O actual modelo demográfico, o renovado sistema de mobilidade e as novas dinâmicas de socialização referentes a uma sociedade fortemente mediática, constituem os vectores centrais da mudança das cidades contemporâneas, com tradução em diversos aspectos caracterizadores do panorama social.

No seguimento da interpretação da cidade de Lewis Mumford (1961)<sup>8</sup> como símbolo de uma relação social integrada, entendendo como “*The first germ of the city ... is in ceremonial meeting place ...*”, Carlos Vieira de Faria (2000)<sup>9</sup> reforça a sua dimensão social enquanto espaço de confronto de ideias, de culturas, ideologias e movimentos sociais diferenciados e contrastantes, espaço de imaginação e de criatividade intelectual. Defende igualmente que a reflexão social do espaço urbano deverá incidir sobretudo no entendimento da apropriação da estrutura espacial da cidade. É neste sentido que nos propomos a caracterizar da dimensão social da cidade contemporânea.

Tradicionalmente, tendemos a identificar a pertença aos espaços com a presença efectiva, isto é, pertencemos ao local onde estamos presentes. A actual sensação de pertença no espaço urbano,

---

<sup>8</sup> Mumford, Lewis, 1961, pp. 18

<sup>9</sup> Faria, Carlos Vieira de, 2000

associada à vivência cada vez mais multipolar das cidades, conduz ao conceito de multi-presença, validado pela nova dimensão do “espaço-tempo” das cidades, o qual suscita diversas reflexões.

Michel Maffesoli (2005), atento aos aspectos aparentemente banais do quotidiano, relaciona o novo espaço-tempo a um “presenteismo forte”. Associado a esta ideia, defende igualmente que *...para lá do progressismo que está presente na nossa grande tradição, vemos regressar coisas que acreditamos terem já passado... Uma das características da pós-modernidade, é o retorno de todas essas coisas primitivas.*<sup>10</sup> O saudosismo e a nostalgia, sentimentos que caracterizam o pós-modernismo, fazem desejar a coexistência do modelo da cidade tradicional com a cidade inovadora e criativa, com uma grande flexibilidade e multiplicação de usos. Por sua vez, João Ferrão (2004) defende que o “espaço-tempo” das cidades contemporâneas promove a separação e a fragmentação. *Mas, também, porque os valores que produzem esse novo espaço-tempo ou que a ele se acomodam não valorizam uma concepção global de cidade pensada a partir das pessoas.*<sup>11</sup>

Esta nova dimensão de espaço conduz igualmente à substituição das “velhas formas de socialização”, baseadas na proximidade social, por “novas formas de comunidade”, entendidas à luz das conhecidas metáforas da “ciência e tecnologia”, “mobilidade e comunicação” e “inovação e desenvolvimento”, as quais sustentam a nova economia defendida por Manuel Castells (2000)<sup>12</sup>. No entanto, Ezio Manzini (2000) distancia-se deste entendimento. A sua posição centra a nova condição urbana nas “relações de proximidade”. Apesar da proximidade já não ser uma necessidade como era noutros tempos, defende que *...só à escala local é possível as pessoas avaliarem realmente os efeitos e, eventualmente, actuarem para os transformar...*<sup>13</sup> Na cidade global, o conceito de “bem estar” continua associado ao espaço que habitamos, procurando uma vida social de vizinhança, num reforço da importância da dimensão local, entendida como *...um bem comum que tem que ser apreciado, protegido e regenerado.*<sup>14</sup>

Para além das questões mais evidentes relacionadas com a dicotomia espaço local / espaço global e com o novo entendimento do tempo urbano, a crescente consciência ecológica da sociedade actual tem vindo a determinar igualmente os comportamentos urbanos. As preocupações ecológicas passaram a integrar a vida quotidiana a partir dos anos 60, mas foi na década de 90 que se associaram a inúmeras actividades, adquirindo de imediato, novos termos de identificação. Dizem respeito ao planeamento e arquitectura sustentável, eco urbanismo, eco turismo, e outros produtos e serviços variados. Face a este cenário, Tae-Wook Cha (2002)<sup>15</sup> questiona o significado deste interesse omnipresente da ecologia na cultura de consumo de

---

<sup>10</sup> Coentrão, Abel, 2005

<sup>11</sup> Ferrão, João, 2004, pp. 1

<sup>12</sup> Castells, Manuel, 2000

<sup>13</sup> Manzini, Ezio, 2000, pp. 143

<sup>14</sup> Manzini, Ezio, 2000, pp. 143

<sup>15</sup> Cha, Tae-Wook, 2002, pp. 321-335

massas do início do séc. XX, bem como o tipo de actividades com o prefixo de “eco” que se encontram genuinamente devotos à causa ambientalista. O autor associa o vazio desta associação a uma forte dispersão ideológica e à ausência de modelos conceptuais urbanos afirmativos.

O panorama social actual denuncia assim algumas debilidades, destacando-se a ausência de fortes referências culturais. No entanto, Manuel Castells (2000) no contexto da *nueva economía* deposita confiança na capacidade social de regeneração e valorização urbana, sendo da opinião que são os recursos humanos, constituídos pelas ...*personas de alta capacidad intelectual y de conocimiento...*<sup>16</sup>, assegurados pelos meios de inovação das cidades dinâmicas, que constituem as fontes de riqueza da cidade contemporânea. O mesmo autor defende que para a formação destas pessoas é necessário assegurar essencialmente três valores na sociedade: educação, com vista à criação de pessoas com valor; bom funcionamento dos serviços públicos municipais, com uma importância decisiva para o funcionamento do sistema; e a oferta de qualidade de vida urbana, responsável pela atracção das pessoas aos centros urbanos das cidades, ficando assim criadas as condições para a estruturação da “cidade criativa”.

### 2.1.2| O espaço público

Antes de avançarmos na análise do espaço público, importa deixar uma nota relativa à sua condição primária. João Mota (2001) introduz o tema, desafiando uma reflexão conceptual, referente ao carácter público do espaço urbano, o que será retomado mais à frente por Rosalyn Deutsche.

*Describing a place as public distinguishes it from other spaces that are not set aside and reserved for the public to gather. Since this is a rather provocative issue, it leads to the question of whether the rest of the city or landscape is public or not.*<sup>17</sup>

No contexto urbano actual, o seu carácter é cada vez mais abrangente, variando com o modelo urbano que integra, com os relacionamentos que estabelece com a cidade, entre outras condições do sistema urbano. No contexto deste trabalho, importa atender essencialmente a sua participação na construção da cidade. Nesse sentido, Francesco Indovina (2002) aponta três razões para o entendimento do espaço público como elemento fundador da cidade, com expressão em todas as épocas da história urbana, designadamente:

- *representa a condição para que se possa realizar a vida urbana...*

- *constitui um factor importante de identificação (e também de identidade), isto é, conota os lugares, dá-lhes forma representativa, assumindo muitas vezes a conotação de um “símbolo”...*

---

<sup>16</sup> Castells, Manuel, 2000, pp. 6

<sup>17</sup> Mota, João, 2001, pp. 43



*- a “cidade é o lugar da palavra”, o que impõe a organização de espaços nos quais a palavra possa ser expressa. Nesta dimensão, o espaço público é o lugar de socialização, de encontros e também onde se manifestam grupos sociais, culturais e políticos que a população da cidade exprime. Este papel desempenhado pelo espaço público é seguramente o mais evidente (e que hoje se encontra em crise).”<sup>18</sup>*

Assim, a reflexão centra-se no período que decorre desde a época em que os espaços públicos ganharam autonomia até à actualidade, procurando igualmente sistematizar alguns conceitos e aferir a linguagem associada a esta tipologia de espaço.

Depois da pintura paisagista que abriu as portas à individualização da categoria de espaço público, destaca-se, no séc. XIX, Camillo Sitte (1843-1903) e Frederick Law Olmsted (1822-1903), pela defesa das teorias urbanísticas que espelhavam a reprovação da “cidade industrial” de Toni Garnier (1869-1948) em prol da valorização dos parques e praças das zonas históricas das cidades, entendidas como espaços sociais de fuga às condições adversas, decorrentes do advento da revolução industrial que se iniciava. No entanto, apesar dos exemplos que vieram validar as suas teses, referentes aos primeiros parques de utilização não exclusivos à nobreza, como o Central Park, em Nova York, da autoria de Frederick Law Olmsted, o séc. XIX termina com um sentimento de perda do passado e com o desconforto de que a metrópole industrial é a única condição de vida possível ao homem contemporâneo.

Neste contexto, no seguimento das novas preocupações relacionadas com a expansão urbana, que caracterizam o final do séc. XIX, princípio do séc. XX, surgiram as primeiras orientações de planeamento do território, na defesa de um crescimento controlado da cidade. Depois, os planos de urbanização, propuseram-se a conceber ruas e avenidas largas, articulando os espaços livres com o edificado, bem como um esquema de transportes devidamente estruturado. No seguimento da evolução conceptual do planeamento urbano, a “cidade jardim” evolui para o conceito de “corredores verdes” que conduziam a paisagem rural para o centro da cidade, dando assim, resposta à ideia de *contium naturale*, que passa a orientar todo o planeamento com registo ecológico da segunda metade do séc. XX.

Posteriormente, nos anos 40, o planeamento racional e funcionalista expresso na Carta de Atenas, rejeita a morfologia da cidade tradicional. De acordo com estes princípios, os espaços públicos, enquanto espaços sociais e de representação urbana, perderam importância. A seguir à II Guerra Mundial, no período de construção de novos estados democráticos, foram levadas a cabo diversas acções de requalificação de praças, avenidas e parques, o que se traduziu num manifesto

---

<sup>18</sup> Indovina, Francesco, 2002, pp. 119

interesse por uma relação mais franca do espaço arquitectónico com o espaço público. Os espaços entre os volumes edificados passaram a ser tão importantes como os edifícios em si.

No âmbito do projecto dos espaços exteriores, inevitavelmente associados à prática da Arquitectura Paisagista, na aplicação dos fundamentos do Modernismo, destaca-se Garrett Eckbo (1910-2000) como um dos pioneiros do movimento modernista americano. Os textos compilados em 1950 no livro "*Landscape for Living*", são considerados, por muitos, como o equivalente da Arquitectura Paisagista do que representou para a Arquitectura, o livro "*Vers une architecture*", de Le Corbusier, publicado em 1923.

Por sua vez, Christopher Tunnard (1910-1979) distingue-se pelo contributo que confere ao corpo teórico da Arquitectura Paisagista como disciplina social, bem como pela defesa de um desenho de jardim mais funcional em detrimento dos abusos formalistas, característicos do modernismo. Afastado de uma unidade formal clássica, valoriza o jardim moderno, através de um maior diálogo com a natureza, bem como uma aproximação à arte. É neste contexto que surge o trabalho de Burle Marx (1909-1994). Com um vasto conhecimento botânico e uma forte intuição estética, é um exemplo notável da expressão de tais princípios. No contexto nacional, não podemos deixar de referir alguns exemplos emblemáticos, como o Estádio Nacional, da autoria de Francisco Caldeira Cabral, a Quinta de Serralves, no Porto, de Jacques Greber, a Torre de Belém, de Viana Barreto, o Vale do Silêncio, de Sousa da Câmara, os jardins da Fundação Calouste Gulbenkian, de Viana Barreto e Ribeiro Telles, bem como certos projectos do arquitecto Keil do Amaral, como o Parque de Monsanto em Lisboa.

Numa reacção ao Modernismo, Jane Jacobs (1916-2006), com a publicação do livro "*The death and life of great american cities*", publicado em 1961, ocupa um local de destaque no panorama da Arquitectura e do Planeamento Urbano pelas fortes críticas que faz à "cidade jardim", de Ebenezer Howard, à "*cidade radiosa*", de Le Corbusier, bem como à Carta de Atenas. Os seus argumentos, apoiados em estudos sociológicos referentes à qualidade de vida, indicam como maiores erros do Modernismo a supressão da rua e da praça, enquanto figuras espaciais com conteúdos próprios. Em contraponto ao modelo urbano vigente, num registo da apologia das metrópoles, defende o estabelecimento de uma rede urbana sustentada nos espaços públicos, marcando o início de uma época com um interesse renovado por tal categoria de espaço.

A marcar este período de viragem ideológica, novos movimentos artísticos ganham autonomia. É o caso da Land Art, que começou a manifestar-se nos anos 60, nos Estados Unidos da América, como posição de protesto ao mercado artístico de então. Caracteriza-se, no essencial, como uma manifestação artística de sedução estética e visual com expressão numa acção exercida sobre o território, onde o objecto artístico sai dos espaços fechados das galerias, para espaços exteriores de grande escala, geralmente não associados a referências humanas, na defesa de que o objecto

de arte ficaria, deste modo, mais acessível ao público. A associação aos contextos urbanos é posterior, surgindo da necessidade de ter um público mais participativo. Com afirmação nos anos 70 em Inglaterra, este movimento lançou as premissas que originaram, na década seguinte, uma nova abordagem do espaço público urbano.

Nos anos 80, numa afirmação pós-modernista, assiste-se a uma aproximação declarada das Belas Artes aos espaços públicos. Os princípios da Land Art ganham assim presença no contexto da cidade, não só na linguagem formal dos espaços públicos, como também na atitude projectual da arquitectura. Neste contexto destaca-se Isamu Noguchi (1904-1988) por ter sido um dos primeiros artistas a alargar o conceito de escultura à paisagem. Das suas obras evidencia-se o jardim da UNESCO em Paris, concebido entre 1956 e 1958, onde aplicou os princípios do jardim japonês. Outros exemplos de referência são a dupla Peter Walker e Marta Schwartz e também Vitto Acconci. A estes juntam-se Bernard Tschumi, reflectindo as teorias do desconstrutivismo de Jacques Derrida e os conceitos da arte conceptual defendidos por Peter Eisenman. Todos eles contribuíram para a afirmação do movimento de recriação do modelo clássico do espaço público urbano.

No séc. XX, assiste-se a um rápido e profundo processo de transformação urbana, que reforça a necessidade de um novo planeamento. Os espaços públicos voltaram a integrar a cidade de um modo pleno, participando inclusive na sua construção. Actualmente, reinventam-se à velocidade da cidade globalizada, permitindo uma simultaneidade de acontecimentos. Esta situação conduz a uma recriação dos valores essenciais da espacialidade urbana, com tradução na mudança dos modelos tradicionais de concepção e de utilização dos espaços. Tais mudanças constituem potenciais ameaças à identidade tradicional dos espaços. A partir dos anos 90 têm vindo a ganhar corpo em chavões como “*ethnoscape*”, proposto por Arjun Appadurai, “*non-places*”, criado por Marc Augé, “*junkspace*”, de Rem Koolhaas. Todos eles se opõem ao conceito de “*genius loci*”. Tratam-se de espaços amorfos, com uma ameaça da perda dos códigos tradicionais, resultando numa ineficaz prestação social, paisagística e ambiental.

De todos destaca-se a convicção de Rem Koolhaas, a qual proporciona um bom exercício de reflexão e de argumentação. Para uma compreensão da sua visão derrotista, transcrevemos parte da descrição detalhada e laboriosa que apresenta no livro “*Project on the city*”.

*...If space-junk is the human debris that litters the universe, junk-space is the residue mankind leaves on the planet. The built (more about that later) product of modernization is not modern architecture but Junkspace. Junkspace is what remains after modernization has run its course or, more precisely, what coagulates while modernization is in progress, its fallout. Modernization has a rational program: to share the blessing of science, universally.*

*According to a new gospel of ugliness, there is already more Junkspace under construction in the 21st century than survived from the 20th...It was a mistake to invent modern architecture for the 20th century. Architecture disappeared in the 20th century.*

*When we think about space, we have only looked at its containers. As if space itself is invisible, all theory for the production of space is based on an obsessive preoccupation with its opposite: substance and objects, i.e., architecture. Architects could never explain space; Junkspace is our punishment for their mystification. OK, let's talk about space then.*<sup>19</sup>

O autor não considera sequer a reinvenção do espaço público de acordo com as lógicas tradicionais de apropriação dos espaços. Alega, com a crescente atenção conferida ao invólucro do espaço, em detrimento do espaço em si, defendendo que as políticas de recuperação deverão ter um novo olhar ajustado à nova cidade que está a surgir e que se distancia cada vez mais dos conceitos tradicionais.

Na opinião de Francesco Indovina (2002), o espaço público, apesar das mudanças verificadas conservou o seu papel funcional, social e político-ideológico. Na sua perspectiva, ...não se trata da decadência de uma função de lugar, mas sim de uma carência de organizativa e de objectivos.<sup>20</sup>

Nas últimas décadas, os espaços passaram a competir entre si, procurando provar credibilidade artística e intelectual, acolhendo uma grande diversidade de funções, as quais convivem com uma liberdade artística em permanente actualização. São exemplos as actividades culturais que têm vindo a ganhar espaço e também tempo no quotidiano contemporâneo, atribuindo a categoria de espaço cultural à faceta de espaço público.

### **2.1.3| A identidade da cidade**

Para completar a caracterização da cidade contemporânea, abordamos de seguida o processo de representação da sua identidade onde pretendemos compreender as estratégias bem como as ferramentas utilizadas.

Para uma melhor compreensão deste mecanismo, propomos recuar um pouco no tempo, iniciando a reflexão na cidade de Setecentos. Nestes anos, com o objectivo de exaltação do poder da nação, a cidade ganha monumentalidade com as grandes obras arquitectónicas e festividade com a criação e integração na cidade dos centros de cultura, como os Teatros de Opera, as Bibliotecas e os Museus.

Depois, no séc. XIX, a “*cidade dos monumentos*”, descrita por Peter Hall (1996) como “*The City Beautiful Movement*”<sup>21</sup>, notabiliza-se no contexto da grande Europa capitalista através da reconstrução das grandes avenidas das cidades, tendo como exemplo mais imediato os *Boulevards* de Paris, da autoria de Georges-Eugène Haussmann. No séc. XX, esta manifestação

---

<sup>19</sup> Koolhaas, Rem, 2002, pp. 408

<sup>20</sup> Indovina, Francesco, 2002, pp. 122

<sup>21</sup> Hall, Peter, 1996

de glória é também representada em cidades da América Ocidental, voltando a manifestar-se nos anos 30 na Europa, sob a orientação do poder político ditatorial. Este movimento de imperialismo e totalitarismo, pretende essencialmente a transformação das cidades em símbolos de poder, tendo sido os conhecidos valores arquitectónicos que protagonizaram todo este processo.

Depois, com a Revolução Industrial, surgiu uma nova forma de exibição das cidades – as Exposições Internacionais, onde se procurava afirmar o poder do homem sobre o mundo, através da exposição do conhecimento humano, da superioridade cultural e tecnológica das nações, reforçando assim a notabilidade de cada país. Inicialmente, teve como objectivo a mostra das potencialidades dos novos materiais, onde as soluções ousadas eram desenvolvidas em estruturas efémeras, criadas para durar apenas o período da feira. No entanto, houve outras feiras que originaram elementos urbanos com um carácter mais permanente. É o caso da Torre Eiffel, criada por Gustave Eiffel para a Exposição Mundial de 1889.

No período correspondente ao Modernismo, destaca-se a “cidade radiosa” de Le Corbusier. Este, descrito por Garcia Lamas (2000) como o *arquitecto da monumentalidade*<sup>22</sup>, enquanto urbanista, encontrava-se mais interessado em expor uma visão arquitectónica da cidade, do que uma abordagem abrangente e integral do espaço urbano. De acordo com estas orientações, a representação da cidade assenta na colecção de objectos isolados, distribuídos pelo espaço. A própria Carta de Atenas faz a apologia do edifício alto e isolado, localizado em lugar de destaque, impondo-se à paisagem.

Nos anos 60, as reacções à cidade moderna começaram a ganhar visibilidade. Dos diversos nomes associados a este momento de viragem da história urbana destacam-se Gordon Cullen e Kevin Lynch pelas contribuições que trouxeram no âmbito ideológico da estética arquitectónica e percepção urbanística. O primeiro lança um caminho de reflexão orientado pelas emoções suscitadas pela estética e vivência da cidade. Neste sentido, privilegia o legado histórico referente às categorias espaciais de espaço público, como a rua e a praça, associados aos volumes dos edifícios, bem como a cor, a textura e os pormenores construtivos como elementos de representação. Kevin Lynch, por sua vez, transporta para a prática urbanística, a importância da imagem, no comportamento social e psicológico dos habitantes da cidade. Assim, a imagem da cidade, bem como a sua influência no comportamento humano, voltou a constituir um campo de trabalho autónomo.

Por sua vez, os anos 80 viveram um período de maior interesse pelo centro urbano da cidade, promovendo assim a valorização da presença do passado na categoria arquitectónica e de espaço público, conduzindo a um novo impulso da recuperação do seu carácter histórico. Neste contexto, as operações de visibilidade da cidade encontram-se ancoradas ao legado patrimonial, passando

---

<sup>22</sup> Lamas, Garcia, 2000, pp. 351

esta a afirmar-se através dos seus valores históricos, alargando o âmbito da sua expressão e os instrumentos de representação.

A filosofia e a crítica literária de Jacques Derrida, na defesa do axioma “*nothing means anything*”, afirma o Desconstrutivismo e liberta a arquitectura do Modernismo, a qual ganha reconhecimento como disciplina interdisciplinar. Em oposição à racionalidade funcionalista vigente traz um novo olhar sobre a monumentalidade e o historicismo. Caracteriza-se essencialmente pela afirmação de uma atitude irreverente, sugerindo a desmaterialização do espaço arquitectónico e urbano, dando primazia à semântica, bem como às funções da estética e simbolismo. Acentua assim o poder comunicativo da cidade. Depois de Jacques Derrida, nomes como Robert Venturi, Norman Foster e também James Stirling dão corpo a este movimento. Nos anos 80, estas novas ideias foram aplicadas à arquitectura por Eisenman e Bernard Tshumi, tendo muitos a opinião que o seu ícone máximo é o Museu Guggenheim, em Bilbao, da autoria de Frank O. Gehry. Com esta obra, o seu autor reintroduz a afirmação de poder e protagonismo da cidade através da forma escultórica.

O actual paradigma tecnológico, com a intervenção do software na manipulação da forma, com novas interfaces digitais, conduz a uma arquitectura experimental, à diluição das fronteiras com os outros domínios artísticos e a uma crescente dimensão autobiográfica. A arquitectura converteu-se assim numa espécie de auto-expressão artística, integrando uma grande variedade de manifestações individuais.

No entanto, os sistemas digitais e a globalização da arquitectura põem em risco a linguagem tradicional. Os resultados do avanço da tecnologia aplicada à arquitectura conduzem a confrontos do real com o virtual, sob a designação de “*transarquitectura*”, da autoria de Marcos Novak. Com novas perspectivas de acção, caracterizam uma época onde é permitido fazer tudo e onde nada parece estranho e extravagante. Assim, os resultados arquitectónicos, cada vez mais sofisticados, decorrentes da manipulação digital e de técnicas de construção avançadas, aproximam a arquitectura das Belas Artes e também das formas da natureza. A ligação às Belas Artes, traduz-se na linguagem figurativa e plasticizada, enquanto que o reencontro inovador com a natureza, desenvolve-se através da exploração de bioformas.

O processo de criação da imagem da cidade, sempre presente desde o séc. XIX nos valores arquitectónicos, manifesta-se na actualidade num novo modelo que tem vindo a ser adoptado por muitas cidades. O novo paradigma figurativo das cidades, sustentado na informação, na cultura e no lazer, encontra-se frequentemente associado ao espaço público, aproximando, por vezes, o conceito de lugar ao carácter de “*mercancia*”<sup>23</sup>, procurando a “*identidad a través del consumo*”<sup>24</sup>, como refere Abel Albet i Mas (2004), com o exemplo da cidade de Barcelona.

---

<sup>23</sup> Albet i Mas, Abel, 2004, pp.17

<sup>24</sup> Albet i Mas, Abel, 2004, pp.17

#### **2.1.4| Síntese**

O modelo da cidade tradicional encontra-se em permanente transformação, com reflexo imediato nos comportamentos das pessoas, no modo como os espaços exteriores públicos são entendidos e utilizados no sistema urbano e na forma como operam no novo modelo de representação da cidade. São estas as premissas, estruturadas em torno das pessoas, do espaço público e da identidade da cidade que vão anunciar o desejo e/ou a necessidade de mudança das condições urbanas actuais.

As pessoas da cidade contemporânea reforçam a visão humanista do processo de (re) construção urbana, centrando o grande desafio na ideia de pensar a cidade a partir do valor de cada indivíduo. Promovem a criação da “cidade criativa” através da valorização do “*capital social*”, devendo, por isso, no contexto do Plano de Acção, assumir a responsabilidade de indução das actividades propostas.

O espaço público, por sua vez, é entendido na sua dimensão social, bem como símbolo identitário, constituindo, no contexto da cidade contemporânea uma força competitiva. No âmbito do Plano de Acção, representa a estrutura de suporte de acção.

A representação espacial da identidade da cidade contemporânea estendeu-se ao espaço público. Este novo contexto cria fortes símbolos identitários com reconhecimento municipal, como também internacional, promovendo assim a coesão social e o valor afectivo pelo local. Face ao sistema competitivo do sistema urbano actual, no âmbito do Plano de Acção, constitui a representação da imagem da cidade.

#### **2.2| Planeamento, cultura e sustentabilidade**

Neste Capítulo, suportado pelos planos, estudos, convenções e incentivos (reunidos no Anexo 1), que instruem a Proposta, esclarecem conceitos e procedimentos, identificámos dois grupos de trabalho: o sistema de planeamento, referente aos modelos e estratégias racionalistas em vigor, e o grupo relativo à sustentabilidade cultural, que constitui uma preocupação emergente que tem vindo a ganhar expressão na última década. Pretendemos, num primeiro momento, a análise dos conceitos, que orientam os processos de planeamento referidos aproximam os dois grupos no panorama ideológico. Já no que diz respeito à sua aplicação diferem nos procedimentos. Nesse sentido, após a análise conceptual segue-se a sistematização dos benefícios e ameaças identificadas.

### 2.2.1| Planeamento

Na avaliação dos modelos de planeamento actuais, a principal reprovação que se coloca refere-se ao não cumprimento das orientações consagradas em planos ou noutros instrumentos da política urbana, decorrente de uma fragilidade política, teórico-conceptual e também da ausência de mecanismos que imponham o cumprimento dos planos. Esta situação coloca em risco ideias e investimentos, bem como ameaça esgotar conceitos sem nunca terem sido aplicados.

O objectivo final do processo de planeamento é aproximar a sua aplicação prática aos desejos e necessidades da comunidade. Face à complexidade e dinâmica da cidade contemporânea é importante adequar o sistema de planeamento a situações em permanente mudança, dotando de certa flexibilidade as determinações normativas dos planos, permitindo obter uma maior diversidade nas actuações e conferir uma maior liberdade aos operadores. A retirada de rigidez ao sistema contribui para a simplificação de todo o processo, desde a sua preparação até à posterior aprovação. A restrição dos conteúdos dos planos ao essencial contribui igualmente para uma maior agilidade da resposta.

Os planos apresentam-se muitas vezes com um carácter hermético, ambíguo e dúbio, revelando, por vezes, um grau de subjectividade elevado nas orientações estratégicas, pouca clareza e imprecisões nos conceitos, afastando-se assim do carácter imparcial e rigoroso requerido (de tal forma que se obtêm interpretações diferentes, de acordo com as figuras mandatárias). Nestes casos, actuam como barreiras à aplicação das estratégias de planeamento. Revelam por vezes uma insuficiência metodológica, uma inadequação dos processos e instrumentos utilizados, como também uma simplificação exageradamente reducionista.

A ineficácia de tais instrumentos prende-se também com o carácter pouco democrático que os caracteriza, não envolvendo directamente e de um modo operativo os cidadãos no processo de desenvolvimento, inibindo assim, a criatividade e o espírito crítico. A ausência de avaliação do desempenho dos planos também contribui para a debilidade dos modelos em análise.

O sistema de planeamento constitui um permanente campo experimental, sendo imprescindível a continua reformulação dos seus mecanismos, no que diz respeito à revisão das práticas e experiência de novos modelos e medidas legislativas.



## 2.2.2| Sustentabilidade cultural

A cultura é um dos mais complexos e discutidos conceitos universais. As utilizações contemporâneas do conceito de cultura afastam-se do sentido unidireccional tradicional, com uma aplicação alargada a diversos sectores. Na Antiguidade Clássica designava três aspectos interligados: *aquilo que faz que o homem seja um homem; a preocupação do homem pelo homem no sentido da mútua vinculação...aquilo pelo qual o homem se torna verdadeiramente homem, a sua formação ou educação...*<sup>25</sup>. O entendimento governamental, por sua vez, refere a importância da visão cultural para o alcance de uma sociedade saudável, segura, tolerante e criativa, através da recomendação respeitante à protecção do património cultural e natural, adoptada pela “Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura”, reunida em Paris, de 17 de Outubro a 21 de Novembro de 1972, na sua décima sétima sessão:

*Para os fins da presente Recomendação são considerados como “património cultural:*  
*Os monumentos: obras arquitectónicas, escultura ou pintura monumentais, incluindo grutas e inscrições, assim como os elementos, grupos de elementos ou estruturas de especial valor do ponto de vista arqueológico, histórico, artístico ou científico;*  
*Os conjuntos: grupos de construções isoladas ou reunidas que pela sua arquitectura, unidade ou integração na paisagem, têm um valor especial do ponto de vista da história, arte ou ciência;*  
*Os lugares: zonas topográficas, obras conjugadas do Homem e da Natureza que têm um valor especial devido à sua beleza ou ao seu interesse do ponto de vista arqueológico, histórico, etnológico ou antropológico.*<sup>26</sup>

O programa nacional do Governo para a área da cultura, refere:

*...conseguir um equilíbrio dinâmico entre a defesa e valorização do património cultural, o apoio à criação artística, a estruturação do território com equipamentos e redes culturais, a aposta na educação artística e na formação dos públicos e a promoção internacional da cultura portuguesa. A opção política fundamental do Governo é qualificar o conjunto do tecido cultural, na diversidade de formas e correntes que fazem a sua riqueza do património à criação, promovendo a sua coesão e as suas sinergias.*<sup>27</sup>

Por sua vez, o discurso do quotidiano, atribui-lhe dois significados distintos: valores sociais (ou modo de vida) e valores artísticos (ou expressão artística). Na perspectiva de que todos os aspectos da vida social são culturais, é entendido por Chris Jenks como *democratically imperialistic*.<sup>28</sup>

No contexto deste trabalho, o conceito de cultura deverá ser entendido como um sistema de relações, interdisciplinar, em renovação contínua, associado à ideia de espaço público onde os seus significados ganham corpo. Neste sentido, destacamos a opinião de Augusto Santos Silva que entende o campo cultural como ... *sistema de relações entre lugares, recursos e sujeitos*,

<sup>25</sup> Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, pp. 578 e 579

<sup>26</sup> [http://www.unesco.org.br/publicacoes/copy\\_of\\_pdf/convpatrimoniomundial.doc](http://www.unesco.org.br/publicacoes/copy_of_pdf/convpatrimoniomundial.doc) (consultado a 1 de Fevereiro de 2006)

<sup>27</sup> <http://www.min-cultura.pt/Ministerio/Programa.html> (consultado a 1 de Fevereiro de 2006)

<sup>28</sup> Jenks, Chris, 1993, pp. 158

*dotado de autonomia estrutural*.<sup>29</sup>, que partilha com Carlos Fortuna a metaforização do conceito numa “*janela útil e ampla para olhar as cidades*”<sup>30</sup>. Por sua vez, Joana Sousa Ribeiro (2000) reporta para o espaço urbano estas ideias, associando o conceito a um “*potencial recurso de regeneração da vida pública urbana*”<sup>31</sup>.

Nesse sentido, face ao surgimento de uma nova consciência social, cultural e ambiental, numa época exigente num maior pragmatismo, eficiência e flexibilidade, assistimos ao despertar de um novo paradigma de planeamento com atitudes e processos renovados. A nova visão do planeamento entende que a cultura é um aspecto tão vital quanto a equidade social, a responsabilidade ambiental e o desenvolvimento económico, não devendo assim restringir-se unicamente à visão artística, como tendencialmente acontece. Deverá sim, centrar-se no “capital social” da cidade, associado à identidade da comunidade, conduzindo a um sentimento de pertença, de orgulho e de celebração do lugar. Não deverão igualmente ser esquecidas as mensagens artísticas, as quais contribuem profundamente para o desenvolvimento da comunidade, introduzindo, no sistema de planeamento urbano, os conceitos da inovação, criatividade e imaginação. A associação às artes e à dimensão do simbólico inscreve o modelo cultural na criação dos espaços públicos, conferindo assim responsabilidade às estratégias urbanas, tornando o planeamento da cidade mais eficaz.

A nova estratégia de regeneração urbana, de acordo com os princípios do desenvolvimento sustentável abrange diversos aspectos guiados por um maior pragmatismo e intervenção directa, com expressão nas novas apropriações e renovados modelos de gestão do espaço público. O funcionamento em parceria decorrente dos acordos com outras instituições é um bom exemplo.

A relação entre cultura e desenvolvimento tem sido assim objecto de interesse da comunidade internacional nos últimos anos.

O desenvolvimento urbano reconhece a importância dos aspectos culturais, tal como os factores económicos e sociais, no sentido em que é nestes contextos que a individualidade e criatividade dos povos se manifesta. A introdução do conceito de cultura na estrutura do processo de valorização do espaço, de acordo com os princípios defendidos nos documentos enunciados, constitui uma estratégia fundamental, com benefícios claros para o processo de planeamento.

Das muitas valias associadas, destacamos a ampliação da oferta e da democratização dos serviços e actividades culturais, a criação de um público mais informado e também mais crítico e exigente, com uma participação equitativa no contexto da globalização, com uma crescente expressão na nova relação com os espaços exteriores. O emprego deste novo modelo nos

---

<sup>29</sup> Silva, Augusto Santos, 2003, pp. 11

<sup>30</sup> Santos, Boaventura de Sousa, 2002, pp. 30

<sup>31</sup> Ribeiro, Joana Sousa, 2000, 40

espaços públicos promove a qualidade urbana da cidade, bem como a criação de novas oportunidades de trabalho constituindo ... *nas últimas décadas, o veículo fundamental da visibilidade das cidades europeias, funcionando muitas vezes, como motor da sua própria revitalização.*<sup>32</sup>

A associação da cultura à estrutura económica e política da cidade constitui igualmente uma importante força geradora de desenvolvimento da indústria cultural, despoletando novos produtos e espaços competitivos, favorecendo novas vivências culturais. Os benefícios estendem-se também ao contexto do planeamento urbano. Comparativamente com o sistema de planeamento vigente, comporta uma abordagem holística e sistémica, caracterizando-se por uma maior clareza dos conceitos e procedimentos, tornando-o mais compreensível e acessível a todos, actuando, assim, com maior exigência e responsabilidade. Face às frequentes e inesperadas mudanças da cidade contemporânea, a atitude de maior pragmatismo, flexibilidade, a simplificação dos procedimentos logísticos, bem como a maior aproximação à vivência quotidiana das cidades.

No que concerne às ameaças do modelo referido destacamos a opinião de Vito Acconti. Numa atitude céptica refere que, para além do efeito promocional da política cultural e espaços sociais, bem como da própria identidade da cidade, a adopção de uma “estratégia cultural” para a reabilitação de espaços levanta questões relacionada com o sistema das artes, no que se refere em concreto ao risco da banalização do conceito de arte.

### **2.2.3| Contributos para um novo modelo de planeamento**

A cidade contemporânea, descrita no capítulo anterior com um cenário urbano esgotado, comportando lugares não socializados, decorrentes de públicos enfraquecidos, anuncia a urgência de mudança. O desajuste das políticas de planeamento urbano actuais a estes contextos conduz a um descrédito das estratégias vigentes, vincando a necessidade de estabelecer uma linguagem e *modus operandi* sustentado por novos referenciais metodológicos ajustados ao paradigma da cidade contemporânea. Apesar de não constituir ainda um modelo afirmativo e consensual, reunimos aqui algumas teses que enunciam a direcção que está a seguir.

Tais reflexões, iniciadas nos anos 70, numa reacção directa ao Modernismo, colocam dúvidas, desafiam normas e questionam os modelos racionais vigentes. Depois, as estratégias de requalificação urbana que marcam as décadas de 80 e 90, responsabiliza os espaços públicos na construção e valorização da cidade, atribuindo-lhes em muitos casos, a faceta de mediadores culturais, nas quais este trabalho se revê.

---

<sup>32</sup> Grande, Nuno, 2005, pp. 82

Na bibliografia consultada, identificaram-se quatro autores e uma cidade que constitui um exemplo paradigmático das novas estruturas de representação da identidade urbana, que através dos conceitos e metodologias defendidas vão ao encontro das expectativas e valores da cidade contemporânea. São eles Bernard Tschumi, a “Cidade Espectáculo” de Barcelona, Rosalyn Deutsche, Jon Hawke e João Ferrão.

### 2.2.3.1| A atitude projectual de Bernard Tschumi

Em oposição ao “conhecimento da forma da arquitectura”, Bernard Tschumi desenvolve a sua ideologia em torno da “forma de conhecimento”, entendendo aquela disciplina como a *«thing» for passing time in space*.<sup>33</sup> Num desafio aos seus fundamentos tradicionais, estabelece uma relação directa entre o conceito, o material e o produto final da arquitectura. Com o argumento de libertação da disciplina do modelo rígido do funcionalismo original e do contexto incerto em que se insere, abandona a relação de causa-efeito defendida pelo Modernismo, onde a forma segue a função, ou vice-versa, a favor dos *events that take place in spaces as about the spaces themselves*.<sup>34</sup>

O tributo que faz à dimensão efémera da arquitectura contemporânea é sustentado pela mudança permanente do espaço, relacionado também com a utilização dos softwares actuais, que transformam o carácter de permanência dos edifícios. Neste contexto, lança um novo olhar para a expressão material da arquitectura, centrando a atenção nos cheios, vazios, sequências, articulações e colisões espaciais, enfatizando assim os aspectos coreográficos e cenográficos daquela disciplina. Desliga-se, portanto, das questões formais da arquitectura, centrando os fundamentos da disciplina em três conceitos relacionados, referentes ao “evento”, ao “espaço” e ao “movimento”, que define do seguinte modo:

*«Event» is about simultaneities, irreversible moments, and discontinuities. (You cannot predict events).<sup>35</sup>, cujo significado ...is not a matter of historical precedent or provocation. In superimposing ideas and perceptions, words and spaces, these events underlined the importance of a certain kind of relation between abstraction and narrative – a complex juxtaposition of abstract concepts and immediate experiences, contradictions, superimpositions of mutually exclusive sensibilities.<sup>36</sup>*

*By definition architectural concepts were absent from the experience of space. Again, it was impossible to question the nature of space and at the same time make or experience a real space. The complex opposition between ideal and real space was certainly not ideologically neutral, and the paradox it implied was fundamental.<sup>37</sup>*

---

<sup>33</sup> Tschumi, Bernard, 2001, pp.23

<sup>34</sup> Tschumi, Bernard, 1996, pp.25

<sup>35</sup> Tschumi, Bernard, 1999, pp. 172

<sup>36</sup> Tschumi, Bernard, 1996, pp. 145

<sup>37</sup> Tschumi, Bernard, 1996, pp. 69

... a form of notation that was there to recall to recall that architecture was also about the movement of bodies in space, that their language and the language of walls were ultimately complementary.<sup>38</sup>

No que concerne à dimensão temporal da arquitectura, à pergunta lançada por Kevin Lynch, *What time is this place?*<sup>39</sup>, Bernard Tschumi responde com o conceito de “sequência linear”. Para a sua caracterização, defende que na representação do tempo no espaço perde-se a duração do mesmo, ou seja, fixam-se momentos em detrimento da fluidez ou mobilidade inerente ao seu movimento. Neste sentido, entende que a história da arquitectura não constitui uma progressão linear do seu legado, mas sim uma narrativa feita de uma diversidade de experiências, inscrita num tempo pluralista, referente à simultaneidade de movimentos, formas e experiências.

A inovação da sua proposta apoia-se na ideia de que o corpo se constrói no espaço através do movimento, ao que associa o conceito de “sequência”, entendido como a sucessão de cenários que confrontam espaços, movimentos e eventos. Pode ser classificado em função do seu comportamento em “sequências fechadas”, com um fim previsível, e “sequências abertas”, permitindo a introdução de sequências de outra ordem, concorrentes ou justapostas. Refere como exemplo a ocorrência simultânea da estrutura narrativa ou programática com a estrutura formal ou espacial. De qualquer modo, o significado final de qualquer “sequência” é dependente da relação evento / espaço / movimento.

O autor reúne assim os fundamentos para a reavaliação do conceito da disciplina, criando nas suas obras uma inevitável disjunção entre o uso, a forma e os valores sociais. Os seus projectos demonstram uma preocupação em fazer interagir os conceitos de *evento*, *movimento* e as *forças* estruturantes do *espaço*. Destacam-se o Parc de La Villette, em Paris (1983), onde foram usadas sequências espaciais e programáticas para a criação de uma prática social alternativa e desafiadora dos usos esperados, *Alfred Lerner Hall*, Universidade de Columbia e a exposição *The Manhattan Transcripts*, em Manhattan (1978-1991). Esta última proposta assenta numa interpretação arquitectónica da realidade. Trata-se de uma estrutura que integra fotos que direcciona ou testemunha eventos, recriando a relação complexa entre os espaços e a sua utilização, entre o cenário e o argumento, objectos e eventos, descrevendo deste modo a cidade do séc. XX.

No decorrer desta análise, é o entendimento conceptual da dimensão espacial e temporal dos espaços arquitectónicos da cidade contemporânea que traduz a atitude projectual do seu trabalho. Por sua vez, através dos cheios e dos vazios, das sequências, das articulações e das colisões espaciais, propõe um novo olhar para a expressão material da arquitectura que se centra nos aspectos coreográficos daquela disciplina.

---

<sup>38</sup> Tschumi, Bernard, 1996, pp. 148

<sup>39</sup> Jenks, Charles, 1999, pp. 181

### 2.2.3.2| A cidade espectáculo de Barcelona

No contexto actual, as cidades procuram superar a “crise de carácter” decorrente da consciência do desajuste dos seus espaços ao novo paradigma urbano. Neste sentido, a competitividade entre as cidades suscita o desenvolvimento de múltiplas estratégias, planos e acções que procuram a sua reinvenção. Provocam diversas atitudes, onde a genuinidade das acções confronta com cenários forçados e descaracterizadores, decorrentes de estratégias enganosas.

A cidade de Barcelona distingue-se no contexto urbano actual pela exemplar política urbana que comanda o seu desenvolvimento desde os anos 80. Com uma estratégia de intervenção muito clara, objectiva e sólida, os espaços públicos têm tido uma importância notável na construção da cidade, a qual se tem vindo a afirmar num modelo em que a cultura constitui o motor de acção, com expressão nas suas diversas utilizações contemporâneas. É o caso dos lugares de conhecimento, mercados turísticos e produtos de consumo, conducentes a um notável processo de afirmação internacional, com reflexo nas relações políticas e económicas internacionais.

A abrangente metaforização da “cidade espectáculo” que lhe é atribuída, legitima o carácter universal, multicultural e de mudança permanente característica da cidade global, permitindo-lhe a construção de uma imagem exterior forte e credível. Esta estratégia, com resultados no desenvolvimento do sector da indústria cultural, estabelece uma dimensão de cidade identificada por Abel Albet i Mas (2004) como *mercancia*<sup>40</sup>, que o autor caracteriza como um *...producto capaz de generar grandes beneficios empresariales: lo que ya era habitual en las obras de arte (el valor simbólico) se proyecta e incorpora también ahora a una grandísima diversidad de productos.*<sup>41</sup> Esta capacidade para gerar grandes rendimentos económicos, bem como uma oferta cultural apreciável confere-lhe uma vantagem competitiva no mercado global.

Resultado de uma orientação meditada e cautelosamente dirigida ao longo das duas últimas décadas, o modelo de planeamento tem vindo a decorrer com uma continuidade desejável, ancorado na realização de grandes eventos, com repercussões em diferentes sectores do universo urbano. Integra diferentes etapas que se destacam pela valorização e gestão urbana dos espaços públicos, pela integração em redes internacionais, entre outros aspectos estratégicos, reveladores de uma procura atenta aos motores de crescimento mais eficazes. António Oliveira das Neves (1996) faz uma síntese da metodologia que guiou a estratégia de planeamento da cidade:

*Quanto à etapa de formalização do plano, que se considera parte integrante do processo de planeamento, enquanto processo contínuo, foi definida uma metodologia de formalização assente em quatro critérios básicos: (i) todas as medidas do plano são estratégias e correspondem a decisões adoptadas por unanimidade, pelo que devem ser concretizadas; (ii) as medidas do plano não são homogéneas quer quanto ao seu*

---

<sup>40</sup> Mas, Abel Albet i, 2004, pp. 16

<sup>41</sup> Mas, Abel Albet i, 2004, pp. 21

*nível de concretização, quer quanto ao grau de exequibilidade prática e imediata, quer ainda, quanto ao período de maturação; (iii) a eficácia do plano pressupõe a implementação faseada no tempo das diferentes medidas; (iv) o plano é um processo aberto que deve integrar alterações que correspondem a novas necessidades ou a mudanças não previstas.*<sup>42</sup>

O percurso que decorre desde a “crise de carácter” dos anos 80 a uma reconhecida “ projecção universal” actual demonstra uma elevada capacidade de actuação. A sua história urbana integra diversas etapas de desenvolvimento, correspondentes a momentos de notoriedade urbana.

Em síntese, destaca-se a estabilidade económica de Barcelona dos anos 80, que marcou favoravelmente o lançamento da cidade para a transformação urbanística, com início nos Jogos Olímpicos de 1992, bem como o despontar de uma nova atitude competitiva nas relações internacionais, marcada pelo início do processo de integração europeia. A definição consensual das linhas estratégicas do projecto para Barcelona, as quais foram aplicadas através da criação de parcerias publico-privadas, alargadas a diversos agentes da cidade também contribuíram para a ... *renovación social de diversos sectores de la ciudad, por la innovación cultural, por la mejora del medio construído, por la construcción de nuevos espacios de consumo y de ocio y, también, por una imagen capaz de incluir todo ello.*<sup>43</sup>

Assim, a imagem da “cidade espectáculo” foi criada, desde os anos 80, por uma dinâmica de transformação urbana traduzida em novos espaços de consumo e ócio decorrentes de internacionais significativos. Referem-se aos *Jogos Olímpicos de 1992*, o *Fórum Universal de las Culturas*, em 2004 e, mais recentemente a *Agenda 21 da Cultura*, bem como a afirmação da sua escala metropolitana da cidade.

Nos *Jogos Olímpicos de 1992*, a política de intervenção assente na transformação da morfologia da cidade, teve como protagonistas os espaços públicos, estratégia reforçada pela criação do *Fórum Universal de las Culturas*, com uma maior participação da iniciativa privada. Caracteriza-se essencialmente pelas actuações nos espaços públicos, equipamentos comunitários e infra-estruturas colectivas. A aposta centrou-se na metáfora da “cidade multicultural”.

Na continuação da estratégia da cidade, destacamos a sua participação na *Agenda 21 da Cultura*, bem como os novos ícones arquitectónicos emergentes. A *Agenda 21 da Cultura* consiste num plano de acção estratégico para o alcance do desenvolvimento sustentável, num compromisso dos governos locais com a cultura, sendo esta entendida como um dos pilares para a construção das políticas de desenvolvimento urbano. Os novos ícones arquitectónicos surgem numa afirmação da silhueta vertical da cidade, anunciada pela sua posição territorial envolvida pela linha de mar e pela montanha. Numa lógica da relação com a envolvente, mar e montanha, destacam-se três

<sup>42</sup> Neves, António Oliveira das, 1996, pp. 64 e 65

<sup>43</sup> Mas, Abel Albet i, 2004, pp. 23

edifícios, decorrentes de uma clara estratégia global que pretende a visibilidade e a afirmação da escala metropolitana de Barcelona. Constituem os ícones do novo milénio da cidade de Barcelona, promovidos a obras de arte. Referem-se à Torre de Agbar<sup>44</sup>, à Torre Marenostrum<sup>45</sup> e ao Novo Hotel da cadeia Hesperideria<sup>46</sup>.

A requalificação urbana assente nos eventos culturais confere um carácter de “espectáculo” à cidade de Barcelona. O ajuste do programa municipal ao contexto da cidade contemporânea, associado à genuinidade das políticas urbanas eleitas, bem como à sua permanência temporal, traduz-se no sucesso do desempenho da estratégia, conferindo-lhe credibilidade. Assim, a nova territorialidade estética, actuando como força política e meio de capitalização financeira, possibilita um modelo de planeamento urbano inovador.

### 2.2.3.3| O espaço público de Rosalyn Deutsche

A efectiva instalação formal da arte nos espaços urbanos só acontece na década de 80. Nestes anos, assiste-se a uma grande contestação às ideias conservadoras associados aos diferentes sectores artísticos e a um novo protagonismo da estética urbana, iniciando-se a recriação dos espaços públicos à luz dos pressupostos da Land Art. Foi a partir desta década que artistas e críticos, insatisfeitos com a ideia construída em torno do papel de arte pública, como uma manifestação de crítica social, promovem a revisão do seu conceito, passando esta a ser entendida como um elemento de requalificação das cidades. Desde então, o conceito de cultura ganhou um papel preponderante na valorização urbana, com repercussões no discurso representativo da identidade da cidade global.

O público da cidade contemporânea, apesar de não se encontrar totalmente desligado das lógicas tradicionais, clama por novas apropriações, conduzindo a outras atitudes de reabilitação urbana que tem vindo a ganhar expressão nas últimas décadas. Neste sentido, a categoria de espaço público nos domínios da arte, da arquitectura e dos estudos urbanos, tem vindo a ser tema de debate em variadíssimas esferas disciplinares.

Rosalyn Deutsche (1996)<sup>47</sup> destaca-se nos anos 90 pelas relações que estabelece entre arte contemporânea e as políticas de espaço, na criação de um modelo de requalificação urbana.

---

<sup>44</sup> A Torre de Agbar refere-se a um edifício de escritórios da Companhia de Aguas de Barcelona, da autoria de Jean Nouvel, em associação com o atelier espanhol b720. Localiza-se à entrada de um antigo bairro industrial que se encontra de momento em reabilitação, tendo sido concluída em 2004. É comparada pelo autor a um géiser.

<sup>45</sup> A Torre Marenostrum constitui a nova sede de Gás Natural de Barcelona, da autoria de RMBT, arquitecto Enric Miralles e Benedeta Tagliabue. Localizada na frente de mar da cidade velha, constitui um conjunto de diversos volumes erguidos em altura, com um carácter metamórfico, em constante interacção com a envolvente urbana. Foi concluída em Setembro de 2004.

<sup>46</sup> Diz respeito ao Novo Hotel da cadeia Hesperideria de Barcelona e Centro de Congressos. Integra a Área Metropolitana de Barcelona, localizado em Hospitalet de Llobregat, junto à *Fira de Barcelona*. Da autoria de Richard Rogers em associação com Alonso e Balaguer, foi inaugurado em 2005. Com 104 metros de altura tem um alcance visual de 18Km, num raio de 360°.

<sup>47</sup> Deutsche, Rosalyn, 1996



Trata-se de uma ideologia que relaciona a arte com o espaço público numa forte aliança estética. Esta “experiência criativa”, no âmbito do planeamento urbano reforça o papel da arte na revitalização dos espaços da cidade.

A autora desenvolve a sua posição em torno do carácter público e consequente significado democrático dos espaços da cidade. Defende que o conceito de espaço público constitui uma retórica do conceito de democracia, funcionando frequentemente como um álibi, através do qual os programas políticos com expressão no discurso de representação das cidades são autorizados. Foi por estas razões que começou a interessar-se pela associação da arte no discurso do espaço público.

O entendimento do espaço público de Rosalyn Deutsche opõe-se aos princípios convencionais, argumentando com *...the concept of public space that is based not on location but on the performance of an operation*<sup>48</sup>.

Numa atitude de desconstrução da definição tradicional de espaço público introduz questões responsáveis pela provocação de alguns conceitos e procedimentos, nomeadamente fronteira e exclusão. Neste sentido, a fronteira que constrói o espaço público, conferindo-lhe a sensação de interior, é validada na relação com algo que lhe é exterior e oposto, como o espaço privado. Assim, o conceito de espaço público adquire um sentido muito vago e abrangente, podendo referir-se a uma cidade, a um edifício ou a um parque, mas também a uma categoria, a uma teoria ou obra de arte, não sendo portando, entendido como uma identidade, mas sim como um relacionamento.

No que concerne à arte pública, que nos induz instantaneamente para a condição de objectos, lança a questão: *Could «public art» also now include work that few have seen but many are discussing, or purely conceptual art in witch the object is all but dematerialized and only the barest description of the idea for the object exists?*<sup>49</sup> A arte, para além dos resultados, é também um processo, o que não implica a existência, nem a permanência de matéria. As dinâmicas actuais adivinham-se decisivas para testar este *modus operandi*.

Rosalyn Deutsche distancia-se assim das funções vigentes na década de 80 referentes ao “embelezamento” dos espaços com o objectivo de atrair de audiências. No seu entendimento, arte pública é um instrumento que conduz à discussão política, ou que se transforma em força política, participando assim no processo de construção dos espaços com uma função democrática. Neste sentido, ajuda a suprimir os conflitos sociais, produzindo efectivamente novos espaços urbanos.

<sup>48</sup> [http://www.thephotohistoryinstitute.org/journals/1998/rosalyn\\_deutsche.html](http://www.thephotohistoryinstitute.org/journals/1998/rosalyn_deutsche.html) (consultada a 10 de Janeiro de 2006)

<sup>49</sup> Deutsche, Rosalyn, [http://www.thephotohistoryinstitute.org/journals/1998/rosalyn\\_deutsche.html](http://www.thephotohistoryinstitute.org/journals/1998/rosalyn_deutsche.html) (consultada a 10 de Janeiro de 2006 – pp. 18)

#### 2.2.3.4| O 4.º pilar da sustentabilidade de Jon Hawke

O planeamento actual com vista ao alcance do desenvolvimento sustentável e bem-estar das comunidades assenta em três pilares distintos. Dizem respeito ao desenvolvimento económico, equidade social e responsabilidade ambiental. O peso atribuído a cada um destes princípios no processo de planeamento varia de acordo com os contextos em causa, estando presente, em grande parte dos casos, apenas o desenvolvimento económico e a responsabilidade ambiental, afastando a importância da componente social.

A proposta do 4.º Pilar da Sustentabilidade de Jon Hawkes defende que o sucesso para o alcance do desenvolvimento sustentável depende da integração de outra dimensão na tríade estabelecida, com lugar para o discurso da comunidade e para o debate acerca dos valores que promovem a qualidade de vida e bem-estar.

No contexto do planeamento actual esta proposta inova no carácter cultural do 4.º pilar proposto. Trata-se de um novo contrato social, que coloca a dimensão cultural como um pilares essencial para a constituição das políticas de desenvolvimento, pressupondo compromissos por parte dos agentes culturais, constituídas pelos governos, instituições culturais, publicas e privadas, as Organizações Não Governamentais (ONG) e também a população. Trata-se de uma dimensão, da qual os outros 3 sectores (social, ambiente e economia) podem igualmente beneficiar no que diz respeito, por exemplo, à coesão social e investimento público.

Deste modo, os 4 pilares da sustentabilidade serão:

1. equidade social
2. responsabilidade ambiental
3. desenvolvimento económico
4. actividade cultural

No contexto da cultura como instrumento de planeamento, Jon Hawkes reforça os fundamentos da sua ideologia com a introdução de novos conceitos. Demonstra igualmente como o sistema de valores da cultura contribui para tornar mais claro e eficaz o processo de planeamento e aponta alguns mecanismos no sentido de aplicação de tais orientações. Destacam-se dois eixos conceptuais que orientam a sua proposta. O primeiro refere-se à criatividade. Defende que esta não se deve restringir ao domínio artístico, mas deve sim, ser aplicada na procura de soluções para a resolução dos problemas humanos, conduzindo a situações de mudança tanto ao nível da valorização pessoal de cada indivíduo como na qualificação do sistema urbano. O segundo refere-se ao conceito de *cultural vitality*, que descreve como sendo *...one of the basis requirements, main conceptual tenets and overriding evaluation strams. Shared meaning and and purpose is a basic determinant of social existence. Culture is dynamic – no governance overview will work without an*

*active and ongoing awareness of thies reality.*<sup>50</sup> Assegurada pela participação activa da comunidade na prática das artes, constitui uma componente essencial para o desenvolvimento sustentável da comunidade.

*Traditionally, public planning has been an expert-driven, hermetic practice with a focus derived from civil engineering and quantity surveying. Relatively recently, this approach has been enhance by movements committed to wider perspectives. To my mind, what this share (even though it is never voiced as such) is a commitment to cultural action. That is, to the social production of values and the application of those values in the conduct of our society.*<sup>51</sup>

### 2.2.3.5] A cidade “além-planos” de João Ferrão

No âmbito do planeamento nacional, João Ferrão (2004)<sup>52</sup> reprovava o sistema vigente que se apresenta desajustado face às frequentes e inesperadas transformações da cidade contemporânea. Convicto da urgência de renovação de tais modelos, lança o repto para o debate em torno da mudança a partir de uma visão cultural da cidade. Neste sentido, a proposta que apresenta para discussão encontra-se estruturada de acordo com um conjunto de quatro conceitos complementares. Referem-se à *abordagem cognitiva (referencial de fundo)*, *urbanismo do quotidiano (foco analítico)*, à *cidade criativa (ideia mobilizadora da mudança)* e *democracia deliberativa (fonte colectiva de decisão e acção)*.<sup>53</sup>

A abordagem cognitiva difere do que tem vindo a ser praticado na abordagem racionalista, referente ao funcionamento das cidades de acordo com as “estratégias, políticas e planos”. Decorre da necessidade de conhecer e entender os contextos que constroem diariamente a cidade ...*a partir dos quotidianos das distintas comunidades ... com tempos-espacos muito diversos.*<sup>54</sup>, no sentido de transformar as potencialidades latentes em projectos urbanos afirmativos. O urbanismo do quotidiano ocorre diariamente pela acção de múltiplos agentes, individuais e colectivos, originando o cenário complexo e variado da cidade contemporânea.

A imaginação, o talento e a competência, por sua vez, constituem o recurso capital dos espaços urbanos e, consequentemente, os fundamentos para a criação da cidade criativa, a qual, na visão de João Ferrão ... *funciona como verdadeiro espaço público, alimentado, em simultâneo, por lógicas de proximidade e pela conectividade de médio e longo alcance permitida pela mobilidade e pelas infra-estruturas de informação e comunicação.*<sup>55</sup>

---

<sup>50</sup> Hawkes, Jon, 2001, pp. 38

<sup>51</sup> Hawkes, Jon, 2001, pp.36

<sup>52</sup> Ferrão, João, 2004 a, pp. 111

<sup>53</sup> Ferrão, João, 2004 a, pp. 111

<sup>54</sup> Ferrão, João, 2004 a, pp. 115

<sup>55</sup> Ferrão, João, 2004 a, pp. 115

No contexto do novo conceito da democracia deliberativa, considera os indivíduos e organizações pela imaginação, talento e competências que possuem, constituindo o principal recurso das cidades. Aos planeadores urbanos reserva a tarefa de *...reconhecimento, gestão e uso responsável desses recursos, tornando-os factores de qualidade de vida, competitividade económica e distinção local.*<sup>56</sup>

É com estes pressupostos que lança o debate para a defesa da adopção de uma visão cultural da cidade, com o propósito de contribuir *criativamente para aumentar a literacia urbana, tanto do ponto de vista analítico como prepositivo, redignificando as cidades como objecto de estudo e praticando a comunicação disciplinar como valor científico.*<sup>57</sup>

No contexto deste trabalho, foi a sua visão “além-planos”, conducente ao urbanismo do quotidiano, que nos desafiou a participar no repto lançado. É esta cidade, com um discurso contemporâneo, quotidiano e, por isso, autêntico, que gera estratégias de desenvolvimento socialmente equitativas, embora com emprego individual, que deverá reger os novos modelos de planeamento urbano. Julgamos que a estratégia para a conquista de mais “inteligibilidade e maior capacidade de acção colectiva”, assenta no alcance da visão humanista da cidade, alcançável, no nosso entender, através da mediação cultural dos espaços públicos urbanos.

Neste sentido, esta cidade “além-planos” deverá ocorrer nos *espaços onde não vamo*<sup>58</sup>, com destaque para as áreas históricas urbanas, no sentido de promover a qualificação do capital social da cidade contemporânea.

*A cidade é feita no dia-a-dia e de forma tácita, por múltiplos agentes, individuais e colectivos, cujas decisões e acções importa conhecer melhor. É a esta cidade além-planos e sem consciência urbana que se torna necessário conferir mais inteligibilidade e maior capacidade de acção colectiva.*<sup>59</sup>

#### 2.2.4| Síntese

As referências conceptuais que vão estruturar a proposta, são sustentadas na atitude projectual de Bernard Tshumi, através dos conceitos de “programa”, “evento” e “sequência”, exemplificados com a “cidade espectáculo de Barcelona”, nas “experiências criativas” do espaço público de Rosalyn Deutsche, bem como nos princípios referentes ao “quarto pilar de desenvolvimento sustentável”, sugerido por Jon Hawkes, atento ao “urbanismo do quotidiano”, decorrente da cidade “além-planos” de João Ferrão.

---

<sup>56</sup> Ferrão, João, 2004 a, pp. 116

<sup>57</sup> Ferrão, João, 2004 a, pp. 116

<sup>58</sup> Ferrão, João, 2004 b, pp. 5

<sup>59</sup> Ferrão, João, 2004 a, pp. 112

A revisão programática do Jardim Botânico do Porto, em resposta às novas exigências e expectativas de utilização decorrentes do novo paradigma da cidade contemporânea, deverá socorrer-se dos cinco exemplos ideológicos apresentados, os quais substituem, com toda a legitimidade, os modelos tradicionais caracterizados por uma estrutura rígida e temporal por novos significados e factores de excelência, com vista à (re) construção continuada dos factores de competitividade.

## **2.3| O jardim botânico na cidade contemporânea**

No seguimento da caracteriação do paradigma urbano actual à luz das suas forças estruturantes, bem como dos princípios e modelos de planeamento urbano emergentes, importa de seguida introduzir a tipologia de espaço de estudo - jardim botânico -, no sentido de avaliar o seu comportamento, desempenho e potencialidades enquanto interface cultural da cidade contemporânea.

O percurso desta reflexão percorre diversos tempos e domínios disciplinares. Desde o período áureo do Renascimento, onde a curiosidade e o interesse pelo conhecimento de plantas exóticas vindas do Outro Mundo conduzia ao coleccionismo e à representação em iluminuras, até à protecção da biodiversidade dos tempos actuais, passando pela apreciação estética da natureza, para onde somos naturalmente conduzidos em qualquer jardim, a reflexão sobre o conceito de jardim botânico ordena uma entrada pela mão da natureza. Assim, a análise da relação do Homem com a Natureza será conduzido pelas disciplinas que a estudaram (Botânica), a descreveram (Literatura) e recriaram (Artes Visuais e Arquitectura Paisagista).

### **2.3.1| A representação da paisagem**

*A capacidade de perceber a paisagem só começa a existir quando o homem se compreende independente da natureza, quando obtém os meios tecnológicos de subjugar qualquer território. Para o ocidente, poderíamos arriscar definir sua origem como percepção comum em meados do século X, momento decisivo de expansão agrícola e de introdução de novas tecnologias.*<sup>60</sup>

A história da relação do homem com a natureza conhece momentos diferentes. No princípio dos tempos, a relação estabelecida era de respeito, de submissão e também de curiosidade. A tentativa de domínio sobre a natureza iniciou-se com a agricultura, decorrendo também de um anseio pelo conhecimento botânico, afirmando-se posteriormente com a representação pictórica, que suscitou, no espaço social, a recriação de uma natureza perfeita, bela e divina.

---

<sup>60</sup> <http://www.ufmg.br/museumuseu/paisana/index2.htm>

A representação da natureza começou por ganhar corpo com as descrições da flora espontânea e cultivada do Mediterrâneo Oriental, especialmente na Fenícia, Palestina e Egipto, onde a representação das plantas é feita através dos caracteres da escrita hieroglífica. Recordam-se igualmente as frequentes referências Bíblicas da amendoeira, da laranjeira e da oliveira, do trigo, da cevada, do centeio, do fruto da romãzeira, um dos 7 frutos da Terra Prometida, bem como dos afamados figos da Palestina.<sup>61</sup>

Seguem-se as ilustrações botânicas onde as plantas foram representadas com grande detalhe, garantindo um perfeito reconhecimento de todas as suas características formais, deixando um legado gráfico e pictórico de grande importância para o conhecimento da biodiversidade e da paisagem do passado. Os Romanos da Antiguidade Clássica forneceram os modelos teóricos para as futuras representações pictóricas. A estética da paisagem, entendida como valor intrínseco, onde figuravam as ninfas, templos e majestosas árvores, oferecia o prazer da beleza da natureza, dos frutos e das flores, presenteados por Deus.

Numa primeira fase, privilegiou-se a redacção e a narração em detrimento da ilustração. Depois, o desenho aparece a par da escrita. Os fundamentos estéticos orientadores da arte botânica, assentam nos princípios do Naturalismo Científico, corrente artística que surgiu no Renascimento com os trabalhos de Albrecht Durer (1471-1528), Leonardo da Vinci (1452-1519) e Andreas Vesalius (1514-1564). No seu percurso pela história foi adquirindo diversas abordagens, que variam do naturalismo / romantismo ao naturalismo / realismo, tal como é praticada actualmente.

O Renascimento, movimento de libertação intelectual e alargamento do conhecimento do mundo conduziu a uma transformação cultural na Europa opondo o natural e humano, ao divino da Idade Média. Apesar da pintura desta época continuar relacionada com motivos religiosos, a representação da paisagem dos novos territórios do mundo causa curiosidade por uma natureza desconhecida.

Até ao séc. XVII, a Botânica manteve-se essencialmente descritiva, não se registando avanços científicos notáveis. No entanto, os progressos relativos à classificação botânica contribuíram para uma maior inteligibilidade do reino vegetal, alargando-se, assim, o contexto erudito dos naturalistas da época. Esta situação suscitou um novo interesse pelas plantas em vários domínios. No contexto literário, destaca-se o ideário inglês de meados do século, responsável pela afirmação do gosto romântico pelo apelo que faz a uma natureza em estado primitivo. A exposição *Writers in the Garden*<sup>62</sup> dá a conhecer vários escritores ingleses com um percurso literário sustentado por uma forte relação com a natureza e com a arte dos jardins, dos quais destacamos Francis Bacon,

---

<sup>61</sup> Miranda, Alberto, 1944, pp. 22

<sup>62</sup> Exposição promovida pela John S. Cohen Foundation e Basil Samuel Foundation, tendo decorrido na British Library, em Londres, de Novembro de 2004 a Abril de 2005

Andrew Marvell, John Evelyn, John Milton e Alexander Pope. Este último, na obra *Epistole to Lord Burlington* (1731), convida frequentemente ao conhecimento do *génius locci*.

Ainda neste domínio artístico, outras referências são expostas. José Júlio Andrade dos Santos (1965)<sup>63</sup> indica Victor Hugo, com a publicação *Cromwell* (1827), como a obra que traça as linhas orientadoras da doutrina do movimento Romântico e Pedro Calafate (1998) ilustra este momento da história com “*Elements of Architecture*”, um texto de Sir Henry Wotton, escrito em 1624, que, na sua opinião, ...*com justiça, se pode entender como um antecedente do gosto do jardim inglês*.<sup>64</sup> Outros recordam Ticiano Vecellio (1490-1576), aclamado pelo naturalismo das suas composições, como o verdadeiro criador da pintura da paisagem.

Ainda no âmbito literário, não podemos deixar de referir os textos de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) e Ramond de Carbonières (1755-1827) que, numa nova glorificação da natureza e renovada relação com a paisagem provocam *emoções violentas, inquietações profundas, a intranquilidade e mesmo o horror*<sup>65</sup>, bem como os numerosos tratados da natureza que se escreveram naqueles anos. Destacam-se, em França, O “*Spectacle de la Nature*”, do Abade Noel Pluche e em Portugal, as ideias de uma natureza *simples, pura e espontânea*<sup>66</sup> foram entendidas por António Soares Barbosa, no “Tratado Elementar da Filosofia Moral”, defendendo que o *belo ou formoso é o mesmo que o ordenado*<sup>67</sup>. Por último refere-se o Padre Teodoro de Almeida, com o texto “O feliz independente do mundo e da fortuna e a obra Recreação Filosófica”, escrito em 1789.

São estes os percursos da abordagem da paisagem no Romantismo, com uma importância determinante na expressão pictórica e também na configuração do espaço privado. O gosto pelo exotismo e pelo coleccionismo de plantas raras conduziu à criação, nos jardins privados, de espaços de exibição de plantas e flores, onde a estufa era um elemento obrigatório. O historicismo, a memória histórica e o exotismo eram igualmente proclamados com a simulação de ruínas. O interesse pelos temas da paisagem anuncia um renovado interesse pela natureza e curiosidade botânica, seguida de uma mudança na expressão pictórica, com uma franca afirmação no séc. seguinte.

Nos finais do séc. XVIII, a ilustração científica assume-se como uma disciplina autónoma. Perde a subjectividade, de algum modo presente até então, regendo-se por regras mais precisas. A “ilustração botânica” deu lugar à “imagem científica” com grande precisão morfológica e riqueza de detalhe. O reconhecimento da planta era garantido com a descrição fiel das texturas da superfície

---

<sup>63</sup> Santos, José Júlio Andrade dos, 1965, pp. 214

<sup>64</sup> Calafate, Pedro, 1998, pp. 185

<sup>65</sup> Calafate, Pedro, 1998, pp. 192

<sup>66</sup> Calafate, Pedro, 1998, pp. 189

<sup>67</sup> Calafate, Pedro, 1998, pp. 186

das folhas, tipo de nervuras, disposição das folhas e ramos ao longo do caule, peças que compõem as flores, volume e cor. À descrição gráfica científica era atribuído um carácter expressivo, aproximando-se assim da expressão pictórica.

Nos sécs. XVIII e XIX, esta arte afirmou-se na Europa com os registos das exuberantes paisagens tropicais brasileiras, realizadas pelos cientistas e naturalistas que participaram nas expedições botânicas, com a incumbência de descrever e colectar espécies vegetais.

Hubert (1370-1426) e Jan Van Eyck (antes de 1395- 1441), com a descoberta da técnica a óleo, bem como Leonardo da Vinci (1452-1519), fazem a história da pintura deste período, mas os responsáveis pela transposição da temática paisagística para a pintura foram Nicolas Poussin (1594-1665) e Claude Lorrain (1600-1682). As paisagens por eles pintadas, numa reacção à visão racionalista e mecanicista do mundo, retratam uma nova interpretação e apreciação da natureza, revelando uma forte apropriação do tema. Esta nova abordagem resulta num género de pintura próprio - "pintura paisagista" - onde a paisagem ganha por fim protagonismo, deixando de ser apenas um fundo paisagístico. Este novo olhar mostra uma abordagem mais experimental e subjectiva. Assiste-se a um certo afastamento da representação tradicional do belo e do sublime, mantendo-se a predilecção pela natureza e pela paisagem na representação de cenas da vida do homem, inicialmente com a tónica para a representação de paisagens de elites políticas e económicas.

Caracteriza-se essencialmente por uma transfiguração da realidade, na medida em que a natureza é abordada com uma grandiosidade que impressiona, onde a cor tem um valor emotivo, evidenciando-se um maior dinamismo em toda a composição, esbatendo os contornos das figuras humanas, passando estas a ser representadas apenas como género decorativo e de referência. Depois, na obra de Jean-François Millet (1814-1875), referindo o exemplo da pintura *O "Angelus"*, o homem ganhou emoção em contextos de paisagens agrárias. O exotismo da China milenária também participa no conjunto de elementos "pitorescos" distribuídos pela paisagem e jardins, através de grupos de rochas e pagodes chineses.

Na pintura paisagística destacam-se os retratos de Jean-Honoré Fragonard (1732-1806), a representação dos jardins como lugares de exposição de flores de Humphry Repton (1752-1818), as paisagens marinhas de Gustave Courbet (1819-1877), bem como a amplitude das paisagens de John Constable (1776-1837). As abordagens renovadas de William Turner (1755-1851), em que a observação fiel da pintura paisagista é substituída por uma exploração de cor e de luz inovadora, privilegiando a expressão dos sentimentos, prenunciaram as novas concepções impressionistas. Estas afirmam-se no último quartel do séc. XIX com Paul Cézanne (1839-1906), o qual deixou de ser meramente representativo, passando a produzir obras caracterizadas por um forte expressionismo.



Depois, no séc. XVIII, esta representação pictórica é transportada para a arte dos jardins por William Kent (1685-1748) seguido de Capability Brown (1716-1783), numa afirmação da natureza no espaço social. São estes os autores do jardim paisagístico, desenvolvido numa partilha da grandiosidade da força da natureza representada na pintura.

A avaliação desta manifestação artística, segundo Teresa Andresen (1992), *...embora originando cenários verdadeiramente inovadores por contraposição ao cartesianismo francês, não deixou de ser igualmente formal na medida em que continua a formular a apreciação da natureza entre os seres humanos e a natureza.*<sup>68</sup> No entanto, Pedro Calafate (1998)<sup>69</sup> aponta o contrário também como verdadeiro, afirmando uma manifesta relação recíproca entre a paisagem representada nas telas e o jardim paisagista.

No reino vegetal, as descobertas científicas e a consequente apropriação dos “hortos botânicos” para espaços de investigação botânica e hortícola fazem com que a natureza ganhe protagonismo face à paisagem. A paisagem agrícola também sofre alterações. Adquire novas práticas, resultante das inovadoras técnicas de plantação e maquinaria utilizada, bem como novas culturas. Face a este contexto, a relação do homem com a paisagem caracteriza-se por um esquecimento da natureza, que se manifesta na perda de realismo nas composições paisagísticas e na atribuição de uma nova expressão emotiva ao Homem.

Nos finais do séc. XIX, na sequência das grandes inovações no campo das ciências físicas, acompanhadas do crescimento das cidades, o jardim paisagista foi perdendo importância, tendo sido substituído por “lugares de investigação botânica e hortícola”, onde a natureza passou a ser investigada directamente noutros lugares. Já no séc. XX, o acelerar da vida já anunciada no século passado, surge como uma ameaça de destruição, suscitando a procura da eternidade e da espiritualidade.

A fotografia, fixando as imagens, e o cinema, colocando-as em movimento, também compreenderam o significado e a importância da paisagem. Tais imagens transportam uma carga simbólica muito forte, criando, mais do que na pintura, uma memória colectiva mundial. Aproximam-se mais da representação, enquanto que as artes plásticas, traduzem uma interpretação com uma forte carga subjectiva. Estas novas formas de expressão são fundamentais para o discurso da arte contemporânea. Provocaram mudanças na percepção dos temas representados e, no domínio da estética, trouxeram outros padrões de avaliação, colocando em causa as reproduções do real.

---

<sup>68</sup> Andresen, Teresa, 1992, pp. 85

<sup>69</sup> Calafate, Pedro, 1998

Na pintura do Modernismo, a paisagem como tema autónomo foi negada, continuando, no entanto, presente a ideia da natureza representada pelos impressionistas com as paisagens ricas de significação humana, bem como pelos surrealistas, com as paisagens do subconsciente, sugerindo mistério. No contexto nacional, Francisco Caldeira Cabral, inicia a sua actividade em Portugal na década de 40. Traz da Alemanha, onde se graduou em Arquitectura Paisagista, conceitos que o permitem traçar com sabedoria, um retrato da paisagem portuguesa ao *estilo do nosso tempo*.<sup>70</sup>

Empregando as suas palavras, proferidas no Congresso do IFLA, “O projecto de paisagem multifacetada”, em Haifa, em 1962, o “estilo” necessário a encontrar deverá dar resposta ao problema central do nosso tempo. Se no fim do séc. XIX, começo do séc. XX, o problema crucial era o da cidade, na actualidade, o problema centra-se na paisagem rural. O autor refere que o mau planeamento do desenvolvimento urbano, da localização das novas indústrias, das infra-estruturas viárias, permitindo a ocupação indevida do solo agrícola, as mudanças das técnicas de cultura e da economia de produção (mecanização da agricultura, com consequentes mudanças no emparcelamento dos campos), bem como a ausência de planeamento da função recreativa da paisagem, solicitam uma reorganização da paisagem. Perante este cenário, Caldeira Cabral, avança com a indicação de que a solução multifacetada é, para a paisagem, a única possibilidade satisfatória, aceitável e duradoura. Refere ainda que a tarefa dos Arquitectos Paisagistas é conseguir que a paisagem seja de novo um todo, integrando a *a cidade, o campo e a indústria*.<sup>71</sup>

Esta lição ficou expressa em toda a sua obra. Destacamos aqui o exemplo emblemático do Estádio Nacional, em Lisboa, inaugurado em 1944, da autoria de Konrad Wiesner e Caldeira Cabral, já licenciado em Engenharia Agrónoma e ainda a estudar Arquitectura Paisagista na Alemanha. Esta foi a sua primeira obra em Portugal de um longo percurso, iniciado nos anos 40. Este projecto localiza-se na encosta poente do vale do Jamor. Na “Memória Descritiva do Projecto Definitivo das Bancadas do Estádio de Atletismo”, os autores referem que. *Não desejamos apenas integrar o estádio na paisagem afastada mas ligando-o aos montes e árvores próximas conseguimos alargar-lhe o âmbito estreitando o seu contacto com a natureza. Criamos assim um recinto natural formado pelas encostas e que nos permite apreciar verdadeiramente a grandeza do vale*.<sup>72</sup> O que de facto foi conseguido de um modo exemplar, numa franca comunhão com a paisagem.

Ainda no contexto nacional, no âmbito literário-científico, referimos Ilídio Alves de Araújo, autor do livro “Arte Paisagista e Arte dos Jardins em Portugal”, editado em 1962, onde informa das origens e evolução da arte paisagista e descreve, com detalhe, diversos exemplos da arte da Renascença,

---

<sup>70</sup> Andresen, Teresa, 2003, pp. 68

<sup>71</sup> Cabral, Francisco Caldeira, 1993, pp. 191-197

<sup>72</sup> Andresen, Teresa, 2003, pp. 148

presentes no Norte de Portugal, retractando deste modo o entendimento do povo português na abordagem da paisagem.

O carácter artístico da arte conceptual dos anos 60, apogeu da reflectividade, não força a associação do conceito artístico à sua corporalização. A arte passa a ter um significado para além da representação e expressão material, aproximando-se assim de um percurso intelectual. Caracteriza-se, no essencial, como uma forma de arte “anti-objecto”, sendo este entendido e produzido apenas como uma etapa do processo de criação artística, que abre as portas à Land Art.

A manifestação artística designada por Land Art surge nos EUA na segunda metade dos anos 60, como forma de protesto ao mercado artístico de então, num abandono das galerias de arte em contexto urbano, a favor de espaços exteriores de grande escala. Em Inglaterra fez-se sentir mais tarde, decorrente das preocupações económicas do início dos anos 70. Apresenta uma atitude distinta, com obras mais intimistas, com visíveis influências culturais e uma relação mais forte com a natureza. As obras que anunciaram o seu surgimento, que se adivinhava majestoso, foram protagonizadas por alguns artistas plásticos que, numa atitude provocadora, pontuaram os anos 60 com alguns trabalhos. Destacam-se Herbert Bayer, De Maria e Carl André Morris e Smithson e Heyzer.

O objecto artístico sai dos espaços fechados das galerias para espaços geralmente não associados a referências humanas, defendendo que o objecto de arte ficaria deste modo mais acessível ao público. Traduz uma procura de misticismo esquecida durante a era iluminista e caracteriza-se no essencial, como uma manifestação artística de sedução estética e visual, referindo-se a uma acção exercida sobre o território. Em muitos casos, as obras são mais contempladas do que experimentadas, sendo a escala de intervenção diferente da escala de observação, desejando-se obter não só a experiência visual, mas também o despertar e educar do olhar, num apelo sensorial e emocional. Destacam-se os exemplos de “*Spiral Jetty*”, em Great Salt Lake, EUA, de Robert Smithson, realizado em 1970, “*Running Fence*”, na Califórnia, EUA, de Christo e Jeanne-Claude, realizado nos anos de 1972-1976.

A Land Art assinala o momento de charneira do relacionamento artístico e social com a dimensão poética e simbólica da natureza, sendo a paisagem o tema e o suporte da arte, anunciando igualmente uma mudança significativa do conceito de arte. Rompe com as representações anteriores de uma forma inovadora, em que o objecto estético muitas vezes não dura senão o tempo de execução. A obra não tem que ser necessariamente objecto, pode ser um acontecimento. De facto, grande parte revela um fascínio pelo instante, evidenciando-se assim, o seu carácter efémero, num forte registo da temporalidade ligada à natureza. Como representante

desta abordagem destaca-se Walter de Maria, com a obra Las Vegas Piece realizada no Desert Valley, Nevada, em 1969.

Tiberghien, defende que se trata mais um campo de trabalho do que um movimento artístico, de uma arte solitária, de reflexão individual, vazia de conteúdo social e cultural, revestindo-se de uma componente “romântica”, atingindo por vezes uma “dimensão quase religiosa”.

A associação da Land Art aos contextos urbanos é mais recente. Surge nos anos 80, resultado de uma necessidade de ter um público mais participativo. Esta mudança de cenário trouxe um novo diálogo entre diversos domínios artísticos, como é o caso das obras de Martha Schwartz e de Claes Oldenburg. O interesse pela paisagem foi assim recuperado com uma nova relação com o espaço exterior.

Por sua vez, no contexto actual, Teresa Gali Izard (2004) põe em evidência a ideia de uma paisagem transformada, referindo que

*... na cidade não há de forma nenhuma esta cultura da natureza, nem esta capacidade para a manejar, nem a capacidade de conviver com ela, nem mesmo a capacidade de a entender. Pouco têm de interessante ante os parques se não têm um programa estabelecido. A natureza por si mesma é perigosa.*<sup>73</sup>

Face a esta condição, considera que a conservação dos recursos naturais que constituem a paisagem, afigura-se como a solução indiscutível. No entanto, é da opinião de que

*A conservação dos espaços naturais é a antítese do mundo do paisagismo. A nossa “incultura” obriga-nos a conservar. Já não somos capazes de manejar os percursos naturais de forma razoável, logo a única solução passa por congelar e proteger os territórios a que atribuímos algum valor.*<sup>74</sup>

De facto, a relação actual do homem com a paisagem caracteriza-se por um relacionamento distante. A ideia da paisagem chega até nós destruída e imprevisível, sem garantia de magnificência e segurança, revelando uma incapacidade humana de domínio sobre os fenómenos naturais.

Face a este cenário, presencia-se um desejo de aproximação à “natureza original”. É exemplo o conceito de “estética ambiental” defendida por Arnold Berleant, que nos conduz a uma outra dimensão sensorial. O autor defende uma reestruturação conceptual da estética tradicional. Esta, constituída por duas facetas distintas - uma científica para a natureza, e outra artística para a obra de arte – deverá ser substituída pelo novo modelo da teoria da estética, que propõe o abandono do carácter abstracto, desde sempre presente.

---

<sup>73</sup> Izard, Teresa Gali, 2004, pp. 68

<sup>74</sup> Izard, Teresa Gali, 2004, pp. 69

No séc. XX, no domínio das Belas Artes, a representação da paisagem caracteriza-se pela procura de uma nova expressividade. A paisagem é resgatada no estatuto de objecto para experiências estéticas, verificando-se uma crescente exploração da sua dimensão emotiva.

Nas últimas décadas do séc. XX, verificou-se uma diluição das fronteiras entre arte, ciência e tecnologia. Os objectos da imaginação artística, da investigação científica e da invenção técnico-industrial fundem-se. O trabalho artístico, com um interesse estético suscitado pela evocação intelectual e também científica ganha novos contornos, ainda imprecisos, revertendo, por vezes, em surpreendentes descobertas tecnológico-científicas.

### 2.3.2| A evolução do conceito de jardim botânico

Apesar das mudanças verificadas ao longo dos tempos, a categoria de jardim botânico na cidade contemporânea, definido pelas instituições *Botanic Garden Conservation International* (BGCI), *World Wildlife Fund* (WWF) e *International Union for the Conservation of Nature and Natural Resources* (IUCN) como um espaço aberto ao público, com colecções de plantas ordenadas cientificamente, documentadas e etiquetadas com propósitos educativos, de investigação, culturais e recreativos mantém-se, acrescentando ao conhecimento do reino vegetal, o esclarecimento acerca das ameaças à biodiversidade vegetal.

In 1985, the World Conservation Union (IUCN) and the World Wide Fund for Nature (WWF) convened a conference on 'Botanic Gardens and the World Conservation Strategy' with the aim of exploring the multiple roles of botanic gardens worldwide in plant conservation. Their aim was to facilitate the preparation of an international botanic gardens conservation strategy and to work towards its implementation. Following the 1985 conference, held in Las Palmas de Gran Canaria Spain, the IUCN Botanic Gardens Conservation Secretariat (IUCN-BGCS) was created. BGCS began its work in early 1987 with the aim of implementing the new strategy and drawing together the botanic garden of the world as a global force for plant conservation.<sup>75</sup>

Desde o fim da década de 80 que a BGCI tem desenvolvido um importante trabalho na promoção da biodiversidade. Neste sentido, entende o jardim botânico como ... *institutions holding documented collections of living plants for the purposes of scientific research, conservation, display and education.*<sup>76</sup>

Jorge A. R. Paiva (1998)<sup>77</sup> dá-nos conta da génese dos jardins botânicos. Segundo este autor, a sua origem teve lugar nos primeiros pomares de oliveiras e nos jardins dos templos, como o de Karnak, no Egipto. Depois, o estudo da Botânica surge com os naturalistas gregos e romanos, os quais olhavam a natureza como uma beleza divina e também como a resposta à origem da vida,

<sup>75</sup> [http://www.bcn.es/medciencies/botanicgardens2004/abstracts/pdf\\_publicacions/IntenationaAgenda.pdf#search=%22International%20Agenda%20for%20Botanic%20Gardens%22](http://www.bcn.es/medciencies/botanicgardens2004/abstracts/pdf_publicacions/IntenationaAgenda.pdf#search=%22International%20Agenda%20for%20Botanic%20Gardens%22) (consultado em 30 de Setembro de 2006)

<sup>76</sup> [http://www.bgci.org/botanic\\_gardens/home](http://www.bgci.org/botanic_gardens/home) (consultada em 30 de Setembro de 2006)

<sup>77</sup> Paiva, Jorge A. R., pp. 95 e 96

os quais, até ao séc. XVIII, foram reconhecidos como os *Pais da Botânica*. De todos os filósofos naturalistas destaca-se Aristóteles que, em Atenas, em 384-322 a.C., juntamente com o seu discípulo Teofrasto, criou o primeiro jardim com finalidades científicas.

*Foi na história natural que Aristóteles mais se aproximou dos conhecimentos modernos. Fez a classificação das ciências e estabeleceu a hierarquia dos seres. Tudo o que vive tem alma, pensava ele. Mas há três espécies de almas: a nutritiva, a sensível e a racional. As plantas só possuíam a alma nutritiva; o animal a nutritiva e a sensível; só o homem, rei da natureza, possuía simultaneamente as três almas.*<sup>78</sup>

Na Antiguidade Clássica, os hortos botânicos encontravam-se fortemente orientados para a pesquisa botânica e hortícola, para o estudo de plantas medicinais e investigação da taxionomia, bem como para a conservação de espécies exóticas. Não se encontravam abertos ao público, permitindo apenas o acesso a investigadores. A ciência natural era entendida numa ligação próxima à religião, com uma atitude de submissão perante a natureza, com o Homem sempre no centro do universo.

Lugar de ciência e de conhecimentos para uma elite de curiosos, o jardim botânico começou por ser abrigo de raridades, onde se estabeleceram coleções de plantas vivas para estudo. Depois, passaram a ser dispostas por ordem sistemática ou segundo os diversos tipos de *habitat*, recriados ao ar livre, em abrigos ou mesmo em estufas. A taxionomia e a sistemática organizam o cenário destes espaços de exposição e de estudo da história natural, tendo como principal função o conhecimento da vida vegetal e o compromisso de fazer chegar a um público cada vez mais vasto muitos aspectos do mundo das plantas. Os muros altos que cercavam os jardins botânicos, as estufas fechadas e os herbários interditos, atribuíam uma imagem de clausura, com um ambiente secreto, destinado ao estudo de uma minoria e abrigo de raridades. Esta imagem herdada dos primeiros jardins botânicos perdurou até ao momento em que começaram a ser visitados pelo público, em finais do séc. XVIII.

No séc. XVIII, Domingos Vandelli (1735-1816) entendia que o estudo da história natural consistia

*...nas observações, e nas experiências: para conhecer as relações, a ordem da natureza, sua economia, política, e formação da Terra, e as revoluções, que sofreu, e enfim as utilidades que das produções naturais se podem tirar, além das conhecidas.*<sup>79</sup>

*... o verdadeiro botânico deve saber a parte mais dificultosa, e interessante, que é conhecer as suas propriedades, usos económicos, e medicinais; saber a sua vegetação, modo de multiplicar as mais úteis, os terrenos para isso mais convenientes, e o modo de fertilizá-los.*<sup>80</sup>

---

<sup>78</sup> Miranda, Alberto, 1944, pp. 26

<sup>79</sup> Cardoso, José Luís, 2003, pp. 60

<sup>80</sup> Cardoso, José Luís, 2003, pp. 59

Na sequência do referido, defendia que o conhecimento botânico que circulava nesses tempos de viagens e expedições deveria ser reunido em Museus de História Natural, os quais eram entendidos como espaços de conhecimento.

João Francisco de Oliveira, pioneiro da protecção da natureza em Portugal, num relatório enviado a Vandelli, em 1798, em defesa do estabelecimento na ilha da Madeira de um viveiro de plantas, defende o conceito de jardim botânico como um “viveiro”, ou “reservatório” de plantas úteis e raras, provenientes das diferentes partes do Mundo vigente no final do séc. XVIII, com o objectivo de defesa de espécies endémicas e outras plantas notáveis, *...onde ecologistas e biólogos, silvicultores e naturalistas, possam colher dados para servir a Ciência e a Técnica.*<sup>81</sup> Para além das

*...experiências repetidas sobre os terrenos mais propícios à vegetação das plantas úteis, indígenas e exóticas, pastos...progressos dos conhecimentos da Botânica, como para o das Artes, agricultura, industria &ª, refere que tais espaços deverão:*

1. *“agregar e conservar” plantas para fornecimento do Jardim Real da Corte*
2. *“conservar e cultivar” as plantas exóticas da África, América e lhas*
3. *“estabelecer a cultura do café, algodam &ª produçoens estas, que hoje dão grandes interesses, e que serão tanto maiores, quanto menores são os cuidados, que exigem semelhantes plantacçoens”*  
*“promover as plantacçoensdos diversos pastos artificiaes nos muitos baldios, que ha ...afim de se multiplicarem as creaçoens dos gados de que há ali grande falta...”*<sup>82</sup>

Por sua vez, o Barão de Castelo de Paiva (1806-1879), numa avaliação que lhe foi solicitada em Julho de 1855, acerca das *relações agrícolas e económicas*<sup>83</sup> para a Ilha da Madeira, bem como do estabelecimento de um *jardim de naturalização de plantas exóticas*<sup>84</sup>, faz algumas considerações sobre os objectivos de tais espaços. Estes *hortos de naturalização para os vegetais de ambos os hemispherios, deveriam prestar-se para o recreio e instrução dos habitantes da cidade onde se inseriam e também consagrar-se ao «commercio de plantas».*<sup>85</sup>

Em Oxford, no ano de 1683, é inaugurado o Ashmolean Museum, que se distingue na história por ter sido o primeiro museu universitário com carácter público. (Foi criado para albergar a colecção de Elias Ashmole que integrava desde moedas antigas, livros, estampagens de espécies animais e vegetais). Os espaços que desde sempre tiveram acesso exclusivo a uma elite de investigadores naturalistas, ganham assim um novo carácter. Passam a ser geridos por Institutos e Academias, possibilitando o acesso a todos. Assim, a evolução do conceito de “Museu Botânico” acompanha as mudanças pedagógico-científicas ocorridas a partir da segunda metade do século. Entre outros aspectos, destacam-se aqui a introdução do ensino de história natural no contexto universitário e financiamento dos “museus naturais” pelo erário público.

<sup>81</sup> Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, 1960, pp. 16

<sup>82</sup> d'Oliveira, João Francisco, 1798, pp. 44

<sup>83</sup> Paiva, Barão de Castelo de, 1855, pp. 36

<sup>84</sup> Paiva, Barão de Castelo de, 1855, pp. 36

<sup>85</sup> Paiva, Barão de Castelo de, 1855, pp. 36

As digressões a outros países contribuíram de forma decisiva para o avanço das ciências. Sob o ponto de vista botânico, tais viagens trouxeram o conhecimento de novas plantas que foram descritas e caracterizadas, de acordo com a sua utilidade, em numerosos tratados de História Natural. Só mais tarde, no séc. XVI, é que passaram a ser registadas em gravuras. Das colecções de plantas reunidas, destacam-se as provenientes das viagens de Alexandre Magno, discípulo de Aristóteles. Com um significativo contributo para o avanço da história natural, fundou na Grécia um verdadeiro “Museu de História Natural”, com uma colecção apreciável de espécies vegetais da bacia do Mediterrâneo. Igual destaque se faz para Heródoto que, na sequência das suas viagens, distingue pela primeira vez *três zonas de vegetação: a litoral, a intermédia e a alta*.<sup>86</sup>

Na Idade Média, os livros sagrados do Cristianismo dominavam os interesses dos “homens da cultura”, o que levou a uma queda do interesse pela botânica. No entanto, as “hortas enobrecidas”, destinadas primordialmente ao cultivo de “verduras, plantas aromáticas e medicinais”, tradição deixada pelos Árabes, mantiveram-se nos palácios reais. Ilídio Alves de Araújo (1962)<sup>87</sup> refere que a generalização do gosto renascentista pelas colecções botânicas veio transformar muitas “hortas” em verdadeiros “hortos botânicos”. Ilustra este facto com o exemplo de Itália onde, em 1560, havia mais de 60 hortos botânicos pertencentes, em grande parte, a particulares. O objectivo de coleccionismo de plantas mudou o carácter destes espaços, passando a ser espaços fundamentalmente destinados à recreação dos seus proprietários. Os franceses passaram a chamar-lhes “hortos de recreio” (*jardins d'agrement*), distinguindo-os das hortas (*jardins potajeres*). Em Portugal, passámos a classificá-los só como jardins, onde o seu ordenamento *...depressa passou a ser objecto de maiores preocupações plásticas, transformando-se numa verdadeira arte, a emparelhar com qualquer outra das chamadas belas artes*.<sup>88</sup>

Mas foi no séc. XIV, em Salerno e Veneza (1333), que surgiram os primeiros jardins botânicos. Depois, seguem-se os de Pádua (1545), Pisa (1549), Bolonha (1546), Leiden (1577), Leipzig (1580) e Montpellier (1598), bem como o Jardim Botânico de Goa, fundado pelo médico português Garcia de Orta (1499? - 1568), considerado o fundador da botânica médica em Portugal.

As viagens dos descobrimentos dos Portugueses abriram novos horizontes para o estudo da botânica. Destacam-se aqui os registos das viagens de Francisco Hernandez (1475? -1526) e Garcia da Orta (1501-1568) principais naturalistas do novo hemisfério descoberto. Garcia da Orta, naturalista e médico de D. João III, estudou a flora da Índia e publicou “Colóquios dos Simples e Drogas da Índia”, livro de grande valor científico. Nele, fala do valor económico das plantas, dos seus habitats, da sua morfologia. Francisco Hernandez, por sua vez, destaca-se pela descrição de 2883 espécies que identificou no continente americano que reuniu na obra “História das Plantas da Nova Espanha”.

---

<sup>86</sup> Miranda, Alberto, 1944, pp. 36

<sup>87</sup> Araújo, Ilídio Alves de, 1962, pp. 60 e 61

<sup>88</sup> Araújo, Ilídio Alves de, 1962, pp. 65



Na Europa, a troca e conhecimento de plantas, não só exóticas, mas também agrícolas, provenientes do continente americano, e consequente coleccionismo, promoveu o desenvolvimento das Ciências Naturais e o interesse pela botânica. A introdução destas espécies despertou a curiosidade dos botânicos, levando a uma mudança da atitude científica. Com um grande respeito pelo trabalho realizado pelos primeiros naturalistas da Antiguidade Clássica, o séc. XVI ficou marcado pelo reconhecimento da taxonomia, como uma necessidade científica.

Neste contexto, os jardins botânicos tiveram um papel essencial. Desenvolveram-se como “jardins de aclimação”, ampliando as suas colecções para além das plantas medicinais e exploraram a floricultura, realizando ensaios de novas variedades ao gosto do exotismo.

Já com um considerável número de espécies registado, as pesquisas de Andrea Cesalpino (1519-1603), e Conrad Gesner (?-1565) trazem grandes avanços na sistematização e taxonomia do reino vegetal. Companheiro das excursões botânicas de Gesner, aparece igualmente o suíço Jean Bauhin (1541-1613), que na obra “*História Universal das Plantas*”, descreve e desenha com rigor cerca de 5000 espécies. Joseph-Piton de Tournefort (1656-1708), botânico francês, é igualmente uma referência obrigatória na história da botânica. Aperfeiçoou algumas doutrinas expostas anteriormente, adoptando o género como divisão taxionómica fundamental, tornando assim a botânica uma disciplina mais acessível. Carlos Lineu (1707-1778) criou, posteriormente, a nomenclatura da morfologia vegetal, reconhecida e utilizada até aos dias de hoje.

No fim do séc. XVIII, princípios do séc. XIX, o interesse pelas descobertas e experiências científicas, marcados pela investigação da fisiologia vegetal e nomenclatura da morfologia dos órgãos vegetais, abrangem muitas áreas disciplinares, tais como a Astronomia, a Matemática, a Física, a Química, a Electricidade e a Medicina, traduzindo-se em numerosos progressos técnicos. No início do séc. XVIII, a descoberta do microscópio, despoletou um novo interesse pela história natural. Nestes anos fundaram-se algumas sociedades científicas e ocorreram novas descobertas na Botânica. Deu-se início à investigação sobre a anatomia vegetal, concluindo-se que as plantas, na sua organização interior, se aproximam dos animais, avanços científicos que foram recebidos com cepticismo por muitos botânicos.

A partir dos sécs. XVII e XVIII, o crescimento do interesse pela botânica foi comandado por trabalhos de cientistas como o francês Humphreys J. Lamarck (1744-1829), responsável pela Teoria da Evolução, o inglês J. Ray (1628-1705), o alemão A. Q. Rivinus (1652-1723) e o sueco Carlos Lineu (1707-1778).

No séc. XIX, na troca de sementes entre jardins botânicos, inicia-se o Catálogo Mundial das Espécies. A recolha, identificação e catalogação de novas espécies, ganhou uma importância

renovada com a sociedade industrial e a chegada de burgueses e turistas. Muitos jardins botânicos ganharam a função de parque e de museus vegetais. Actualmente constituem igualmente palco de experiências botânicas.

Durante muito tempo, as colecções que estes jardins albergavam não foram guiadas por nenhuma orientação conservacionista, mas sim, segundo as relações sistemáticas que estabeleciam entre si, orientadas de acordo com os originais princípios coleccionistas. O carácter tradicional dos jardins botânicos que, ao longo da história, mostrou sempre uma lenta capacidade de reacção às mudanças da sociedade, tem efectivamente mudado nos últimos anos. Pierre Dansereau, professor da Universidade de Montreal, refere o papel científico e social do jardim botânico na sociedade moderna. Com o exemplo do Jardim Botânico de Montreal, fundado em 1936, da autoria de Jacques Greber, salienta o facto do reconhecimento da utilidade do jardim botânico pelos seus visitantes ser condicionado apenas pelos serviços visíveis que presta, revelando desconhecimento das verdadeiras funções e acções de tais espaços. Face a este cenário, vinca a importância de esclarecimento do público, de modo a interessá-lo verdadeiramente pela missão de tais espaços, bem como a importância do estabelecimento de relações internacionais.

O Professor António Sousa da Câmara, Director da Estação Agronómica Nacional entendia o jardim botânico como uma ...*magnífica ferramenta de educação popular, de aperfeiçoamento de cientistas e, sobretudo, de valorização dos territórios do ultramar.*<sup>89</sup> e Jorge Paiva caracteriza tais espaços como importantes reservas de genes que, por não poderem substituir cabalmente os sistemas naturais, são considerados apenas como uma forma de minimizar os efeitos de destruição da natureza.

Até aos anos 70, mantiveram-se como espaços de pesquisa, com acesso reservado a investigadores, assistindo-se nestes anos a uma renovação da sua estrutura conceptual. Muitas instituições educativas passaram a integrar jardins botânicos, combinando, em grande parte dos casos, a faceta. O jardim botânico abriu pela primeira vez as suas portas à cidade passando a integrar a rede de espaços de utilização pública.

Nas décadas de 80 e 90, na sequência de uma maior preocupação ecológica e ambiental instalada, foi reconhecido o papel que os jardins botânicos poderiam desempenhar na conservação da biodiversidade. Em 1989, foi publicado o documento “*The Botanic Garden Conservation Strategy*”, da autoria da BGCI, a qual integra as orientações de funcionamento dos jardins botânicos, com vista à conservação das espécies vegetais. Nestes anos foi dada uma nova atenção aos visitantes dos museus e jardins botânicos. Verificou-se um maior investimento na conversão de tais espaços em parques municipais.

---

<sup>89</sup> Câmara, António Sousa da, 1960, pp. 31

Antoni Aguilera entende que os jardins botânicos se aproximam da concepção clássica de museu pelo carácter de “armazém de colecções de plantas identificadas e classificadas”, constituindo, muitas vezes, o único elemento que os sustentam. No registo do conceito de Museu, agrupa os jardins botânicos em cinco grupos,<sup>90</sup> que se sucedem na história. São eles os primeiros “museus de colecções”, seguidos pelos museus nascidos da Revolução Industrial, com uma vocação claramente pedagógica, os *Science Centers*, os Parques Temáticos de carácter científico e, por último, um novo tipo de espectáculo audiovisual. No seguimento da caracterização desta tipologia de espaço, o mesmo autor distancia-os dos museus pelo facto de centrarem a sua actividade em institutos de investigação e docência. Outro aspecto que os distingue relaciona-se com a frequência das visitas. Os museus de primeira geração, mais envelhecidos, sem nenhum esforço de adaptação aos tempos e exigências actuais, têm vindo a anunciar uma perda de público. No que respeita aos jardins botânicos, não se verifica a perda de utilizadores, porque na condição de espaços poli facetados, continuam a ser procuradas como espaços verdes de encontro.

De uma maneira geral, os jardins botânicos têm vindo a adaptar-se às mudanças sociais e desenvolvimentos científicos. No que respeita à sua estrutura, muitos seguiram o modelo convencional, outros libertaram-se da tradição do passado, com propostas inovadoras nas acções relacionadas com a conservação. Os principais papéis que têm assumido integram a aplicação das estratégias de biodiversidade, referentes à conservação e utilização sustentável de plantas, bem como o carácter educativo e recreativo inerente. Por outro lado, o interesse pelo conhecimento da natureza e da história natural tem crescido, o que naturalmente se traduz numa maior expectativa por parte do público, no que respeita à oferta dos jardins botânicos. No entanto, não são poucos os casos em que as colecções de plantas vivas não são mais do que um só pretexto para tais espaços se manterem enquanto jardins botânicos, não colocando em causa a frequência das suas visitas.

Apesar de encontrarmos alguns jardins botânicos associadas a um padrão convencional, restringindo o seu funcionamento a espaços de exposição, actualmente, a grande maioria, libertos das tradições do passado, encontram-se sensibilizados para a problemática da biodiversidade. Têm vindo a desenvolver programas de investigação e educação concentrados na conservação de plantas e habitats adquirindo um carácter cada vez mais pedagógico. O desenvolvimento das

---

<sup>90</sup> Os “gabinetes de curiosidades naturais renascentistas” e “museus de colecções”, caracterizam a primeira geração de museus científicos-tecnológicos.

A segunda geração compreende os museus nascidos da Revolução Industrial, com uma vocação claramente pedagógica, cujo melhor exemplo é o *Musée des Techniques de Paris*. No início do séc. XX surgiram outros, como o *Deutsches Museum*, em Munique; o *Science Museum*, em Londres e o *Museum of Science and Industry*, em Chicago.

A terceira geração, com expressão máxima nos anos 80, é constituída por aqueles designados por *Science Centers*. Tratam-se de centros interactivos, que rompem com a condição passiva do visitante em que o culto do objecto, característico dos anteriores, é substituído pelas experiências dos actuais. São exemplos o *Palais de la Découverte*, em Paris, o *Exploratorium*, em S. Francisco e o *Ontário Science Center*, em Toronto.

A quarta geração é constituída pelos Parques Temáticos de carácter científico, onde o espaço físico sofre uma transformação radical, bem como a interacção com o visitante. São espaços de recreio e exibição de acções educativas, informação e diversão num único produto, reforçando o carácter lúdico da sociedade. Como exemplo destaca-se o Parque *La Villette*, em Paris.

Por último, a quinta geração, surge com um novo tipo de espectáculo audiovisual, associado aos novos sistemas de videojogos e suportes de informação, criando modelos de realidades virtuais, entendidos como verdadeiros espaços de comunicação e educação científica. Nestes museus virtuais, onde a comunicação é quase instantânea, a ideia do objecto físico exposto num determinado lugar, deixou de ser relevante.

novas tecnologias trouxe também grandes inovações na pesquisa botânica e também na divulgação dos princípios que defende.

No contexto nacional existem sete jardins botânicos. Permanecem todos no local para onde foram originalmente criados, à excepção do Jardim Botânico do Porto. Dizem respeito ao Jardim Botânico da Ajuda<sup>91</sup>, (fundado em 1768, segundo projecto de Domingos Vandelli) Jardim Botânico de Coimbra<sup>92</sup> (fundado em 1772-1774 pelo Marquês de Pombal), Jardim Botânico do Porto (1951), Jardim Botânico de Lisboa<sup>93</sup> (fundado em 1878), Jardim Botânico dos Açores - Faial<sup>94</sup> (1986), Jardim Botânico da Madeira – Funchal<sup>95</sup> (1960) e Jardim Botânico da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro<sup>96</sup> (1988).

### 2.3.3| Os jardins botânicos do futuro

O programa do jardim botânico pressupõe um olhar para o futuro, tanto no que respeita aos temas abordados, como à estratégia de comunicação adoptada. Pretende comunicar os grandes temas da biodiversidade, sustentabilidade e ética ambiental, em associação com o panorama económico e social de um modo criativo e inovador, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência pessoal e social mais crítica.

A estratégia para os jardins botânicos do futuro há já alguns anos que tem vindo a ser pensada. Nos anos 70, o tema da conservação da natureza e biodiversidade começou a ser debatido, tendo as funções dos jardins botânicos tomado um novo rumo. Aos propósitos coleccionistas e de experimentação botânica associaram-se preocupações de ordem ambiental e ecológica. No seguimento destas mudanças, surgem novos modelos de gestão.

Face à grande variedade de jardins botânicos existentes, que diferem em tantos aspectos, como a missão, dimensão, funcionamento e gestão, é difícil estabelecer direcções que sirvam a todos. No entanto, é importante o estabelecimento de uma estratégia sustentada por orientações generalistas, que dirijam a configuração das suas novas responsabilidades, ajustadas ao contexto actual. De acordo com o definido na “*Agenda for Botanic Gardens in Conservation*”, o principal papel dos jardins botânicos consiste em dar a conhecer a presença e a importância das plantas na vida de todos, agindo como centro vocacionado para a conservação e uso sustentável do reino vegetal.

---

<sup>91</sup> <http://www.isa.utl.pt/jardim/proj.rec> (consultado a 15 de Janeiro de 2006)  
[www.isa.utl.pt/tapada/4.2\\_jardim%20botanico.htm](http://www.isa.utl.pt/tapada/4.2_jardim%20botanico.htm) (consultado a 15 de Janeiro de 2006)

<sup>92</sup> <http://www.uc.pt/botanica/jardim.htm> (consultado a 15 de Janeiro de 2006)

<sup>93</sup> [www.jb.utl.pt](http://www.jb.utl.pt) (consultado a 15 de Janeiro de 2006)

<sup>94</sup> [www.dra.raa.pt/botanic.azores/](http://www.dra.raa.pt/botanic.azores/) (consultado a 15 de Janeiro de 2006)

<sup>95</sup> [www.sra.pt/jarbot/](http://www.sra.pt/jarbot/) (consultado a 15 de Janeiro de 2006)

<sup>96</sup> [www.isa.utl.pt/cbaa/geral/consulitorio\\_h.htm](http://www.isa.utl.pt/cbaa/geral/consulitorio_h.htm) (consultado a 15 de Janeiro de 2006)

*The global mission of botanic gardens worldwide in conservation can be summarised as follows:*

- *Stem the loss of plant species and their genetic diversity worldwide.*
- *Focus on preventing further degradation of the world's natural environment.*
- *Raise public understanding of the value of plant diversity and the threats it faces.*
- *Implement practical action for the benefit and improvement of the world's natural environment.*
- *Promote and ensure the sustainable use of the world's natural resources for present and future generations.*

*The achievement of this mission will require botanic gardens to undertake a broad programme of activities, as outlined in this Agenda. However, botanic gardens cannot achieve this mission on their own, they must work in partnership with a wide range of bodies to achieve their targets including governments, organisations, institutions, corporations, communities and individuals.*<sup>97</sup>

Pretende-se aqui reflectir acerca da condição do jardim botânico do futuro, decorrente da necessidade incontornável de ajuste destes espaços ao contexto social e ambiental da cidade contemporânea. Neste sentido, conduzidos pela posição de algumas figuras de referência do contexto botânico actual, traçamos aqui uma possível configuração que se encontra de momento em debate. Destacamos as opiniões do Prof. Vernon H. Heywood, professor universitário e investigador; Antoni Aguilera, Director do Jardim Botânico de Valência; A. D. Kendle Director do Éden Project, proferidas no Seminário Internacional *Botanic Gardens in the Cities of the Future*, em Valência, Espanha, no ano de 2002.

Apontam todos para uma profunda reavaliação do seu funcionamento actual, tendo como função principal a educação. O facto da maior parte dos jardins botânicos se situar em contextos urbanos, afastados dos centros naturais de biodiversidade, vem afirmar a sua importância como agentes de informação e sensibilização. Neste sentido, os jardins perdem importância como *places where conservation is done*<sup>98</sup> e ganham interesse como *places where conservation is understood*<sup>99</sup>, criando-se assim, uma nova interface entre as pessoas e o mundo natural. Assim, nestes espaços de permanente comunicação, o grande desafio consiste em combinar o tradicional jardim botânico, pertencente à primeira geração de museus, com novos programas e actuais técnicas de comunicação, a par do que tem vindo a ser desenvolvido em museus de ciência e parques temáticos.

O Prof. Vernon H. Heywood entende que o actual modelo de funcionamento dos jardins botânicos tem um fraco desempenho na conservação da biodiversidade, salvo os casos em que dispõem de bancos de sementes. Refere como limitações para o cumprimento dos objectivos de conservação e promoção da biodiversidade a falta de espaço para o desenvolvimento das colecções mais ajustadas a este propósito (as espécies cultivadas nos jardins botânicos, que totalizam 80-100 000, têm uma fraca representação de exemplares com elevado valor genético); o conflito de interesses com o público (muitas vezes as plantas que o público quer ver não são as que mais

<sup>97</sup>[http://www.bcn.es/medciencies/botanicgardens2004/abstracts/pdf\\_publicacions/IntenationaAgenda.pdf#search=%22International%20Agenda%20for%20Botanic%20Gardens%22](http://www.bcn.es/medciencies/botanicgardens2004/abstracts/pdf_publicacions/IntenationaAgenda.pdf#search=%22International%20Agenda%20for%20Botanic%20Gardens%22) (consultada a 30 de Setembro de 2006)

<sup>98</sup> Kendle, A. D., 2002

<sup>99</sup> Kendle, A. D., 2002

importam conservar); desarticulação das actividades desenvolvidas com a Missão de conservação.

Antoni Aguilera, por sua vez, põe a tónica da função dos jardins botânicos na investigação científica e educação, referindo que *En esencia, un jardín botánico debe ser un espacio de comunicación, más o menos permanente, dotado de un proyecto de educación no formal, que se plasme en conjunto de objetivos educativos transversales, generales y particulares, en función de sus posibles públicos objetivos.*<sup>100</sup> Neste sentido, defende que a configuração dos jardins botânicos do futuro deverá desenvolver-se em torno de duas ideias fundamentais, referentes à investigação botânica e comunicação do seu valor e significado. Entendendo que os jardins botânicos pertencem, de pleno direito, ao grupo dos museus científico-tecnológico, apesar das suas actividades terem seguido, desde sempre, caminhos distintos e pelo sucesso alcançado no ajuste dos seus conteúdos ao paradigma da sociedade contemporânea, sustenta-se igualmente na criação de um novo modelo de funcionamento.

Tony Kettle, director do Eden Project, avança com uma visão crítica referente à eficácia da actividade dos jardins botânicos em nome da conservação. É da opinião que tal aplicação não alcança os benefícios funcionais da biodiversidade, face à possibilidade de apenas servir um pequeno número de espécies existentes, dado que não as conhecermos na sua grande maioria. Neste sentido, defende que o papel do jardim botânico requer uma profunda reavaliação. Face ao avanço da tecnologia, o desafio de conservação da biodiversidade será mais eficiente através da pesquisa de técnicas que permitam superar as limitações do reino vegetal, como a incapacidade em manter riscos de hibridação e propagação de doenças.

A mensagem que Peter Crane, director do Royal Botanic Garden, Kew, deixou ficar para os jardins botânicos centra-se no valor das plantas: *plants are central to any rational view of a global sustainable future*<sup>101</sup>. A sobrevivência humana depende, em grande medida, dos recursos que se extrai da natureza. As plantas, importante legado da natureza, são a base de toda a vida, encontrando-se actualmente em risco com o desaparecimento crescente dos habitats e consequente redução da biodiversidade.

Entende, por estas razões, ser necessário que os jardins botânicos dêem a conhecer as responsabilidades das plantas para a resolução dos problemas actuais, como por exemplo, a agricultura e os recursos naturais. No primeiro caso, as valias referem-se à exploração das potencialidades genéticas das plantas, permitindo estender a base de produção agrícola. No que respeita aos recursos naturais, a acção das plantas no estabelecimento de galerias ripícolas, na protecção das bacias hidrográficas e promoção da infiltração das águas pluviais, deverá, na sua

---

<sup>100</sup> Aguilera, Antoni, 2002, pp. 65

<sup>101</sup> Crane, Peter, 2002, 56

opinião, ser conhecida e entendida por todos. Defende que os lugares privilegiados para estas experiências e conhecimentos são os jardins botânicos.

Referimos de seguida as ideias chave que sintetizam as propostas defendidas para os jardins botânicos do futuro.

- articulação da tradição renascentista dos jardins botânicos com as novas técnicas de comunicação expositivas dos museus das ciências;
- articular informação, educação e diversão no mesmo cenário, numa aproximação aos parques temáticos das “cidade da ciência”;
- na defesa do património botânico, informar da importância e das possíveis utilizações da vegetação, sensibilizar para os riscos decorrentes de uma utilização inadequada e acima de tudo, promover iniciativas de conservação e promoção da biodiversidade, tais como conservação *ex situ*;
- tendo em conta que não se conhecem todas as espécies vegetais existentes e os seus valores para o Homem, importa alargar o conhecimento do reino vegetal, através de investigação relacionada com o registo, a classificação e a avaliação das colecções botânicas, revertendo na criação de bancos de sementes;
- criação de novas redes nacionais e regionais de jardins botânicos integradas no sistema mundial para a conservação vegetal.

### 2.3.4| Filosofias de recuperação

A pesquisa que tem vindo a ser desenvolvida nos últimos anos em torno das estratégias de acção dos jardins botânicos, permite a construção de um retrato consistente do seu panorama actual, no que se refere essencialmente ao conhecimento da sua distribuição geográfica, das suas funções, bem como do modelo de gestão.<sup>102</sup> Tais estudos permitem-nos igualmente concluir que, no contexto europeu, grande parte dos jardins botânicos permanecem nas instalações originais para

---

<sup>102</sup> Actualmente existem 800 jardins botânicos inscritos na BGCI, distribuídos por 120 países. Cerca de 60% encontram-se nas regiões temperadas da América do Norte, Europa e nos países da Antiga União Soviética, coincidindo com regiões de elevada biodiversidade. No entanto, nas áreas em que ocorrem as grandes concentrações de espécies com altos níveis de endemismo, como a América do Sul, o Sudeste Asiático e a África, os jardins botânicos não são muito frequentes. Mais de 30% integram as Universidades e outros institutos de pesquisa de ensino superior, sendo os de propriedade privada um número relativamente pequeno. Outro estudo refere que 1600 jardins botânicos recebem, em conjunto, mais de 150 milhões de visitantes por ano, representando um reconhecimento da sua importância.

O Jardim Botânico do Porto, desde 2002 regista um aumento significativo das visitas livres (3470 visitas anuais em 2002 e 6418 em 2005). No que respeita às visitas guiadas ocorreu um decréscimo desde 2001. O registo de 2321 visitas verificadas nesse ano baixou para 1488, em 2005.

onde foram criados. São exemplos o Jardim Botânico de Coimbra (1774) e o Real Jardí Botànic de Madrid (1755), havendo outros instalados em quintas, herdades e tapadas, muitas com um carácter histórico vincado. É o caso do Jardí Botànic Universitat de València (1802) e o Jardim Botânico de Londres (Kew Gardens) (1802). Mais recentemente, outros têm vindo a estruturar-se com modelos inovadores, distantes da tipologia tradicional de jardim botânico, como é exemplo o Jardim Botânico da Universidade de Vila Real de Santo António (1988).

No que respeita à sua estrutura e funcionamento, tem-se verificado nos últimos anos uma maior independência financeira e administrativa. No entanto, de um modo geral dispõem de poucos recursos para fazer face aos encargos com a manutenção e gestão do espaço, revertendo numa desqualificação das suas estruturas e desajuste dos seus programas, suscitando o incumprimento das suas funções. Face a este cenário, verifica-se urgência na sua recuperação, o que tem vindo a manifestar-se nas últimas décadas. Como exemplos de referência destacamos o Real Jardín Botánico de Madrid, o Jardí Botànic Universitat de València, o Jardin Botanique de Bordeaux e o Washington Park Botanical Garden.

No processo de recuperação dos jardins botânicos com carácter histórico destacamos duas etapas de trabalho. Depois de asseguradas as condições físicas, patrimoniais e históricas e de estabelecidas as directrizes que vão orientar a constituição do perfil botânico e científico, segue-se a revisão do programa do jardim botânico, no sentido de ajustar a sua prestação à dinâmica da cidade contemporânea. Neste capítulo, em resposta à primeira etapa do trabalho, pretende-se sistematizar as orientações que presidiram o “Projecto de Conservação e Valorização do Jardim Botânico da Universidade do Porto” (2002-2005), bem como as directivas apontadas pela BGCI para o estabelecimento da Missão do jardim botânico. No que respeita à última etapa referida, esta terá tradução no Plano de Acção, desenvolvido na segunda parte do trabalho.

Assim, as filosofias de recuperação dos jardins botânicos instalados em espaços com carácter histórico, referem-se às orientações de recuperação de jardins históricos, com tradução no quadro legal internacional.<sup>103</sup> Dos princípios orientadores existentes, importa atender os princípios da Carta de Florença<sup>104</sup> e a outros documentos de teor idêntico que reflectem sobre a conservação da diversidade do património edificado e para o qual se considera poder ser encontrada uma mesma abordagem conceptual, como se pretendeu fazer com a Carta de Burra – Carta para a Salvaguarda dos Lugares de Significado Histórico (ICOMOS / Austrália, 1999).

---

<sup>103</sup> Até à década de 80, os princípios de protecção do património cultural não fizeram quaisquer referências aos jardins, mas também não os excluíram. Tratavam-se de figuras dinâmicas e flexíveis. São exemplos, a Carta de Veneza, publicada em 1964 (ICOMOS), bem como a Convenção para a Protecção do Património Mundial, Natural e Cultural (UNESCO, 1972). Em 1976, a UNESCO faz recomendações para a protecção e divulgação da importância contemporânea das áreas históricas que incluem o conceito de jardim histórico.

Já no fim dos anos 70, princípios dos anos 80, a revisão da Carta de Veneza refere os jardins históricos e alguns dos princípios para a sua recuperação. Ainda em 1981 surge a Carta de Florença (ICOMOS / IFLA), a primeira Carta Internacional que defende que o jardim histórico deve ser considerado como um monumento, e em 1986, a Carta de Burra (ICOMOS / Austrália).

<sup>104</sup> A Carta de Florença (Carta de Jardins Históricos) constitui uma adenda à Carta de Veneza (1964), elaborada pelo Comité Internacional dos Jardins Históricos do ICOMOS / IFLA, relativa à salvaguarda dos jardins, registada no ano de 1982.



Neste sentido, a recuperação do espaço com carácter histórico, orientada pela Carta de Florença, que entende o jardim histórico como *...an architectural and horticultural composition of interest to the public from the historical or artistic point of view. As such, it is to be considered as a monument*<sup>105</sup> deve privilegiar quatro acções principais, referentes à manutenção, conservação, restauro e reconstrução dos traços fundamentais que constituem a essência do espaço, responsáveis pela sua originalidade e permanência. No que respeita às questões metodológicas, distinguem-se várias posições, que variam entre a preservação absoluta dos cenários originais e a proposta de recriação das suas características, assegurando em ambos os casos, a salvaguarda dos traços que singularizam o espaço.

Depois de assegurada a salvaguarda da faceta histórica, os significados e as memórias com tradução em elementos simbólicos, não constituindo necessariamente, ou absolutamente, valores históricos, ganham reconhecimento normativo com a Carta de Burra. Face à abrangência das suas normas, integram na categoria de espaço cultural os diversos significados de jardim no que se refere, por exemplo, ao seu valor literário, artístico e simbólico. Neste sentido, destacamos os conceitos estruturantes da carta que se refere ao significado cultural do lugar, exclusivo de cada espaço.

*Place means site, área, land, landscape, building or other work, group of buildings or other Works, and may include componentes, contents, spaces and views.*

*(...)*

*Cultural significance means aesthetic, historic, scientific, social or spiritual value for past, present or future generations.*

*Cultural significance is embodied in the place itself, its fabric, setting, use, associations, meanings, records, related places and related objects.*

*Places may have a range of values for different individuals or groups.*<sup>106</sup>

Estes conceitos revelam uma abordagem distinta do modelo tradicional, no que respeita à conservação dos diversos valores e significados presentes nos jardins.

*Conservation means all the processes of looking after a place so as to retain its cultural significance.*

*(...)*

*Adaptation means modifying a place to suit the existing use or a proposed use.*

*Use means the functions of a place, as well as the activities and practices that may occur at the place.*

*Compatible use means a use which respects the cultural significance of a place. Such a use involves no, or minimal, impact on cultural significance.*<sup>107</sup>

Por sua vez, as directrizes conceptuais que vão ajudar a desenvolver as orientações da Missão do jardim botânico, são asseguradas pela associação *Botanic Gardens Conservation International* (BGCI)<sup>108</sup>, que constitui a maior rede de protecção de biodiversidade internacional. Desempenha

<sup>105</sup> The Florence Charter, article 1, 1982

<sup>106</sup> The Burra Charter, article 1, 1986

<sup>107</sup> The Burra Charter, article 1, 1986

<sup>108</sup> A associação *Botanic Gardens Conservation International* (BGCI) tem como Missão a criação de uma rede mundial para a conservação das plantas, promovendo um trabalho conjunto com os jardins botânicos associados para a implementação da *International Agenda for Botanic Gardens in Conservation*. Fundada em 1987, encontra-se registada no Reino Unido, tendo como principal patrono o Príncipe de

um papel importante na promoção de um trabalho coordenado com as diversas instituições botânicas, no sentido de guiar a formulação de políticas e estratégias, bem como o esclarecimento de prioridades nacionais e locais para a pesquisa científica. Tais premissas têm tradução em diversas políticas, planos de acção, bem como manuais de procedimentos, constituindo instrumentos<sup>109</sup> valiosos no processo de ajuste dos jardins botânicos à cidade contemporânea e, consequentemente, definição da sua Missão. De todos, destacamos a “*International Agenda for Botanic Gardens in Conservation*” (2000)<sup>110</sup>, “*The Global Strategy for Plant Conservation*” (2003)<sup>111</sup> e “*The 2010 Botanic Gardens Targets*”. (2004)<sup>112</sup>.

A “*International Agenda for Botanic Gardens in Conservation*” actualiza e substitui o documento “*The Botanic Gardens Conservation Strategy*”, preparado pela BGCI, IUCN e WWF, em 1989. Propõe a criação de uma estrutura global para as políticas dos jardins botânicos, programas e prioridades para a conservação da biodiversidade. Constitui uma oportunidade para a estruturação do jardim botânico no contexto de revisão da estratégia de conservação na cidade contemporânea. Tais normas actual essencialmente no conhecimento da importância da diversidade de plantas e das ameaças que enfrentam, integrando igualmente acções relativas ao desenvolvimento sustentável, conservação *ex-situ* e *in-situ*, estratégias nacionais de conservação da biodiversidade e pesquisa científica, suscitando a criação de uma consciência ambiental colectiva.

Foi elaborada por Wyse Jackson, com a coordenação do *Botanic Gardens Conservation International* (BGCI), entre 1998 e 2000, recebendo contributos de mais de 300 pessoas e instituições internacionais relacionadas com a conservação e promoção da biodiversidade. Foi publicada no *1st World Botanic Garden Congress* (Asheville, North Carolina, USA), em 2000, tendo sido desde logo reconhecido pela *Convention on Biological Diversity* (CBD), como o documento essencial para a conquista da *Global Strategy for Plant Conservation* (GSPC). Desde então, cerca de 280 jardins botânicos de todo o mundo comprometeram-se na efectivação desses propósitos.

A inscrição na “*International Agenda*” institui um compromisso aos jardins botânicos referente à comunicação à BGCI dos resultados dos trabalhos de conservação realizado por tais instituições, podendo obter-se deste modo, no âmbito do Congresso Internacional dos Jardins Botânicos para

---

Gales. Integra mais de 500 instituições de 111 países. Organiza, a cada 3 anos, um congresso internacional para jardins botânicos, tendo já orientado cinco encontros (Las Palmas de Gran Canaria, Espanha, 1985; Ilha de Réunion, Rio de Janeiro, Brasil, 1988; Perth, Austrália ocidental, 1991; Cidade do Cabo, África do Sul, 1994; Asheville, EUA, 1997).

<sup>109</sup> <http://www.bgci.org/worldwide/policytools/> (consultada em 30 de Setembro de 2006)

<sup>110</sup> Jackson, Wyse e L. Sutherland, 2000.

[http://www.bgci.org/worldwide/international\\_agenda/](http://www.bgci.org/worldwide/international_agenda/) (consultada em 30 de Setembro de 2006)

<sup>111</sup> <http://www.biodiv.org/programmes/cross-cutting/plant/default.asp> (consultada em 30 de Setembro de 2006)

Esta estratégia foi adoptada na *Conference of the Parties to the Convention on Biological Diversity (CBD)*, em Abril de 2002. Integra 16 objectivos orientados para a conservação e uso sustentável de plantas, com uma meta temporal de 2010, podendo ser adoptada por diversas organizações e instituições governamentais, de conservação e pesquisa, tais como Áreas Protegidas, Jardins Botânicos, Bancos de Genes, Universidades, Organizações não Governamentais, com extensão ao sector privado.

<sup>112</sup> [http://www.bgci.org/worldwide/2010\\_bgtargets/](http://www.bgci.org/worldwide/2010_bgtargets/) (consultada em 30 de Setembro de 2006)

a Conservação, realizada a cada 3 anos, a avaliação da implementação das orientações referidas, bem como a partilha de experiências.

Os documentos “*The Global Strategy for Plant Conservation*” e “*The 2010 Botanic Gardens Targets*” decorrem de uma análise mais detalhada da *International Agenda for Botanic Gardens in Conservation*, revertendo na integração dos planos de acção de cada jardim botânico. Estes documentos referem-se à aplicação estratégica dos princípios conceptuais que regem a filosofia do jardim botânico da cidade contemporânea, os quais serão abordados com outro detalhe no capítulo 4.2, onde se sugere uma estrutura para a definição da Missão do Jardim Botânico do Porto.

### **2.3.5| Síntese**

O jardim público ganhou autonomia através da pintura paisagista e alcançou uma efectiva renovação do conceito com as novas abordagens da land art. Actualmente assiste-se à recuperação de um forte relacionamento com as manifestações artísticas. Nesta ordem de ideias, destaca-se o potencial do jardim botânico para a representação da natureza na sua “dimensão botânica”, enquanto espaço científico, e na sua “dimensão artística”, enquanto espaço integrante da estrutura verde municipal e da rede de espaços lúdicos e culturais da cidade.

A história ancestral da tipologia de espaço jardim botânico conduz-nos, no cenário da cidade contemporânea, a uma consciencialização da importância da recuperação da sua dimensão simbólica, ao regresso e / ou recriação dos acontecimentos, vivências e ambientes passados, com a aspiração de salvaguarda do património, bem como a promoção de relações fortes e sentimentos de pertença pelos espaços. Assim, impõe-se um olhar consciente para os jardins botânicos do futuro, através da adopção de adequadas filosofias de recuperação do seu cenário patrimonial, bem como o inevitável ajuste ao novo paradigma urbano.

### **2.4| Síntese do capítulo 2**

O exercício de síntese do Capítulo 2 traduz-se no reconhecimento das características que distinguem o contexto onde será desenvolvida a proposta de renovação programática do Jardim Botânico do Porto (Capítulo 2.1), que constitui a segunda parte deste trabalho. Pretende igualmente sistematizar e clarificar os conceitos, bem como identificar os princípios e o processo que vão instruir o desenvolvimento da proposta. (Capítulo 2.2). Por fim, tecem-se algumas considerações sobre a tipologia de espaço que constitui o estudo de caso do trabalho, o jardim

botânico, destacando-se a necessidade de actualização da sua prestação aos tempos e espaços actuais (Capítulo 2.3).

A cidade contemporânea, caracterizada por um conjunto de ocorrências difusas, imprevisíveis e por vezes casuais, constrói dois cenários sociais diferenciados. O primeiro resulta da substituição das “velhas formas de socialização”, por “novas formas de comunidade”. A estas representações, de escala global, conduzidas pelos padrões da tecnologia e inovação, defendidas por Manuel Castells (2000), Ezio Manzini (2000) acrescenta um segundo cenário, com uma “feição de proximidade”, entendido à escala local. No que se refere ainda à estrutura social contemporânea, verifica-se a coexistência de outras características contrárias. O anseio por um “presenteismo forte”, defendido por Michel Maffesoli (2005) e afirmado no contexto inovador e imediatista das cidades metropolitanas, coexiste com uma apreciação saudosista e nostálgica pela cidade tradicional, exposta pelo mesmo autor.

No decorrer da partilha de protagonismo entre valores arquitectónicos e valores paisagísticos, o novo entendimento de espaços públicos sugerido por Rosalyn Deutsche acresce uma “experiência criativa” de representação da cidade, com a afirmação da arte enquanto instrumento de planeamento urbano / político. O espaço público ganha assim um carácter de mediação dos valores artísticos, os quais, desde sempre, caminharam em conjunto.

No contexto das cidades europeias, marcadas pela “nova economia” de Manuel Castells, as quais têm vindo a assistir à desvitalização do espaço público, as teorias de “planeamento sustentável” expressas na Carta de Aalborg são actualmente olhadas com descrédito. Face a este cenário são vários os autores que manifestam confiança na capacidade de regeneração social da cidade, defendendo avidamente o conceito de “cidade criativa”, alcançável através da introdução do “4.º pilar de desenvolvimento sustentável”, defendido por Jon Hawkes, referente ao conceito de cultura, na sua dimensão mais lata.

No seguimento destas afirmações, este capítulo contribui essencialmente para a condução da atitude projectual da recriação da programação do jardim botânico. Efectivamente, é como “agente cultural” que o jardim botânico se deverá afirmar no cumprimento das suas competências. Este desígnio confere firmeza, visibilidade e valor competitivo, constituindo assim uma ferramenta estratégica que vai, por um lado, responsabilizá-lo perante a sua missão e, por outro lado, beneficiar o processo de dinamização do espaço, no que respeita à integração no sistema educativo e cultural da cidade do Porto.

### **Capítulo 3| Jardim Botânico da Universidade do Porto**

Neste Capítulo pretende-se conhecer os agentes que mais directamente actuam na proposta da revisão programática do Jardim Botânico da Universidade do Porto. Referem-se à cidade do Porto, à Quinta do Campo Alegre, bem como ao “Projecto de Conservação e Valorização do Jardim Botânico da Universidade do Porto”.

A reflexão sobre a cidade do Porto estreita o âmbito da abordagem alargada da cidade contemporânea exposta no Capítulo 2. É a cidade enquanto cenário social e *espaço de imaginação e de criatividade intelectual*<sup>113</sup> que importa conhecer, incidindo especialmente sobre a sua dimensão sócio-cultural (distanciando-se assim da análise detalhada sobre a sua morfologia urbana), através da sistematização dos momentos de notoriedade da história urbana e arquitectónica, do actual cenário da Universidade do Porto, do panorama cultural e da rede de espaços verdes. A reflexão sobre a representação urbana da cidade, à luz dos agentes referidos, conduz a uma dicotomia urbana, com expressão na cidade clássica, à qual se contrapõe a recente procura de novas identidades.

Pelo carácter de distinção da quinta onde o jardim botânico se encontra instalado desde 1951, descrevemos também aqui, a história da Quinta do Campo Alegre. Para concluir a caracterização do contexto de trabalho, segue-se a exposição do programa de referência, respeitante às orientações para a recuperação da propriedade, descritos no “Projecto de Conservação e Valorização do Jardim Botânico da Universidade do Porto”.

#### **3.1| O contexto urbano – a cidade do Porto**

##### **3.1.1| Momentos de notoriedade da história urbana do Porto**

A história da cidade do Porto é longa e repleta de acontecimentos. No contexto deste trabalho, importa sistematizar os momentos urbanos de notoriedade. Assim, avançamos na história, saltando a caracterização da origem do povoamento e da formalização urbanística intra-muros dos sécs. XV e XVI, centrando a análise nas duas figuras de relevo da história urbana da cidade: Filipe II e os Almadás. O primeiro destaca-se essencialmente pelas reformas administrativas em prol da consolidação do poder civil, bem como pelos trabalhos urbanísticos, de carácter público, com expressão em acções inovadoras. Um século depois, João de Almada reforça todas as orientações já iniciadas.

---

<sup>113</sup> Faria, Carlos Vieira de, 2001, pp. 11

No início do séc. XVII, a construção do edifício da Relação e Cadeia (1603-1609) no Campo do Olival (o qual ruíu no séc. XVIII, tendo sido reconstruído por João de Almada), bem como a criação do Colégio dos Órfãos (1651) e do Recolhimento do Anjo (1672), afirmam a escolha da zona do Olival para a urbanização extra-muros. Na zona ribeirinha, os trabalhos de melhoramentos do cais de acostagem, através das obras na Alfandega (1677), bem como a reconstrução da Igreja de S. Nicolau (1671) e o restabelecimento da Casa da Moeda (1688) vêm reforçar a ligação ao rio. Por sua vez, os espaços públicos, no seguimento dos grandes projectos espanhóis para a criação de praças, ganharam outra importância nas políticas governamentais, através da criação de alamedas (Olival, Hortas e Batalha), plantação de árvores na cidade, instalação de bancos no espaço público e renovação das calçadas. Houve igualmente outras preocupações de salubridade, através da iniciativa do abastecimento de água à população. A acção Filipina anuncia assim, uma visão estratégica para o desenvolvimento do burgo, sustentada na renovação do conceito urbanístico que, um século mais tarde, foi continuada e reforçada pelos Almadás.

A partir de meados do séc. XVIII o Porto conhece um período próspero, caracterizado pelo grande desenvolvimento industrial, pela expansão do sector da agricultura, com destaque para a produção vinícola, com consequente crescimento comercial e subida do poder de compra. Este cenário traduz-se num galopante crescimento da população,<sup>114</sup> ordenando uma visão estratégica sobre o crescimento da cidade. Neste contexto, João de Almada, comandante militar, enviado para o Porto pelo Marquês de Pombal em 1757, renova o sistema urbanístico vigente com a criação da Junta de Obras Públicas, onde produz o primeiro plano geral de desenvolvimento urbano – “Lista de Melhoramentos”. Este plano forneceu orientações para a expansão da cidade através de novos eixos viários e definiu normas para a construção dos edifícios, inovando na preocupação do interesse público.

No cenário arquitectónico, esta época fica marcada pela monumentalidade da arte barroca dos edifícios civis, os quais pela localização estratégica e grandiosidade arquitectónica foram os responsáveis pela projecção regional da cidade.

*A moda italiana invade a cidade, recriando a sua imagem através de pontos de referência arquitectónicos: as torres, as fachadas «teatrais», o recurso à escultura monumental, os fontanários públicos, etc. A renovação da arquitectura monumental começa pela Sé, passando depois para os edifícios das irmandades, os palácios dos grandes dignitários eclesiásticos, os seus solares, etc.*<sup>115</sup>

Seguem-se outras obras emblemáticas da autoria do arquitecto italiano Nicolau Nasoni (1691-1773), tais como a Torre dos Clérigos (1732 - 1773), o Palácio do Freixo (1742) e a fachada da Igreja da Misericórdia (1750).

<sup>114</sup> Os registos apontam para 20 000 habitantes em 1732 e 43 000 em 1801 in Real, Manuel Luís e Tavares, Rui, 1987, pp.409

<sup>115</sup> Loza, Rui Ramos, 1996, pp. 7

Já final do séc. XVIII destaca-se a influência inglesa, com tradução na regularidade tipológica das fachadas dos edifícios, verificada nos projectos da autoria do arquitecto John Carr, indicando como exemplo o Hospital de Santo António (1769). Esta época ficou marcada pela construção de diversos edifícios civis, como a nova Cadeia da Relação (1752) e o Teatro de S. João (1762), tendo sido criada no início do séc. XIX a Academia Real da Marinha (1803-1806). Todos estes edifícios surgiram cartografados pela primeira vez na “Planta Redonda”, de George Balck, em 1813, constituindo uma ferramenta útil para o planeamento urbano da cidade.

De seguida, a acção governativa dos Almadás reforça as orientações Filipinas, avançando igualmente para novas estratégias de desenvolvimento urbano. Até aí, a cidade encontrava-se muito ligada ao rio. Decorrente da necessidade de estabelecer ligações com o mar, o desenvolvimento urbano estabeleceu-se em torno da Av. da Boavista, que começa no centro da cidade e acaba na linha de costa. No entanto, na sequência da exportação do vinho do Porto e das crescentes trocas comerciais, a margem esquerda do rio assistiu a um grande progresso, conferindo-se uma igual importância estratégica à ligação entre as duas margens. Surgiu assim, em 1806, já no mandato de Francisco de Almada, a “ponte das barcas”, à qual se seguiram outras ligações entre as duas margens.<sup>116</sup>

No mandato dos Almadás, destaca-se a importância conferida aos jardins públicos, com expressão na criação de varandas sobre o Douro, sendo descritos mais à frente, na caracterização da estrutura verde da cidade.

O desenvolvimento industrial na segunda metade do séc. XIX, suscitou a instalação da Associação Comercial do Porto no Convento de S. Francisco (1834), a construção do Palácio da Bolsa (1842), a abertura do Museu Industrial e Comercial (1885), bem como a urbanização da cerca de S. Francisco e Domingos. Na sequência do crescimento industrial, resultado da maciça ocupação do interior dos quarteirões, surge uma nova estrutura habitacional na cidade, as *ilhas*, as quais se fixavam junto às grandes fábricas.

No seguimento da renovação económica e tecnológica, esta época ficou igualmente marcada pela proliferação de exposições agrícolas e industriais, referência do avanço tecnológico nacional. A primeira Exposição Internacional ocorreu em 1865, no Palácio de Cristal, seguindo-se outras, das quais se destacam a “Exposição da Rosas” realizada em 1879, em homenagem a Jacinto de Matos, horticultor portuense, a Exposição Agrícola, em 1903, bem como a Exposição Internacional das Artes Decorativas e Industriais Modernas, em 1925.

---

<sup>116</sup> A ponte pênsil surge em 1843; a primeira ponte de caminho de ferro, D. Maria Pia, em 1877; a ponte D. Luiz I, com ligação das suas margens a cotas distintas em 1886; a ponte da Arrábida é criada em 1963; a ponte S. João, que vem substituir a ponte D. Maria surge em 1991; a ponte do Freixo em 1995; a ponte do Infante D. Henrique em 2002.

O espaço urbano Oitocentista monumentaliza-se com a criação de edifícios emblemáticos, bem como uma nova preocupação de enquadramento dos equipamentos culturais, teatros, bibliotecas e museus. Distingue-se o arquitecto José Marques da Silva (1869 - 1947), que teve a seu cargo obras de referência como o Teatro S. João (1911 – 1918), a Estação de S. Bento (1900), a nova igreja de Cedofeita, bem como outros edifícios modernos distribuídos pela cidade do Porto.

*A extensão do caminho de ferro ao centro da cidade e a construção da Estação de S. Bento (1900) fixarão definitivamente o centro urbano numa área que, desde o séc. XVIII, para tal tinha sido escolhida (Praça Nova das Hortas, Praça D. Pedro, Praça da Liberdade); isto provocará a descaracterização do burgo medieval, fazendo incidir sobre esse local a atenção da iniciativa renovadora das primeiras Câmaras, e acabará por se tornar o emblema arquitectónico da renovação do centro da cidade (afirmação da escola francesa e da influencia do arquitecto Marques da Silva).<sup>117</sup>*

Na viragem do século, o desenvolvimento urbano do Porto prossegue, sustentado por uma sucessão de cerca de 10 Planos de Urbanização que lançaram as orientações para a consolidação urbana. De todos, destaca-se o “Plano Geral de Arruamentos” (1914), constituindo a primeira estratégia de ordenamento físico da cidade, bem como o “Plano de Melhoramentos para a Cidade do Porto”, realizado em 1956, onde se prevê a construção da Ponte da Arrábida, na zona do Campo Alegre.

O reconhecimento destes valores é afirmado em 1996, com a classificação da cidade pela UNESCO a “Património Cultural da Humanidade”. A área classificada circunscreve-se ao Centro Histórico, tecido de origem medieval, integrando as freguesias de S. Nicolau, Sé, Vitória e Miragaia. Caracteriza-se por uma grande diversidade arquitectónica, onde coexistem os legados do romântico, gótico, renascentista, barroco, neoclássico e moderno. Trata-se de uma área de comércio e serviços, onde se localizam os principais equipamentos culturais da cidade, um grande conjunto urbano que encerra ...*um valor social vivo, mesmo fervilhante de vida, sujeito a transformações e impactos, fazendo parte do todo que é a cidade do Porto e a sua área Metropolitana.*<sup>118</sup>

### **3.1.2| A Universidade, o panorama cultural e a rede de espaços verdes do Porto**

No seguimento do percurso urbano do Porto designado por Manuel Castells como *New Culture of Cities*, o autor refere:

*... there are a number of features, spatial, technological, and institutional, that are positively associated with the development of a new culture of cities, extending its traditional communicative function into the technological paradigm of the twenty-first century. The main features seem to be the following:*  
*. The reconstruction of urban centrality, on the basis of a new, multinuclear structure....*  
*. The decisive role of public space as a bridge of between communities and individuals.*  
*... its openness to spontaneous use (including redefinition of use), is the most important*

---

<sup>117</sup> Loza, Rui Ramos, 1996

<sup>118</sup> Loza, Rui Ramos, 1996



*physical bridge between various sources of meaning, bringing them together in the urban experience.*

*. A new monumentality, able to provide symbolic meaning to spatial forms ... Public art, singular architecture, urban design ... are critical devices to restore meaning in the new city form.*

*. Schools as community-building devices...includes socialization of the new urbanite generation in a less individualized mode, attenuating the effects of atomized individuation induced by predominant exposure to the multimedia world.*

*. Not-for-profit, local computer / media networks, connecting the local experience to the electronic hypertext, thus providing a material bridge for interaction between the two sources of information and meaning.<sup>119</sup>*

No sentido de caracterizar a plataforma de acção com implicações no processo de revisão programática do Jardim Botânico do Porto, importa ajustar as 5 forças referidas por Castells ao contexto da cidade do Porto. Assim, a reflexão prossegue ancorada no sistema de ensino universitário, no panorama cultural e na rede de espaços públicos abertos da cidade do Porto, que se encontram cartografados no Anexo 1.

Neste contexto, a caracterização da plataforma de acção centra-se nos agentes com mais responsabilidade na (re) construção da cidade. Referem-se à Universidade do Porto (o estabelecimento de ensino superior da cidade com mais expressão, constituindo a entidade que tutela o jardim botânico), o panorama cultural da cidade (orientando a reflexão para a expressão urbana que tais equipamentos representam, bem como para o funcionamento em rede). Por último, no que se refere aos espaços de utilização pública da cidade, faz-se uma referência especial à rede de espaços verdes, pela sua importância enquanto elementos promotores da qualidade de vida urbana e de encontro social.

## **A Universidade do Porto**

A Universidade do Porto, de acordo com a Missão inscrita nos seus Estatutos, apresenta-se como uma *...instituição de educação, investigação e desenvolvimento nos domínios da cultura, da ciência, da comunicação e da tecnologia, comprometida com a formação integral das pessoas, o respeito pelos seus direitos e a participação activa no progresso das suas comunidades.*<sup>120</sup> Foi fundada após a implantação da República de 1910, em Março de 1911.

A Aula de Náutica, estabelecida por D. José I em 1762, e a Aula de Debuxo e Desenho, criada por D. Maria I, em 1779, estiveram na origem do ensino universitário da cidade do Porto, tendo sido a Academia Politécnica e a Escola Médico Cirúrgica, as suas antecessoras directas. Durante o Estado Novo o seu crescimento foi severamente travado, estruturando-se apenas em dois

---

<sup>119</sup> Castells, Manuel, 2001, pp. 383 e 384

<sup>120</sup> [http://sigarra.up.pt/up/web\\_base.gera\\_pagina?P\\_pagina=18374](http://sigarra.up.pt/up/web_base.gera_pagina?P_pagina=18374) (consultado a 20 de Setembro de 2006)

departamentos referentes a Ciências e à Medicina, conhecendo depois da Revolução de Abril de 1974, um período de expansão e de diversificação de saberes.<sup>121</sup>

Foi nos anos 60 e 70, que a Instituição deu início a um forte processo de internacionalização, com a deslocação de docentes para universidades estrangeiras, onde obtiveram o seu doutoramento. Depois, na década de 80, lançou-se num ambicioso projecto de reestruturação e construção de novos equipamentos e infra-estruturas, no que diz respeito às Faculdades, Residências e Equipamentos Desportivos. A intenção em reunir os diversos equipamentos de ensino dispersos pela cidade no formato de “Campus”, conduziu ao emprego de um grande investimento para a deslocalização e requalificação de Faculdades e Departamentos. Hoje, integra catorze Faculdades e uma Escola de Pós-graduação (Escola Superior de Gestão), oferecendo um vasto leque de cursos de licenciatura e pós-graduação reunidos em 3 Pólos, ocupando lugares distintos na cidade. Referem-se ao Pólo 1, no centro da cidade, correspondente ao grupo original da Universidade, o Pólo 2 situado no extremo Norte do Concelho do Porto, na zona da Asprela, e o Pólo 3, na zona do Campo Alegre. Face à dificuldade de expansão do Pólo 1, correspondente à área inicial da Universidade, os Pólos da Asprela e Campo Alegre ganharam importância no panorama educativo da Cidade do Porto.

O Pólo 3 da Universidade do Porto<sup>122</sup> integra uma zona da cidade que se estabeleceu no séc. XVIII em torno de propriedades rurais, outrora com extensas produções agrícolas, de preferência de muitas famílias estrangeiras que aqui fixaram residência, sobretudo inglesas, como a Tait, Kendall, Sandeman, Andresen e Burmester. Na rua do Campo Alegre, lado Sul, as casas com valor histórico e patrimonial presentes referem-se à Casa do Primo Madeira<sup>123</sup>, actual Circulo Universitário do Porto, Casa Burmester<sup>124</sup> e Casa Andresen, actual Jardim Botânico do Porto, que ocupa a Quinta do Campo Alegre desde 1952.

<sup>121</sup> De acordo com o Inquérito realizado aos Estudantes do Ensino Superior em 1996/97, pelo Instituto Nacional de Estatística, o panorama Universitário da cidade do Porto estabelece um cenário de 42 500 estudantes, dos quais 16 900 dispunham de alojamento durante grande parte do ano. Actualmente, cerca de 28 000 estudantes (dos quais mais de 3 500 de pós-graduação) distribuem-se por mais de 60 cursos de licenciatura em todas as grandes áreas do conhecimento e mais de 120 cursos de mestrado. A Universidade tem no seu activo mais de 2000 docentes (mais de metade doutorados) e 1 200 funcionários técnicos e administrativos. Na cidade do Porto, ocupa uma área de 150 ha.

<sup>122</sup> Constitui uma plataforma com uma área de 12 ha, localizada a Norte da Rua do Campo Alegre, que se desenvolve entre as cotas 43,00 e 50,00. A Nascente, a área do Pólo é marcada pelo cruzamento do rodoviário da VCI com a Rua do Campo Alegre. O jardim botânico, onde funcionam os departamentos de Biologia e Arquitectura Paisagista, juntamente com o Estádio Universitário e as Residências Universitárias estabelece o limite Poente. Ao longo do corredor de distribuição da Rua do Campo Alegre situam-se as Faculdades de Matemática, Física, Geologia e Química, pavilhão de Ciências, IBMC, Circulo Universitário, CIUP, bem como o futuro edifício da Direcção da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (FCUP). Por sua vez, a via Panorâmica que limita a Sul o Pólo 3, inicia com a Faculdade de Letras seguida da Faculdade de Arquitectura, Centro de Astrofísica e Teatro Universitário.

<sup>123</sup> A Casa do Primo Madeira, actual Circulo Universitário do Porto, foi adquirida nos fins do séc. passado (antes de 1890) por Pedro Maria da Fonseca Araújo (1862-1922), figura de prestígio social, com notoriedade no meio comercial e cargos políticos de destaque na cidade do Porto. Procedeu à reconstrução da casa com projecto do Arqto. Marques da Silva.

Nos anos 20/30 vendeu a propriedade à família do Primo Madeira. Mais tarde foi adquirida pelas Construções Escolares e, posteriormente pela Universidade do Porto para instalação do Circulo Universitário. O projecto de Recuperação (1986 -1988), da autoria do Arqto. Fernando Távora foi distinguido com o prémio *João de Almada*, da Câmara Municipal do Porto. Os espaços exteriores à casa ficaram a cargo do Arquitecto Paisagista Caldeira Cabral.

<sup>124</sup> A Casa Burmester data do final do século XIX e pertenceu ao alemão Gustavo Burmester. O jardim apresenta o mesmo traçado romântico da Quinta do Campo Alegre. A casa, de planta em cruz, foi confiscada pelo Estado durante a 1ª Guerra Mundial e em 1950 foi vendida à Câmara Municipal do Porto. Seis anos depois é cedida à Universidade. Funcionam aqui o Centro de Linguística, o Gabinete de Filosofia Medieval e o Instituto de Cultura Portuguesa.

Depois da instalação da Universidade do Porto segundo o novo modelo de agrupamento das Faculdades, a afirmação e requalificação dos Pólos Universitários estabeleceu-se no início da década de 80. No caso do Pólo 3, a proposta de requalificação, da responsabilidade do gabinete Polipro, Gabinete de Projectos, Lda. e Prof. Caldeira Cabral e Associados, foi apresentada em Junho de 1983. Este plano, para além da requalificação do espaço universitário foi determinante pela afirmação dos valores arquitectónicos, históricos e paisagísticos.

O projecto referido manifestou interesse em ... *assegurar a constituição de uma grande zona predominantemente plantada, ao longo da encosta Norte do Vale do Douro, ligando e integrando os maciços arbóreos existentes desde o Palácio de Cristal ao Jardim Botânico, proporcionando uma correcta integração e protecção das áreas escolares, a ampliação dos espaços verdes da Cidade e um adequado tratamento biofísico do vale*<sup>125</sup>, não tendo resolvido, no entanto, os problemas associados à circulação viária existentes naquela zona da cidade, despoletados na década de 60 pela construção dos acessos à ponte da Arrábida. Neste sentido, a Fundação para a Ciência e Desenvolvimento, em conjunto com a Câmara Municipal do Porto, procedeu à revisão desta proposta, realizada em articulação com o projecto para a frente fluvial, contigua à área do Pólo 3, cujas linhas orientadoras assentam numa preocupação de *permeabilidade e continuidade do tecido urbano, ... infra-estruturas complementares que respondam ao acréscimo de utilização*, nomeadamente parques de estacionamento...*bem como desdramatizar a presença da auto-estrada dentro do Pólo, reduzindo a área de implantação do nó.*<sup>126</sup>

A previsão da mudança da Direcção da FCUP<sup>127</sup> para o Pólo 3, a qual tem funcionado desde as suas origens no Edifício da Praça Gomes Teixeira, vai assegurar a permanência de todos os Departamentos da FCUP nesta zona da cidade, exceptuando-se a Licenciatura em Engenharia das Ciências Agrárias que têm lugar no Campus Agrário de Vairão, em Vila do Conde, podendo assim distinguir dentro do Pólo 3, o Campus da FCUP.

## O panorama cultural da cidade do Porto

Portugal assistiu, desde sempre, a um acentuado isolamento cultural relativamente ao panorama europeu. No séc. XVIII, no contexto da cultura de elites, é factor de distinção possuir livros e quadros em casa. No entanto, para a maioria dos aristocratas Portugueses, com uma experiência de império na Índia e no Brasil, os valores distintivos eram outros. As colecções de pratas e metais preciosos faziam com que a grande casa fosse aquela que apresentasse uma mesa esplendorosa.

<sup>125</sup> Cabral, Francisco Caldeira, 1983, pp.13

<sup>126</sup> Fundação Ciência e Desenvolvimento, 1997, pp. 20

<sup>127</sup> A Faculdade de Ciências encontra-se organizada segundo uma estrutura departamental, integrando actualmente oito departamentos (Botânica, Ciência de Computadores, Física, Geologia, Matemática Aplicada, Matemática Pura, Química, Zoologia / Antropologia) e uma secção autónoma (Engenharia das Ciências Agrárias). Inclui ainda cinco estabelecimentos dependentes (Museu da Ciência, Museu de História Natural, Centro de Cálculo, Observatório Astronómico e Instituto Geofísico)

No entanto, Portugal destaca-se, com notoriedade internacional, pela participação na criação e difusão de música na corte da Europa do séc. XVIII. Na viragem do séc. XVII para o séc. XVIII, verifica-se igualmente um aumento da criação de livros e pintura.

*Tudo o que afecta o homem afecta a cidade, e é por isso que, muitas vezes, o que há de mais recôndito e significativo numa cidade, ser-nos-á dito pelos poetas e novelistas. A grande novelística do séc. passado teve quase sempre uma cidade como pano de fundo, e da mesma maneira que as melhores descrições do corpo e da alma de Paris são devidas a Balzac, as de Madrid são obra de Galdós.*<sup>128</sup>

No caso da cidade do Porto são diversos os relatos literários reunidos por Isabel Pires de Lima, que nos reportam para os cenários do Porto de Oitocentos, marcado essencialmente pelos escritores que aqui viveram e que por aqui passaram. Os diversos registos sobre a cidade, bem como os espaços por eles visitados e habitados, muitos transformados hoje em Casa-Museu, constituem um precioso legado cultural. Informam-nos igualmente dos eventos culturais, bem como dos espaços de cultura. As tertúlias literárias, por exemplo, ocorriam nos teatros, óperas e cafés, e também nos hortos, bem como as exposições de plantas do Palácio de Cristal.

O séc. XVIII assistiu à circulação de pessoas pela Europa. Destacam-se as visitas dos Ingleses a Portugal, bem como as relações de D. João V a França. Na sequência da sua admiração pelo esplendor de Versailles, na decoração, nos trajes, no protocolo e na cultura, no seu reinado vigora o modelo francês. Na segunda metade do séc. XVIII, Marques de Pombal procurou igualmente aproximar Portugal às nações mais cultas da Europa.

No séc. XIX, o movimento cultural reflecte-se na política com o liberalismo, na literatura, na pintura e também na música com o romantismo e o realismo e na arquitectura, com o Barroco. Já no séc. XX Portugal assiste a uma progressiva viragem dos seus padrões culturais. No decorrer da sua adesão à Comunidade Europeia fixam-se índices crescentes de europeísmo nos mais variados extractos da sociedade. O sector cultural, tecnológico e científico democratizou-se na instrução pública.

Para a caracterização do actual panorama cultural da cidade do Porto, socorremo-nos da pesquisa e análise realizada no âmbito do projecto de investigação “Culturas Urbanas e Imagens da Cidade”<sup>129</sup>, coordenado por Carlos Fortuna e Augusto Santos Silva. Os inquéritos realizados na Área Metropolitana do Porto possibilitam as seguintes conclusões:

*Primeira: ... o acesso aos bens culturais mais bem situados na hierarquia dos sistemas culturais ... não se democratizou, no sentido em não foram superadas as barreiras de posição social que têm impedido a sua generalização.*

<sup>128</sup> Goitia, Fernando Chueca, 1996, pp. 7 e 8

<sup>129</sup> Silva, Augusto Santos, Luvumba, Felícia, Santos, Helena, Abreu, Paula, 2000.

*Segunda, e decisiva: a maior instrução média das populações ... não representou nem representa uma condição suficiente para o acréscimo de consumo daquele tipo de bens culturais.*

*Terceira: as mudanças do lado da oferta – isto é, no campo da produção, consagração e circulação de bens culturais – associadas ao desenvolvimento das indústrias culturais e da cultura de massas, à renovação da cultura erudita, à maior interpretação da cultura, do lazer e da vida quotidiana, e à expansão de formas híbridas ou interpeladoras da tripação convencional dos níveis de cultura (erudita, de massas e popular); essas mudanças ... induzem à afirmação e desenvolvimento de novas combinações de consumos e atitudes dos públicos...”*

*Quarta: “... não se altera por aqui a forte e rígida estrutura hierárquica, vertical, das formas culturais, que faz valer constantemente o maior trunfo dos mais «competentes» ou «cultivados», que é a comutatividade dos seus recursos: quem está no topo da hierarquia virtualmente domina todas as formas que estão lhe estão abaixo, e esse é o segredo fundamental da capacidade de renovação...”*

*Quinta: a recepção das formas culturais de elite e as saídas do universo doméstico para consumo cultural desenham as principais barreiras, no acesso e fruição dos públicos, penalizando sobretudo os menos instruídos, as mulheres de condição popular, os mais idosos, e as classes populares, em geral.*

*Sexta: ... o consumo regular de cultura erudita tende a ser uma prática minoritária e, por conseguinte, os consumidores regulares tendem a constituir uma elite (e a comportar-se como tal).<sup>130</sup>*

A não democratização da cultura conduz à configuração de uma cultura de elite. As “barreiras de posição social” são indicadas pelos autores como uma causa desta condição. A segunda conclusão do estudo relaciona-se com o grau de instrução da população. Estranhamente não se verifica uma correspondência do aumento do ensino da população com o acréscimo de consumo cultural. As “festas universitárias” (organizadas pelas Associações Académicas, direccionadas essencialmente para o público estudantil), bem como os programas de animação estival, com propósitos de atracção turística, (com a ocupação do espaço público - praças e ruas - numa afirmação identitária colectiva), têm grande expressão no repertório da oferta cultural da cidade.

No que respeita à oferta, as avaliações referem-se ao predomínio de uma cultura de consumo, de cariz lúdico e convivial, em desfavor de manifestações mais qualificadas e inovadoras, à ocorrência episódica das práticas culturais e falta de articulação entre os diferentes promotores. No entanto, a maior apetência da vida quotidiana para o consumo cultural induz a ofertas com novas combinações e formatos. É neste sentido que o carácter da *cidade happening* da actualidade, com um panorama cultural tendencialmente cosmopolita, tem vindo a afirma-se no contexto da cidade do Porto com uma ampla e pluralista oferta de produtos culturais (não só no que diz respeito aos equipamentos culturais, como também aos programas que integram. O crescimento significativo de novas companhias culturais com uma forte aposta na formação artística, adivinham uma crescente valorização do cenário cultural da cidade do Porto).

Tem-se assistido igualmente ao desenvolvimento de um novo modelo cultural, com uma oferta pautada pela diversidade e inovação. Traduz-se na proximidade de relações entre domínios de

---

<sup>130</sup> Silva, Augusto Santos, Luvumba, Felícia, Santos, Helena, Abreu, Paula, 2000, pp. 33 e 34

actuação que se encontram tradicionalmente distantes, como a ciência e a arte, conduzidos cada vez mais para os espaços da vida quotidiana, tais como as ruas, as praças, os jardins e mesmo as fachadas de edifícios, a par de uma maior democratização no acesso aos. No que respeita ao alcance territorial, o esforço tem agido no sentido de exceder a área metropolitana, com programas de alcance regional e também nacional.

Em síntese, o panorama cultural da cidade do Porto caracteriza-se por baixos níveis de consumos regulares, verificando-se uma relação clara entre a condição social, (no que respeita à categoria socioprofissional, capital escolar, idade e género) e o consumo cultural. As pessoas da classe média só participam “se os forem buscar” e só aderem “se compreenderem o que se lhes oferece”, o que leva os autores do referido estudo a concluir que o universo dos “públicos da cultura”, com um consumo mais regular e intenso, é constituído pelos grupos com formação escolar mais elevada.

No entanto, a cidade do Porto, com um cenário cultural tendencialmente cosmopolita, afirma-se com uma ampla e pluralista oferta de produtos culturais, os quais são conduzidos, cada vez mais, para os espaços da vida quotidiana, anunciando uma crescente valorização da cidade. No entanto, os baixos níveis de consumos culturais regulares, revelam uma apetência reduzida para “pensar a cultura”.

Face a este cenário, característico do panorama nacional, a crescente importância do sector da cultura como ferramenta do planeamento estratégico promove benefícios imediatos:

*A importância que a cultura tem vindo a assumir na sociedade portuguesa nas últimas décadas tem sido associada ao crescimento do sector cultural, decorrente da proliferação das actividades de criação e produção artística, da expansão das indústrias culturais, mas também da transformação das condições do consumo e da prática lúdica e cultural. Esse crescimento manifesta-se sobretudo na multiplicação das actividades de um conjunto vasto e heterogéneo de profissionais da intermediação cultural que desempenham funções de articulação não apenas no interior dos mundos da cultura onde operam, mas também entre estes e outros mundos sociais (nomeadamente o da economia e da política).*

*O papel dos intermediários culturais tem, por isso, vindo a marcar cada vez mais a reconfiguração dos ambientes sócio-culturais, particularmente em contexto urbano. As cidades são os espaços privilegiados do cruzamento e do contágio entre campos complexos da acção, nelas se inscrevendo as mais significativas zonas de intermediação social e cultural que pautam as dinâmicas de transformação contemporâneas.*<sup>131</sup>

---

<sup>131</sup> Fortuna, Carlos, 1999, pp. 30

## A rede de espaços verdes da cidade do Porto

São da época medieval os primeiros rossios, utilizados como espaços de feiras e mercados. Tais espaços de encontro e de comércio, deram lugar, na segunda metade do séc. XVIII, aos primeiros passeios públicos. O período da ocupação Filipina teve uma expressão particular no reordenamento dos espaços públicos, pronunciando-se sobretudo nos trabalhos de renovação da calçada dos arruamentos, plantação de árvores e instalação de bancos no espaço público. No período de Setecentos era o rio Douro que dominava os interesses lúdicos da cidade, manifestando-se nos passeios de barco, bem como na criação de passeios públicos voltados para o plano de água. Estes novos espaços de sociabilidade, assinalando outra forma de estar na cidade, surgiram integrados na política urbanística dos Almadas. São exemplos os Passeios das Fontainhas, Virtudes e Massarelos, que se encontram representados no Anexo 1 (fig. 64).

Ao longo do séc. XVIII as propriedades rurais estabeleciam-se nos arrabaldes da cidade. Os seus proprietários, com residência em casas apalaçadas no centro urbano, acrescem a estes espaços de produção uma função de recreio e lazer para utilização na época estival. Campanhã era uma das zonas mais procuradas para a instalação de tais quintas de recreio. A zona do Campo Alegre constitui igualmente um lugar de preferência, onde se instalaram algumas propriedades rurais. Perduraram até aos dias de hoje, na Rua do Campo Alegre, a Casa do Primo Madeira, actual Circulo Universitário do Porto, a Casa Burmester e a Casa Andresen, actual Jardim Botânico do Porto. Esta tipologia urbana estende-se para Norte da Rua do Campo Alegre, retratando o gosto e a sensibilidade pela Botânica do período de Oitocentos, bem como uma distribuição expressiva dos jardins privados, como mostra o levantamento dos jardins e logradouros da cidade, da responsabilidade de Augusto Gerardo Teles Ferreira.<sup>132</sup>

Foi no contexto privado e familiar que o gosto particular pela jardinagem e arte dos jardins, pelos valores do exotismo, do desconhecido e pelas colecções de plantas raras, promoveram a criação de espaços de exibição de plantas e flores, que eram simultaneamente lugares de encontro, de festas e de tertúlias. Por outro lado, nesta época de gosto pelo social, quando passou a ser moda o passeio e a exibição pública, procurou-se a inserção dos espaços de utilização colectiva na malha urbana da cidade, surgindo em 1834 o primeiro jardim público, o Jardim de S. Lázaro. Segue-se a criação de uma sequência de outros jardins e parques, como o Palácio de Cristal (1865) e o Jardim da Cordoaria (1866), concebidos pelo arquitecto alemão Émile David, contribuindo para o aumento da frequência do espaço público, hábito que tardou a afirmar-se.

A par da criação de jardins, assiste-se nesta época a novas preocupações com o ambiente urbano da cidade, no que diz respeito à plantações de árvores de arruamento, bem como a uma nova

---

<sup>132</sup> Da responsabilidade de Augusto Gerardo Teles Ferreira, a "Planta Topográfica da Cidade do Porto" teve início na década de 60 (1869), tendo sido concluída em 1892. Constitui o primeiro levantamento cartográfico da cidade, num conjunto de 6 folhas, realizado à Esc. 1/5 000.

preocupação com a gestão dos espaços verdes, à poda das árvores e promoção de acções para qualificação de jardineiros. Por conseguinte, assiste-se nesta época a um reconhecimento da profissão do jardineiro, bem como do horticultor, confirmado pela criação, na década de 50 do séc. XVIII de uma repartição camarária dirigida à secção dos espaços verdes. Em 1893, foi atribuído o cargo de *chefe dos jardins e arvoredos* ao jardineiro Jerónimo Monteiro da Costa, figura de destaque na viragem do século pelos jardins que criou e obras de melhoramentos que promoveu. Da sua autoria destaca-se o projecto para o Jardim da Praça dos Voluntários da Rainha, em 1888, os jardins da Praça Duque de Beja, hoje conhecido por Jardim do Carregal; o Jardim do Marquês de Pombal e primeiro projecto para a Rotunda da Boavista, concluído em 1907.

No séc. XIX, a atenção concedida aos espaços verdes foi manifestada sob as mais diversas formas. Foram várias as figuras de relevo<sup>133</sup>, desde os projectistas, jardineiros, administradores e viveiristas que nos deixaram um legado grandioso. Os “hortos”<sup>134</sup> e casas comerciais de horticultura e jardinagem, importantes na difusão de espécies novas e raras, passam a ser locais de frequência obrigatória, não só para fornecimento de plantas, como também para satisfação de curiosidades de todos os entusiastas e apreciadores de jardinagem e horticultura. As publicações de periódicos<sup>135</sup> sobre a prática da jardinagem, com descrições das espécies mais apreciadas e procuradas naquele tempo e outras notícias sobre a horticultura em geral, tiveram igualmente uma importante função na difusão do gosto pela jardinagem. As Exposição Internacionais<sup>136</sup> contribuíram igualmente para a divulgação nacional e também internacional das novidades do reino vegetal.

A actualidade caracteriza-se por uma rede consistente de espaços verdes, dos quais se destacam, pela sua dimensão, o Parque da Cidade, o Parque de Serralves e os Jardins do Palácio de Cristal. Verifica-se que têm vindo a receber novos conteúdos de oferta, indicando como exemplo o trabalho que tem vindo a ser desenvolvido no Palácio de Cristal e no Parque de Serralves.

---

<sup>133</sup> *Ilídio Alves de Araújo na análise que faz à Planta de Teles Ferreira destaca os arquitectos paisagistas Emílio David e Florent Claes, como as referências Oitocentistas para a criação de jardins e pequenos parques, bem como os desenhos dos livros de jardinagem franceses e ingleses que por essa época vinham chegando a Portugal.*

Alfredo Vilar Allen, grande impulsionador da jardinagem arborização da cidade do período de Oitocentos, principalmente na década de 70, quando desempenhou o cargo de vereador de jardins e arvoredos. No contexto da Câmara Municipal, segue-se Jacinto de Matos.

José Marques Loureiro em 1844 assume a direcção do Horto das Virtudes e em 1864 inicia a publicação de catálogos de plantas, onde integra as novas espécies vegetais que introduz no país. Com um grande rigor científico edita o “Jornal de Horticultura Prática” entre 1870 e 1892 e, com Joaquim Casimiro Barbosa, publica o livro “Horta e o Jardim”.

<sup>134</sup> Horto integrado no Jardim botânico, junto à Escola Médica (1870), Horto Portuense, na Rua da Constituição (1874), Horto das Virtudes, Horto Portuense (1878), Real Companhia Horticola-Agrícola Portuense (1895-1905).

<sup>135</sup> Jardim Portuense (1843 – 1844), Jornal de Horticultura Prática (1870 – 1893), fundado por José Marques Loureiro, Jornal Horticolo-Agrícola, da Real Companhia Horticolo-Agrícola Portuense, em substituição do anterior (1893 – 1906), tendo como administrador Jerónimo Monteiro da Costa, Manual do Jardineiro.

<sup>136</sup> Em 1877 teve lugar a primeira Exposição Horticola Internacional da Península Ibérica, a qual decorreu no Horto das Virtudes. Seguiram-se outras, realizadas no Palácio de Cristal, das quais se destacam a “Exposição das Rosas”, em homenagem a Marques Loureiro.



### 3.1.3| Procura de novas identidades para a cidade

Carlos Fortuna e Paulo Peixoto (2000) na pesquisa realizada sobre a identidade de cinco cidades portuguesas<sup>137</sup> defendem que

*As cidades ganham nomes para além do nome que têm. São designações amplamente difundidas e socialmente partilhadas que, retiradas da paisagem social, geográfica ou histórica, a todos permitem identificá-las sem que o seu nome seja referido...podem dizer-nos algo sobre a identidade da cidade, ainda que a identidade apreendida por essa via possa ser amplamente fantasiada, romantizada ou distorcida....*<sup>138</sup>

O estudo referido, sistematiza de um modo muito claro a identidade da cidade do Porto, a qual, desde sempre, se associou ao Rio Douro. A ele estão ligados algumas das figurações mais representativas da cidade: as pontes metálicas, a Ribeira, o barco rabelo e o vinho do Porto. No que respeita aos ícones arquitectónicos destacam-se a Torre dos Clérigos e o Palácio de Cristal, que até à década de 50 simbolizavam a cidade empreendedora, industrial e trabalhadora. As Instituições, por sua vez, ganham relevância simbólica, de acordo com a sua capacidade de afirmação e promoção da cidade no exterior. Neste sentido, a Câmara Municipal é vista como a principal instituição da cidade seguida do Futebol Clube do Porto. No Porto, cidade onde os estudantes e a vida académica são menos visíveis, a Universidade perde importância referencial.

Já no que respeita a figuras simbólicas, a ... *história do Porto não é feita de grandes personagens históricas. O herói local é o portuense, aquele que afirma a especificidade da cidade, que promove os seus sinais de “bairrismo” e que está disposto a ser um guerreiro omnipresente na defesa do carácter e dos interesses locais.*<sup>139</sup> A partir dos anos 60 o orgulho na “Invicta” ganha uma posição contestatária face ao centralismo de Lisboa, depositando na “Capital do Norte” e “Cidade do Trabalho”, a afirmação do carácter empreendedor dos seus habitantes. No entanto, apesar da afirmação identitária, os autores, concluíram que todas as cidades em estudo se caracterizam ...*por um contexto social marcado pela emergência de novos modos de vida que se relacionam com novas formas de viver, imaginar e representar a cidade...*<sup>140</sup> conduzindo à procura de novas identidades para a cidade.

Actualmente, num quotidiano cada vez mais urbanizado, com lógicas de apropriação dos espaços renovadas, as novas representações urbanas procuram uma aproximação à dimensão cosmopolita. No seguimento do desenvolvimento tecnológico, científico e cultural, regista-se uma vontade política de uma identidade mediática. A procura de um discurso apelativo e sedutor, representativo da actual urbanidade competitiva, é recorrente no contexto da cidade contemporânea. Na cidade do Porto, apesar do passado sublime, reconhecido pela UNESCO como “Património Cultural da Humanidade”, assiste-se actualmente a uma forte necessidade de

<sup>137</sup> O trabalho foi realizado no âmbito de cidade de média dimensão, nomeadamente Aveiro, Braga, Coimbra e Guimarães. Com o objectivo de introduzir um efeito de escala, integraram também a cidade do Porto.

<sup>138</sup> Silva, Augusto Santos, Luvumba, Felícia, Santos, Helena, Abreu, Paula, 2000

<sup>139</sup> Fortuna, Carlos e Peixoto, Paulo, 2000, pp.17

<sup>140</sup> <http://www.aps.pt/ivcong-actas/Acta118a.PDF> pp.2 (consultado a 26 de Janeiro de 2006)

renovação identitária, compreendendo um processo extenso. O programa urbano da cidade do Porto que marcou as últimas décadas do séc. XX centra-se na reabilitação do seu cenário enfraquecido. O envelhecimento e a diminuição da população residente no centro da cidade, associada a um significativo número de espaços habitacionais e comerciais devolutos, com consequente crescimento dos dormitórios da periferia e desvitalização dos espaços públicos, contribui para a descaracterização da cidade tradicional, coesa e ordenada. Face a este cenário debilitado, a estratégia de renovação da cidade iniciou com a “Exposição Universal Porto 2001”.

A cidade do Porto apresentou uma candidatura para o apuramento da Capital Europeia da Cultura no ano de 2001, em Maio de 1998. Teve como objectivos a criação de uma programação cultural interdisciplinar, a renovação de infra-estruturas culturais, a regeneração urbana e ambiental, bem como a revitalização económica da cidade. A programação cultural do evento assenta na metáfora das pontes, de acordo com o referido:

*... a Capital Europeia da Cultura foi pensada sob o lema «Pontes para o Futuro», constituídas por três pilares em cada área de programação.*

*O primeiro fica no passado, em finais do séc. XIX, com tirantes que o ligam às épocas anteriores.*

*O segundo, no presente, assente no reforço das instituições existentes e no apoio à dinâmica cultural dos últimos quine anos. Entre os dois pilares, a programação dará ao Porto, em todas as áreas, as grandes referências da cultura europeia mundial, cruzando-as com os principais criadores e movimentos nacionais que, apesar do isolamento, existiram e resistiram às condições adversas em que tiveram de viver, e exhibirá, sem complexos, o que somos nos dias de hoje, agora em confronto e/ou colaboração com criadores de todo o mundo.*

*O terceiro pilar ficará algures no futuro, tão longe quanto o soubermos projectar. O arco para esse projecto ainda indefinido vai sendo construído com velhos materiais reciclados e com novas tecnologias, com o saber acumulado no tempo e a emergência inovadora de novos “operários” da cultura.<sup>141</sup>*

*Pontes com Roterdão, cidade com a qual partilhámos a Capital Europeia da Cultura em 2001. Pontes entre áreas. Pontes entre o efémero e o duradouro.<sup>142</sup>*

A articulação entre os grandes eventos e o desenvolvimento urbano é muito estreita. Assim, o programa de renovação urbana associado, teve como objectivo a construção de uma nova imagem para a cidade, com actuação ao nível das acessibilidades e mobilidade, da requalificação do espaço público, da revitalização do comércio e serviços, bem como do parque habitacional. Agrupa-se assim, em três grandes eixos de intervenção, referentes ao “Parque da Cidade”, “Caminhos do Romântico” e “Baixa Portuense”.

A análise dos benefícios que o evento suscitou, implica uma distância temporal apreciável à data da ocorrência do evento. Cinco anos volvidos permitem caracterizar o impacto do evento “Porto 2001”, do ponto de vista das dinâmicas contemporâneas de internacionalização, no que se refere

---

<sup>141</sup> Programação Cultural do Porto 2001

<sup>142</sup> Programação Cultural do Porto 2001

em particular à imagem que gerou para o exterior. Constituiu um factor diferenciador, de competitividade e de afirmação internacional, em defesa de uma imagem de cosmopolitismo, revertendo numa maior visibilidade de Portugal e da cidade do Porto. Nos circuitos da cultura resulta em novas experiências e contactos entre os criadores e produtores, possibilitando o acolhimento de eventos internacionais. As propostas culturais inovadoras para o quotidiano portuense, promoveram o espírito crítico da sociedade, bem como uma maior disponibilidade para as práticas de sociabilidade e consumos culturais. O evento dinamizou igualmente a actividade cultural local, com uma maior cooperação entre as principais instituições da cidade. Promoveu a cooperação entre os promotores públicos e privados, bem como a diversificação de locais para a realização de eventos culturais a dinamização e a criação de novos espaços de sociabilidade.

A renovação física da cidade consistiu essencialmente na criação e recuperação de equipamentos arquitectónicos e infra-estruturas. No contexto da arquitectura, através do qual a imagem de um povo desde sempre se afirmou e onde as questões da identidade de uma cidade ganham protagonismo, de todas as obras realizadas<sup>143</sup>, destaca-se a criação da Casa da Música, ícone cultural que colocou a cidade do Porto nas rotas internacionais de turismo de Arquitectura.

A dimensão cultural do evento teve um indiscutível benefício imediato no sector artístico e económico, bem como social. O carácter de festa e celebração intrínseco ao evento, conduz, inevitavelmente à criação de expectativas. Face à adequação dos espectáculos ao perfil das audiências, esperava-se, nos anos seguintes, assistir a uma maior frequência dos programas culturais. No entanto, a desejada continuidade de oferta não tem ocorrido, verificando-se uma incapacidade de promover a dinâmica cultural. Referimos como exemplo a suspensão de actividades de algumas instituições culturais da cidade, tais como o Teatro do Porto, a Companhia de Teatro Seiva Trupe e a Companhia de Teatro Pé de Vento.

Para além das categorias enunciadas, o evento “Porto 2001” actuou igualmente sobre o sistema de mobilidade, onde se destaca o Metro, novas ofertas de estacionamento, bem como um maior investimento na racionalização do espaço público dedicado à circulação. É igualmente importante referir o programa de revitalização do comércio e serviços, bem como a revitalização do parque habitacional, que tem vindo a ser assegurado por diversos programas de reabilitação urbana. Actualmente a estratégia de competitividade territorial encontra-se centrada no papel estratégico dos grandes eventos culturais internacionais, com expressão na modernização e internacionalização da cidade, competitividade dos espaços urbanos, do desenvolvimento sócio-económico e na revitalização cultural. Depois da renovação da sua imagem no universo internacional, a estratégia urbana Pós 2001 deverá centrar-se na afirmação da tríade Universidade

---

<sup>143</sup> Requalificação de equipamentos culturais existentes: Auditório Carlos Alberto, Biblioteca Almeida Garrett, Cadeia da Relação, Casa das Artes, Museu Nacional Soares dos Reis e Claustros do antigo Convento de S. Bento da Vitória.

do Porto, rede de equipamentos culturais e sistema de espaços verdes, para a validação da identidade desejada “cidade do conhecimento, ciência e cultura”<sup>144</sup>

### **3.2| A história do lugar – o Jardim Botânico da Universidade do Porto**

A “história do lugar” do Jardim Botânico da Universidade do Porto constitui uma força fundamental para a sua revisão programática, estabelecida em torno de três momentos sequenciais.

O primeiro momento refere-se à criação do jardim botânico pela Academia Politécnica do Porto, em 1837. Após 66 anos de funcionamento sem precalços, segue-se um período de 49 anos, em que interrompe as suas funções. O segundo momento corresponde à instalação do jardim botânico na Quinta do Campo Alegre, já sob a égide da FCUP. Com início no ano de 1952, o processo de instalação estende-se até à década de 80, quando fecha as portas ao público e inicia o terceiro momento da sua história, anunciando uma nova face no funcionamento da instituição. Refere-se à recuperação do jardim, cujo processo se prolonga até aos dias de hoje.

#### **3.2.1| A criação e direcção do Jardim Botânico pela Academia Politécnica do Porto (1865-1903)**

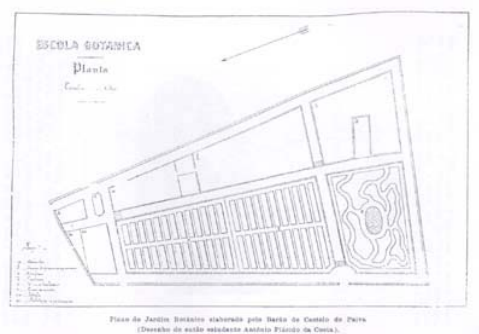
A primeira referência da pretensão de criação de um jardim botânico no Porto encontra-se inscrita no programa da Academia de Marinha e Comércio, com data de 12 de Dezembro de 1799. No entanto, só mais tarde, no contexto do Porto de Oitocentos, caracterizado por uma profusão de hortos e comércio de plantas exóticas, revelador de um gosto pela arte da jardinagem e uma grande curiosidade botânica, é que surge o primeiro Jardim Botânico do Porto.

Em 1836, depois de uma visita à cidade, a Rainha D. Maria II manifestou o desejo de *...estabelecer na cidade do Porto um Jardim Botânico com o fim de promover a Instituição Pública em um dos ramos das Ciências Naturais, aproveitando a bondade do clima, que tanto favorece ali a vegetação das plantas...*<sup>145</sup> No seguimento da Reforma de Passos Manuel de 1837, a Academia Real da Marinha e Comércio do Porto deu lugar à Academia Politécnica. O Decreto de 13 de Janeiro de 1837, que validou a mudança da Academia Real da Marinha para Academia Politécnica, previa a criação de um “Gabinete de História Natural” e um “Jardim Botânico Experimental” que viesse a servir para ensaios de Agricultura e também para uso da Escola Médico-Cirúrgica.

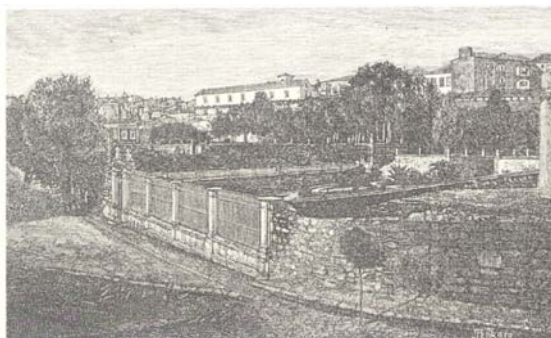
---

<sup>144</sup> Na participação em eventos deste tipo, destaca-se a década de 80. Em 1983 Portugal marca presença na “XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura”, realizada em Lisboa, no ano de 1983, com a comemoração de um passado imperialista e patrimonialista. Os anos 90 ficaram marcados pela Europália, em 1991 e pela “Exposição Internacional de Lisboa”, em 1998. A década seguinte estreia-se com uma “estratégia de globalização cultural”, através da exposição “Porto 2001 - Capital Europeia da Cultura”, juntamente com a cidade de Roterdão, conduzindo a um conjunto de acções de requalificação no espaço público e equipamentos culturais. São exemplos o Centro Português de Fotografia, a Orquestra Nacional do Porto, o Museu Soares dos Reis e a Biblioteca Almeida Garrett.

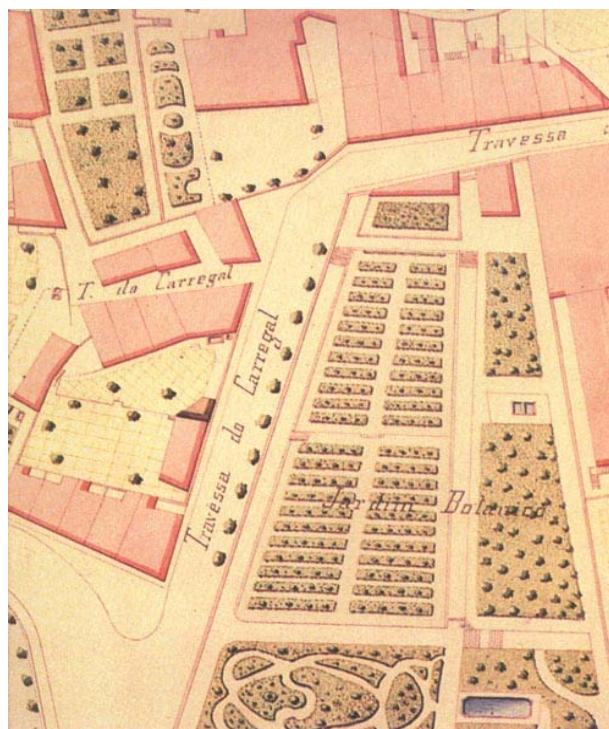
<sup>145</sup> Lima, Américo Pires de, 1946, pp. 30



1. Plano do primeiro Jardim Botânico do Porto, elaborado pelo Barão de Castelo de Paiva, s. d.



2. O primeiro Jardim Botânico do Porto - Jardim Botânico da Academia Polytechnica do Porto, s.d.



3. Carta Topográfica da cidade do Porto, Telles Ferreira, 1892.

Em 1845, a Academia Politécnica, a Escola Médico-Cirúrgica e a Guarda Municipal ocuparam o edifício e cerca do extinto Convento dos Carmelitas, situada na praça do Duque de Beja. Mas só sete anos depois, em 1852, é que se fez a divisão e a distribuição da propriedade. O jardim botânico ficou com uma área de cerca de 7 700 m<sup>2</sup>, com as dimensões de *...78 metros pela face voltada ao sul, 128 pela face voltada a leste e 113 pela face voltada ao poente.*<sup>146</sup> Por esta altura, o Barão de Castelo de Paiva desenvolveu um projecto para o jardim (fig. 2), tendo sido executado em 1865, com o Dr. Alvares Ribeiro, como Director da Academia.

Para a realização das obras de instalação do jardim botânico, a Academia Politécnica recebeu *...valiosos donativos, feitos por algumas pessoas, entre as quais merece especial menção o distinto horticultor desta cidade, o Sr. José Marques Loureiro.*<sup>147</sup> e estabeleceu contactos com o Jardim Botânico da Ajuda, promovendo a troca de plantas e sementes para colecção e ensino de Botânica.<sup>148</sup> Entre 1882 e 1883, foram plantadas 272 plantas medicinais.

<sup>146</sup> Lima, Américo Pires de, 1949, pp. 6

<sup>147</sup> Barbosa, J. Casimiro, 1880, pp. 204

<sup>148</sup> Em 1867, o Jardim Botânico da Ajuda, em Lisboa, doou algumas das suas plantas. No mesmo ano também ofereceu plantas o farmacêutico de Braga, Tomé da Gama Pereira Veiga, o farmacêutico de Ilhavo, João Carlos Gomes; o director do Colégio Inglês, Alexandre Grant; João Mendes Osório; o empregado do Governo Civil, Adolfo Gustavo Ferreira Braga; o lente da Academia, Joaquim de Santa Clara de Sousa Pinto e o empregado do Governo Civil, Adriano Leitão. Em Abril de 1883, a Casa Oliveira Real (casa da Túlipa), do Rio de Janeiro, doou ao jardim botânico 50 plantas, representando 35 espécies brasileiras e 16 pacotes de sementes as quais foram entregues ao horticultor Marques Loureiro para que as mantivesse temporariamente na sua estufa, enquanto não houvessem condições para as colocar no jardim botânico.

O Jornal de Horticultura Prática, numa edição de 1880, descreve assim o Jardim Botânico da Academia Politécnica do Porto (fig. 2), o qual é representado por Telles Ferreira em 1892 como mostra a figura 3.

*Actualmente está o Jardim dividido em quatro socalcos. O primeiro, em frente da praça do Duque de Beja, forma um pequeno jardim do recreio, com grupos de plantas sem ordem científica. No segundo, vedado com grades de ferro, está estabelecida a escola methodica, segundo o método de De Candolle. O terceiro constitui um pequeno arboretum com árvores e arbustos de portes diversos, dispostos sem ordem científica.*

*As Coníferas encontram-se no quarto socalco, onde, pela parte posterior, há uma pequena feteira com Fetos indígenas e alguns exóticos de ar livre.*

*Por baixo deste socalco há também um pequeno pantano, destinado à cultura de plantas próprias destes terrenos.*

*Contem hoje 1:300 espécies vegetaes, distribuidas por 138 famílias naturaes.*

*Presidiu à organização deste jardim o Sr. Dr. Francisco de Salles Gomes Cardoso, actual director do mesmo e lente-proprietário da cadeira de botânica, o qual foi coadjuvado em todos os trabalhos pelo primeiro official, o srn. Agostinho da Silva Vieira, até Janeiro de 1875.*<sup>149</sup>

Um documento datado de 1870 acrescenta mais alguns dados sobre o jardim botânico do Porto:

*...havia no Jardim 1273 plantas, dispostas segundo o método e prescrições de De Candolle. Havia uma sala de 44 metros quadrados de superfície, que seria para estudo e aula, guardar sementes, herbários, livros e mesmo, alguns utensílios, etc.*<sup>5</sup> *O mesmo relatório faz algumas observações no que respeita ao ensino: As lições de Histologia eram acompanhadas de observações microscópicas de preparações feitas pelo 1º official na presença dos alunos, mostrando-se-lhe preparações feitas de antemão. Era feita a descrição de plantas e a sua classificação pelas floras de Brotero, Le Maout et Decaisne, etc. Os alunos eram ensinados a ordenar herbários.*<sup>150</sup>

O jardim botânico conheceu, nesta época, um período enriquecedor, funcionando neste espaço, sem percalços, até 1903.

No final do séc. XIX surgiram novas conjunturas, anunciando um período conturbado. As dificuldades começam a sentir-se, não só ao nível da colecção de plantas, mas também no que respeita aos meios humanos e ao equipamento necessário para o funcionamento da Escola Botânica. Em 1865, a Escola Médico-Cirúrgica manifestou interesse em adquirir o terreno onde se situava o jardim botânico (7 756 m<sup>2</sup>), propondo que este se transferisse para o Jardim da Cordoaria. Em 1887, o edifício da cerca do extinto convento das Carmelitas, que nessa altura ainda se encontrava inacabado, alojava o Instituto e também o Colégio dos Órfãos da Graça. Não tendo sido possível terminar as obras naquelas condições, foi apresentada a proposta de instalar o Instituto no espaço ocupado pelo jardim botânico. Durante algum tempo, o referido terreno esteve ao abandono, até que o Concelho da Academia resolveu arrendá-lo para poder retirar dele algum proveito. Esta situação não foi muito dignificante para o jardim, deixando de cumprir, assim, a sua missão pedagógica e científica.

<sup>149</sup> Barbosa, J. Casimiro, 1880, pp. 205

<sup>150</sup> Lima, Américo Pires de, 1940, pp. 26

Em 1903, a Guarda Municipal, após o ataque sofrido no decorrer da “Revolta de 31 de Janeiro”, interessada em obter mais espaço para as suas instalações, apoderou-se dos terrenos ocupados pelo jardim botânico, conduzindo à interrupção da sua actividade de 38 anos. No decorrer da saída do jardim botânico da cerca dos Carmelitas foi ... *votada a verba de 100 mil réis para a transplantação das plantas para um terreno nas Virtudes, onde funcionava o Horto Marques Loureiro.*<sup>151</sup> e, como consolação, foi dada a permissão de estabelecer o Jardim Botânico no Jardim da Cordoaria. Aqui foram classificadas e etiquetadas as plantas, pelo pessoal da Secção Botânica da Academia. Porém,... *a Secção Botânica viu-se forçada a abandonar aquele simulacro de Jardim Botânico, que, aliás, já tinha cumprido a sua missão – a de mascarar e tornar menos escandalosa a mutilação de que foi vítima a Academia Politécnica.*<sup>152</sup>

No entanto, Os Professores de Botânica, Gonçalo Sampaio e Pires de Lima nunca se conformaram com o facto de o Instituto de Botânica do Porto ser o único no País onde não havia Jardim Botânico e onde os alunos se tinham que limitar a estudar por figuras, ou quando muito por algumas plantas envasadas, carinhosamente mantidas nos peitorais das janelas, do último andar da ala leste do edifício da Faculdade.<sup>153</sup>

Por estas razões mantiveram-se interessados em adquirir um espaço digno para instalar o jardim botânico, o que veio a ser demonstrado em 1933, aquando a compra do Palácio de Cristal pela Câmara Municipal do Porto, manifestando interesse em ali instalar o jardim. Mas o projecto não vingou. De acordo com o Prof. Américo Pires de Lima...*era uma solução híbrida e coxa: a Academia tinha a direcção científica, mas não tinha a menor autonomia, nem a possibilidade de iniciativa...*<sup>154</sup> Ao Prof. Alfredo de Magalhães, presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal,... o Palácio *parecia-lhes fadado para mais altos destinos... e assim morrera mais um projecto de Jardim Botânico.*<sup>155</sup>

### 3.2.2| a instalação do Jardim Botânico da Universidade do Porto na Quinta do Campo Alegre (1952-1983)

*A Quinta do Campo Alegre vinha do tempo das invasões francesas, era uma propriedade grande, incluindo extenso pinhal e fora pertença da Comenda da Freguesia de Lordelo do Ouro (pertencente à Ordem de Cristo), tendo sido adquirida, através de várias transações efectuadas a partir de Abril e até Dezembro de 1802, pelo comerciante de origem francesa João Salabert, pelo que era frequentemente designada Quinta do Salabert.*<sup>156</sup>

<sup>151</sup> Salema, Roberto, 2000, pp. 294

<sup>152</sup> Lima, Américo Pires, 1940, pp. 18

<sup>153</sup> Salema, Roberto, 2000, pp. 303

<sup>154</sup> Lima, Américo Pires de, 1949, pp. 8

<sup>155</sup> Lima, Américo Pires de, 1946, pp. 20

<sup>156</sup> Salema, Roberto, 2000, pp. 310

A Quinta do Campo Alegre, anteriormente designada de Quinta Grande do Salabert, teve como proprietário João Salabert, comerciante francês que a adquiriu em 1802, vendendo-a em 1820 a João José Costa, cuja posse passaria por herança para a sua filha Carolina Augusta da Costa e, através desta, para o seu marido Arnaldo Ribeiro Barbosa. Estes proprietários introduzem poucas alterações à estrutura e equipamentos da Quinta. Em 1875 foi adquirida por João da Silva Monteiro (1822-1885), emigrante brasileiro, que iniciou a construção do palacete, definiu a estrutura do jardim e construiu a casa do caseiro e as estufas. Em 1895, a quinta é comprada por João Henrique Andresen (1861-1900), casado com Joana Lehmann Andresen (discípula de Katzenstein). (fotos. 4 e 5)



4. Joana Andresen, fins do séc. XIX.



5. João Andresen, fins do séc. XIX.

Para além de comerciante e industrial, João Henrique Andresen distinguiu-se na sociedade Portuense dos finais do séc. XIX como Presidente da Associação Comercial do Porto (1893 a 1894) e da Comissão Permanente de Defesa da Marinha Mercante Portuguesa.

*No ... meio comercial e industrial, ... era uma figura proeminente pela lucidez do seu espírito e pelas faculdades da sua inteligência... Comercial e industrial na mais larga extensão d'este termo no nosso meio económico, destaca-se principalmente pela sua feição marítima, e é sob este ponto de vista que a sua acção social sobe de importância, passando do domínio de um caso particular a um phenomeno de interesse público.*<sup>157</sup>

Faleceu em 17 de Outubro de 1900, com apenas 39 anos. Pouco depois, Joana Andresen volta a casar-se com Severiano José da Silva, que manteve a quinta na posse da família até 1949. Naquela época, os limites da propriedade estendiam-se quase até ao Rio Douro, ocupando um lugar importante no contexto da cidade do Porto (fig. 6). A família Andresen introduz alterações significativas, quer na casa, quer no jardim. Neste último, provavelmente com o apoio do jardineiro paisagista Jacinto de Matos, consolida o traçado do “Jardim do Roseiral” e do “Jardim dos Jotas”, constrói a casa e campo de ténis, renova o bosque e faz um grande investimento nas colecções de plantas, enriquecendo a colecção já existente.

Perante o valioso legado da arte dos jardins, ao estilo dos jardins de Oitocentos, concebidos por Joana Andresen e Jacinto de Matos, pela vasta colecção de camélias e restante património vegetal, o Prof. Américo Pires de Lima, então Director do Instituto de Botânica, entendia que a

<sup>157</sup> Relatório da Direcção da Associação Comercial do Porto, 1900



propriedade da Quinta do Campo Alegre, pelos ...*magníficos Jardins, parque e estufa, constituía já um belo embrião de Jardim Botânico.*<sup>158</sup> Com grande empenho e afínco, peopõe à Universidade do Porto, a aquisição da Quinta do Campo Alegre para aí instalar o jardim botânico. Os seus argumentos são reforçados com as seguintes considerações:

*...convenci-me que a aquisição daquela propriedade representaria a solução ideal para o caso do Jardim Botânico . Apressei-me a dar os primeiros passos para a obtenção desse desideratum, apresentando a seguinte proposta:*

*(...)*

*9º - Que a Quinta do Campo Alegre está em risco de ser vendida em talhões;*

*10º - Que o magnífico palacete dessa propriedade se prestaria optimamente à instalação do Museu de História Natural;*

*11º - Que os seus belos parques, jardins e estufas podiam constituir um núcleo precioso, à volta do qual se criasse e desenvolvesse um Jardim Botânico;*

*12º - Que o parcelamento daquela propriedade, com abertura de ruas e construções de casas, implicará a ruína dos seus arvoredos, com grande prejuízo da estética e da própria higiene citadina;*

*13º - Que nos terrenos daquela quinta se poderia instalar um observatório ou posto astronómico que tanta falta está fazendo à Faculdade;*

*14º - Que nos mesmos ainda se podia instalar o observatório meteorológico da Serra do Pilar, agora precariamente instalado em terrenos do Ministério da Guerra;*

*15º - Que no vasto pinhal daquela quinta se podiam instalar campos de jogos, onde fizesse a sua indispensável cultura física a mocidade universitária;*

*16º - Que a Universidade do Porto ficaria naturalmente enriquecida com um instituto que faria honra à cidade, e que ela bem merece pelo lugar proeminente que ocupa na história, na cultura e na economia da Nação;*

*17º - Que, finalmente, o Governo do Estado Novo está demonstrando por factos eloquentes o seu interesse pela vida cultural desta cidade.*

*Proponho que se solicite às instâncias superiores a abertura do crédito necessário para que a Faculdade de Ciências da Universidade do Porto possa adquirir a Quinta do Campo Alegre e nela fazer a instalação do Jardim Botânico, museu de história natural e outros serviços adequados ao lugar.*<sup>159</sup>



6. Planta Topográfica da cidade do Porto, 1932.



7. Carta Topográfica da cidade do Porto, Telles Ferreira, 1892.

<sup>158</sup> Lima, Américo Pires de, 1949, pp. 8

<sup>159</sup> Lima, Américo Pires de, 1940, pp. 22

Assim, a Faculdade de Ciências solicitou a sua aquisição e o Reitor da Universidade do Porto, José Pereira Salgado, tomou a decisão de compra da propriedade para aí instalar o jardim botânico e outros equipamentos importantes para o ensino, como sugere no comunicado que transcrevemos:

*Ao elevado e superior critério, no alto espírito creador e fomentador da instrução e da educação, do desenvolvimento da mocidade e sob a égide dos preceitos do Estado Novo tão brilhante e patrioticamente encarnados em V. Ex.<sup>a</sup>, a Universidade, vem solicitar o seu valioso auxílio para que o desejo ou melhor necessidade dos complementos do desenvolvimento científico e cultural no Porto possa ser satisfeito com a aquisição do referido terreno e edifícios, cuja área é de 136 356 m<sup>2</sup> e consta da planta e notas anexas.*

*A importância base que pedem é de 2 750 contos.*

*A Universidade do Porto que ao dirigir-se a V. Ex.<sup>a</sup> para este fim, julga prestar um grande auxílio à Faculdade de Ciências á qual falta o Jardim Botânico, à cultura geral com a criação dos museus, e à Educação moral e física dos alunos, factor hoje indispensável para o desenvolvimento das futuras gerações, tem a honra de apresentar a V. Ex.<sup>a</sup> as suas respeitosas homenagens.*

*A Bem da Nação*

*Reitoria da Universidade do Porto, 9 de Novembro de 1937.*

*O Reitor, José Pereira Salgado.<sup>160</sup>*

Após a publicação no Diário de Governo n.º 243, I série, de 21 de Novembro de 1951, em 1952, ...após nada menos de doze anos de porfiados esforços, foi finalmente adquirida pelo Estado a belíssima Quinta do Campo Alegre, para lá ser criado o Jardim Botânico e outras instituições universitárias.<sup>161</sup>

Foram vários os equipamentos sugeridos para ocuparem a Quinta do Campo Alegre. Para além do jardim botânico, as infra-estruturas e equipamentos que estiveram presente desde o início das negociações da compra da propriedade, referem-se a um Centro Universitário para a Mocidade Portuguesa, Residência de Estudantes e um equipamento desportivo para a Universidade do Porto.



8. Casa da Quinta do Campo Alegre, vista dos Pomares, 1930.



9. Terrenos agrícolas e mata da Quinta do Campo Alegre, com o rio Douro ao fundo, 1930.

<sup>160</sup> Lima, Américo Pires de, 1940, pp. 25

<sup>161</sup> Lima, Américo Pires de, 1949, pp. 30

Surgiu também a ...ideia perturbadora de se estabelecer no Campo Alegre, não um Jardim Botânico, mas um Parque Municipal, pois assim também seriam salvas aquelas árvores preciosas.<sup>162</sup> O então Ministro das Obras Públicas, Eng. Cancela de Abreu, a convite do Prof. Pires de Lima, visitou a Quinta no ano de 1945, tendo declarado que *nunca sancionaria um projecto que aniquilasse aquelas árvores*.<sup>163</sup> Por sua vez, o Ministro da Educação Nacional, Dr. Mário Figueiredo, face aos obstáculos sentidos para a instalação do jardim botânico na Quinta do Campo Alegre, responde que *se o Campo Alegre representa a melhor, senão a única solução para o Jardim Botânico, essa ideia deve sobrelevar a todas*.<sup>164</sup>

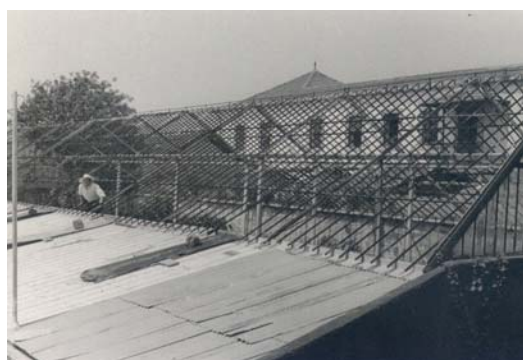
O projecto de instalação do jardim botânico na Quinta do Campo Alegre, tomou um significado excepcional para o então director do Instituto de Botânica e grande impulsionador do projecto, Professor Pires de Lima, que descreve assim o estado em que encontra o Jardim:

*Tinha a propriedade belíssimos jardins e arvoredos, hoje um tanto desfalcados pelo abandono em que estiveram estes doze anos, entre a esperança de serem conservados para jardim e ameaça de serem expropriados, para darem lugar a um bairro de casas. Principalmente as estufas foram totalmente destruídas e despovoadas. Pois o que resta, e ainda é muito bom, tudo será classificado e etiquetado.*<sup>165</sup>

Reforça os registos do mau estado de conservação da propriedade com fotografias, que mostram a degradação da casa (foto 10), das estufas (foto 11), bem como dos espaços verdes (fotos 12 e 13).



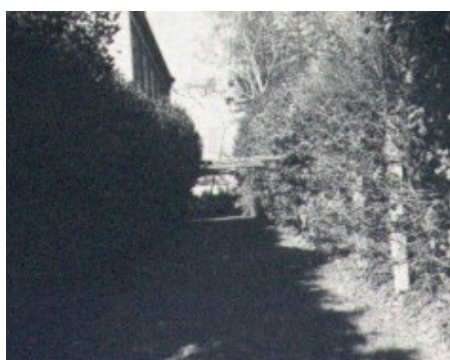
10. Fachada posterior da Casa da Qta do Campo Alegre,



11. Estufas, 1930.



12. Caminho entre sebes de Camélias, 1950.



13. Campo e casa de ténis, 1950.

<sup>162</sup> Lima, Américo Pires de, 1946, pp. 10

<sup>163</sup> Lima, Américo Pires de, 1946, pp. 10

<sup>164</sup> Lima, Américo Pires de, 1946

<sup>165</sup> Lima, Américo Pires de, 1949



Perante este cenário, sugere algumas reformas:

*Completar-se-ão, quanto possível, as colecções, plantando novos exemplares....*

*Em parte dos terrenos livres, será criada uma escola botânica, isto é uma colecção de plantas dispostas sistematicamente.*

*As estufas serão reconstruídas, possivelmente ampliadas, e povoadas de plantas tropicais notáveis.*

*Não faltará um horto de plantas medicinais, para servir de base ao estudo das suas propriedades, e à nacionalização da Terapêutica...*

*Haverá terrenos de adaptação à cultura das mais belas plantas silvestres....*

*Gabinetes de investigação, herbários, biblioteca, que já não têm espaço suficiente no Instituto de Botânica, irão sendo transferidos para o jardim, o qual será, como de direito, o centro de investigações botânicas...*<sup>166</sup>

Para a realização do projecto de adaptação da propriedade particular a jardim botânico e espaço verde, de utilização pública, em 1952, recorre à contratação do arquitecto paisagista alemão Karl Franz Koepp. Em 1954, Koepp elabora uma proposta para a instalação do jardim botânico na Quinta do Campo Alegre que assenta na conservação e adaptação dos jardins temáticos, propondo que o “Jardim dos Jotas” receba a colecção de bolbos, o “Jardim do Roseiral”, a colecção de rosas e para os canteiros frontais e laterais à casa, propõe a manutenção da colecção de árvores e arbustos ornamentais. Propõe igualmente a criação de novos jardins temáticos, tais como o “Jardim das Suculentas”, o “Jardim das Anuais” e o “Jardim das Plantas Aquáticas”, bem como a instalação de um arboreto, classificado em angiospérmicas, gimnospérmicas e fetário. Procede ainda à construção de novas estufas e viveiros, bem como à conservação de elementos de grande valor ornamental, como a alameda de tílias plantada ao longo do caminho que liga os jardins formais ao arboreto, a qual veio a desaparecer nos finais dos anos 60 (fig. 14).



14. Plano Geral do Projecto de Instalação do Jardim Botânico do Porto na Quinta do Campo Alegre, 1954.

Mas,... o fado mofino do Jardim Botânico não dormia. Uma grande obra que o Porto reclama desde muito – a nova ponte – esteve em risco de fazer naufragar tudo.<sup>167</sup> Depois de apresentada a proposta do traçado da auto-estrada, pela Direcção de Estradas de Portugal, o Arqto. Koepp propõe um traçado alternativo (fig. 16), de modo a não comprometer totalmente o projecto já iniciado.

<sup>166</sup> Lima, Américo Pires de, 1949

<sup>167</sup> Lima, Américo Pires de, 1949

Depois de fixada a zona do Campo Alegre para instalação da ponte<sup>168</sup>, foram consideradas várias propostas para o estabelecimento dos seus acessos à margem Norte. A Carta da Direcção de estradas representa duas hipóteses distintas (fig. 15). na proposta representada a azul, o eixo da ponte corresponde ao trajecto da Travessa de Entre Campos, destruindo por completo a tipologia das propriedades e o carácter histórico do lugar, que se estende da Rua do Campo Alegre à Rua António Cardoso. A proposta a vermelho representada a proposta eleita, com incidência directa na propriedade da Quinta do Campo Alegre, tendo sido decisiva para a redução drástica da área da propriedade. A construção do Estádio Universitário e dos acessos à ponte de Arrábida, reduziu a área da quinta de 12 para 4 ha, tendo vindo a condicionar a execução do projecto que foi elaborado no sentido de ajustar a propriedade privada às novas funções de jardim botânico.



15. Projecto "Áreas a retirar ao Jardim Botânico do Porto pela execução dos acessos à Ponte de Arrábida", s. d.



16. Plano Geral do Projecto de Instalação do Jardim Botânico do Porto na Quinta do Campo Alegre, com a indicação dos acessos à Ponte de Arrábida, s. d.



17. Plano Geral com a indicação dos acessos à Ponte de Arrábida, Carta das "Negociações", s. d.

Para compensar o jardim botânico pela perda dos seus terrenos, a Universidade do Porto recebe em 1965, a Quinta Burmester na perspectiva de aquele se estender para os jardins contíguos (fig. 17). Tal implicaria a retirada da Travessa de Entre Campos, que dá acesso ao Bairro Sidónio Paes. No seguimento desta oferta, desenvolveram-se propostas de união das duas quintas, da

<sup>168</sup> No ano de 1932, na sequência da proposta de requalificação da rede viária da cidade, através do Plano "Prólogo ao Plano de Urbanização da cidade do Porto", da autoria do Eng.<sup>o</sup> Ezequiel de Campos, afirma-se a resolução da construção da ponte da Arrábida no Campo Alegre. Depois, nos estudos urbanísticos desenvolvidos sob a orientação do arquitecto italiano Marcello Piacentini (1938-1953), a proposta da ponte da Arrábida é novamente indicada para a zona do Campo Alegre, desenvolvendo-se vários traçados alternativos, com a preocupação de diminuir o número de expropriações e não originar qualquer mudança nas vias mais próximas. Referem-se à ligação à Circunvalação orientada pela Rua Guerra Junqueiro e outra, pela Rua de António Cardoso. De seguida, o "Plano Regulador da Cidade do Porto", efectuado em 1952, da responsabilidade de A. Almeida Garrett, bem como o "Plano de Melhoramentos para a Cidade do Porto", de 1956, ratificam a proposta com o argumento de benefícios directos para o planeamento urbano da cidade, no que respeita à libertação da zona central da cidade de trânsito pesado.

A construção da ponte iniciou assim em 1957, com projecto de Edgar Cardoso, e ficou concluída em 1963.

autoria do Arqto. Koepp e do Eng.<sup>o</sup> Dantas Barreto. Esta ligação foi posteriormente reforçada pelo Prof. Caldeira Cabral, no âmbito da proposta de requalificação do Pólo 3, com o objectivo de:

*... assegurar a constituição de uma grande zona predominantemente plantada, ao longo da encosta Norte do Vale do Douro, ligando e integrando os maciços arbóreos existentes desde o Palácio de Cristal ao Jardim botânico, proporcionando uma correcta integração e protecção das áreas escolares, a ampliação dos espaços verdes da Cidade e um adequado tratamento biofísico do vale.*

*Para a obtenção destas finalidades pareceu-nos fundamental, recuperar e completar as áreas ajardinadas existentes nomeadamente as do Jardim botânico e das Casas Burmester, Primo Madeira e Casa Golgota, criar extensas zonas de enquadramento às novas edificações, constituídas por plantações densas, com espécies arbóreas de elevado porte, tratar as áreas de estacionamento com superfícies relvadas e plantadas com numerosas árvores, completar e densificar as plantações.*<sup>169</sup>

Em 1968, dezassete anos após a ocupação da Quinta do Campo Alegre pelo jardim botânico, parte da propriedade foi finalmente aberta ao público, um ano depois do Arqto. Koepp ter ... *pedido rescisão por não estar inteiramente satisfeito com as condições de trabalho...*<sup>170</sup>, não concluindo assim a execução do seu projecto, já largamente iniciado. Entre 1969 e 1972, o Eng.<sup>o</sup> Silvicultor Dantas Barreto assegura a direcção do jardim, continuando os trabalhos deixados por Koepp. É construído o “Lago Grande” e são alterados os caminhos do arboreto.

### 3.2.3| A recuperação do Jardim Botânico da Universidade do Porto (1983-2005)

No ano do ... *golpe militar de 25 de Abril de 1974, que... viria a fazer sentir a esta instituição muitos dos desmandos, prepotências, perseguições e exageros que, frequentemente, acompanham este tipo de mudanças...*<sup>171</sup> o jardim botânico começou a apresentar sinais de acentuada degradação e, por essa razão, volta a fechar ao público em 1983. Inicia assim uma nova fase do seu percurso, referente ao desenvolvimento de projectos e acções com carácter de recuperação.

A década de oitenta ficou igualmente marcada pela afirmação e valorização dos Pólos da Universidade do Porto. Para o Pólo 3, em 1983 foi apresentada uma proposta de requalificação, da responsabilidade do gabinete “Polipro, Gabinete de Projectos, Lda.” e “Prof. Caldeira Cabral e Associados”, da qual se destaca a proposta de reforço da ligação das três propriedades com carácter histórico<sup>172</sup>, existentes à face da Rua do Campo Alegre.

Desde então, o jardim botânico foi sofrendo algumas acções de requalificação, umas integradas em estratégias de intervenção ordenadas, outras com um carácter episódico, ao sabor do orçamento disponível e de acordo com as vontades e dinâmicas dos diferentes directores. No

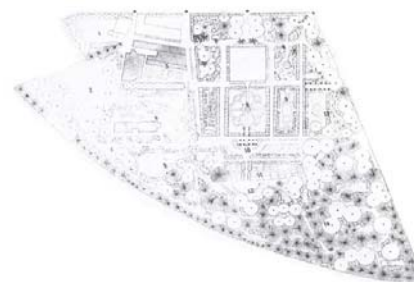
<sup>169</sup> Cabral, Caldeira, 1983, pp. 8

<sup>170</sup> Salema, Roberto, 2000, pp. 329

<sup>171</sup> Salema, Roberto, 2000, pp. 323 e 234

<sup>172</sup> Quinta do Campo Alegre, actual Jardim Botânico do Porto, Casa Burmester e Casa do Primo Madeira, actual Círculo Universitário

seguimento do maior interesse pelo estudo e recuperação de jardins históricos manifestado na década de 80, em 1986 foi reconhecida a importância e valor histórico-cultural do Jardim Botânico do Porto. Em resposta ao “Programa de Recuperação dos Jardins Históricos”, uma iniciativa conjunta do então Instituto Português do Património Cultural (hoje, IPPAR) e da Associação Portuguesa dos Arquitectos Paisagistas (APAP) foi apresentada uma proposta de candidatura, da autoria da Arquitecta Paisagista Laura Roldão e Costa (fig. 18).



18. Plano Geral do Projecto de Recuperação do Jardim Botânico da Universidade do Porto, 1988.

Mas no que se refere à recuperação do jardim botânico, só em 2000, á luz de um protocolo celebrado entre a Reitoria da Universidade e a criado um programa de manutenção com vista a conter a degradação verificada, sob a coordenação do Dr. David Almeida, permitindo assim, a reabertura do jardim botânico ao público no ano de 2001. Desde então, tem sido palco de acontecimentos culturais diversos. Destacam-se a participação no evento “Porto 2001”, com a exposição de escultura de Rui Chaves; as visitas guiadas, com início no ano de 2002<sup>173</sup>; a integração no programa promovido pelos Museus do Porto, “Famílias nos Museus”, realizadas desde 2003, com uma periodicidade mensal, tendo sido cenário para a realiação de provas académicas, integrados no curso de fotografia do Centro de Formação Profissional da Indústria Têxtil (CITEX), bem como o desenvolvimento de exercícios de Land Art, no âmbito da disciplina “Introdução ao Projecto”, do curso de Arquitectura Paisagista, desde 2002 (fotos 19, 20 e 21). Em 2004, realizou nas suas instalações a Conferencia Paisagem e Literatura e em Janeiro de 2005, o Centro Nacional de Cultura prestou uma homenagem a Sophia de Mello Breyner Andresen.



19, 20 e 21. Exercícios de Land Art, integrados na disciplina de “Introdução ao Projecto I”, da licenciatura de Arquitectura Paisagista da Universidade do Porto, 2002

<sup>173</sup> As visitas guiadas iniciaram no ano de 2002, registando valores médios de 1500 visitantes/ano. As visitas livres, desde a reabertura do jardim, em 2002, têm vindo a aumentar, com registo de 3500 visitas em 2002 e 6400, em 2005.

### 3.3| O programa de referencia - “Projecto de Conservação e Valorização do Jardim Botânico da Universidade do Porto”

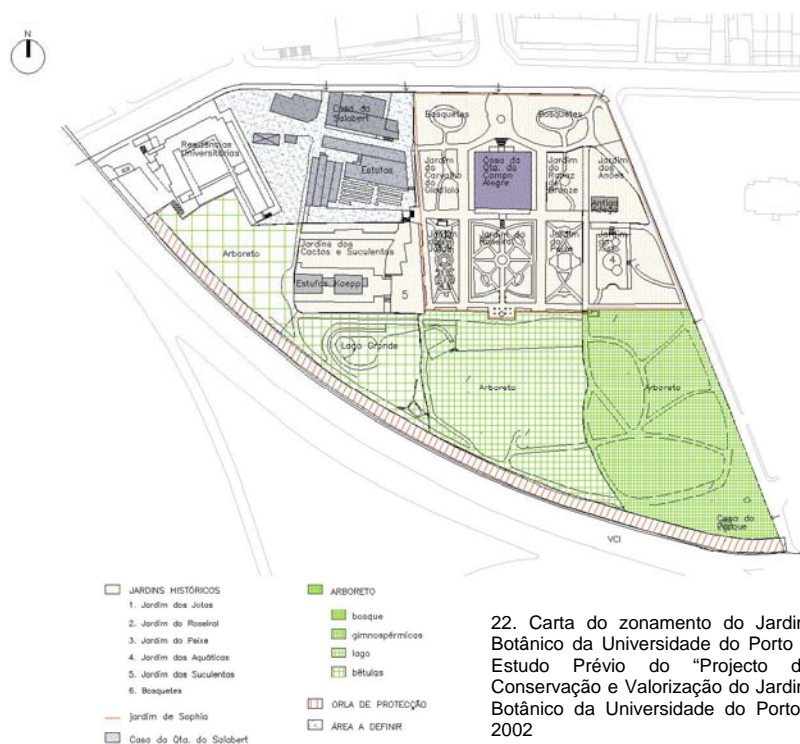
Consciente do desajuste das funções do Jardim Botânico da FCUP face às características e exigências da cidade contemporânea, este encontra-se actualmente em renovação das suas infra-estruturas e revisão programática das suas funções. O “Projecto de Conservação e Valorização do Jardim Botânico da Universidade do Porto” foi iniciado em 2002, com o objectivo de requalificação das condições estruturais e funcionais, bem como do património vegetal. Integra 3 fases sequenciais, designadamente, Estudo Prévio, Ante-Projecto e Projecto de Execução, seguida da formalização da candidatura ao “Programa On” e, por último, o Projecto do “Jardim de Sophia”

#### Estudo prévio

Num primeiro momento do Projecto de Recuperação do Jardim Botânico da Universidade do Porto, a etapa do Estudo Prévio centrou-se na reconstituição da história da instituição e da propriedade onde este se instalou, bem como no levantamento do seu estado de conservação, seguindo-se o estabelecimento de orientações para o desenvolvimento das restantes fases do projecto de recuperação. A avaliação do carácter do jardim, integrando o valor científico e pedagógico, a faceta histórico-literária e a valia decorrente da condição de espaço de utilização pública conduziu, essencialmente, à fixação dos objectivos referentes à criação das condições estruturais para a utilização do espaço, à valorização do carácter histórico e da faceta simbólica, bem como à renovação das colecções botânicas.

A análise do seu carácter multifacetado permitiu a definição de um zonamento, sobre o qual se estabeleceu a metodologia de trabalho, bem como a estratégia de recuperação. O zonamento representado na figura 22 integra cinco tipologias de espaços distintas, referentes a:

- “Jardins Históricos”
- “Casa da Quinta do Salabert”
- “Arboreto”
- “Orla de Protecção”
- “Área a definir”





Os “Jardins Históricos” ocupam o espaço envolvente à casa, suportado por terraços. Constituem jardins temáticos, circunscritos por sebes de camélias talhadas, diferenciando-se de acordo com a composição morfológica, carácter funcional e tipologia da vegetação presente. São eles o “Jardim dos Jotas”, o “Jardim do Roseiral” e o “Jardim do Peixe”, assim localizados no sentido Poente-Nascente. Estes três jardins encontram-se ladeados, a Nascente pelo “Jardim das Aquáticas”, vulgo “Jardim do Xisto”, ocupado anteriormente pelo campo de ténis e, a poente, pelo “Jardim das Suculentas”, ambos construídos de acordo com o projecto da autoria de Koepp.



23. Roseiral da Quinta do Campo Alegre, com a mata da propriedade e o rio Douro ao fundo, arquivo da família Andresen, 1930



37 e 38. “Oportunidades e Compromissos” dos “palcos para a cultura” – património arbóreo do Jardim Botânico do Porto, 2006.



25. Interior das “Estufas Koepp”, 1950

Os lados Norte, Nascente e Poente da casa, são envolvidos pelo “Arboreto”, o qual apresenta quatro espaços com características botânicas distintas, designadamente: “Bosque”, “Gimnospérmicas”, “Lago Grande” e “Bétulas” (fig. 22). O “Bosque” coincide essencialmente com a zona de bosque da antiga Quinta do Campo Alegre, outrora delimitado por uma alameda de tílias, abatida em finais dos anos 60, por razões que hoje se desconhecem, com uma diversidade de espécies significativa. A zona de “Gimnospérmicas”, cujas plantações iniciaram nos anos 80 / 90, interessante pela diversidade e qualidade das espécies, carece de uma reestruturação atenta.



27, 28 e 29. Arboreto, 1950.

A zona do “Lago Grande”, cuja construção data dos finais de 60 inícios de 70, já sob orientação do Eng. Dantas Barreto, é o local mais baixo de todo o jardim, actualmente com uma função indefinida. A zona das “Bétulas”, assim designada por esta ser a espécie dominante, teria eventualmente intenção de constituir uma colecção de folhosas autóctones, carecendo, no entanto, de requalificação.

A “Orla de Protecção” corresponde ao limite sul do jardim, confinante com a VCI. A importância em criar um espaço barreira entre o jardim e a via assume um carácter predominantemente de

protecção visual e sonora, cuja requalificação passa pela instalação de uma barreira acústica, conciliada com a plantação de uma cortina vegetal.



30, 31 e 32 – Construção do “Lago Grande”, 1969.

A parte designada por “Área a Definir”, engloba a casa da Quinta Grande de Salabert, hoje auditório, sala de exposições e salas de aula, estufas e viveiros e ainda um conjunto desarticulado de casas de banho, cantina e hangares. Tem na vizinhança uma residência universitária, cuja inserção é problemática. De um modo geral, predominam diversas construções desarticuladas entre si, carecendo de uma reavaliação.

Depois da caracterização, o diagnóstico procurou fazer a avaliação da rede de caminhos, do sistema de rega e de drenagem, das estruturas e dos elementos construídos com valor individual e de conjunto, bem como a caracterização do património vegetal, com destaque para o estrato arbóreo-arbustivo. Por fim, a análise estendeu-se à avaliação das fragilidades e potencialidades existentes. No que respeita às fragilidades, destaca-se a poluição sonora e um conjunto de estufas significativamente deterioradas. Os pontos fortes assentam no seu carácter polifacetado que, em conjunto, conferem um valor único ao espaço.

Para o alcance de um bom estado de conservação do jardim e para que as quatro funções acima enunciadas se cumpram, lado a lado, entendendo a recuperação do jardim botânico como um ponto de partida para um programa de valorização e afirmação do conjunto do Pólo 3 Universitário. No Estudo Prévio do processo de recuperação foram indicados os seguintes objectivos:

- *qualificar o jardim fazendo prevalecer o seu carácter de jardim botânico e acentuar os aspectos que lhe conferem um carácter único e conciliando fins ecológicos, funcionais, estéticos e económicos;*
- *adoptar e implementar um programa de recuperação de acordo com os princípios enunciados na Carta de Florença (1982), relativa à conservação de jardins históricos;*
- *minimizar os aspectos condicionantes, nomeadamente do foro visual e sonoro;*
- *desenvolver um programa de educação e animação que potencie as suas quatro valências;*
- *contribuir para a qualificação da imagem da cidade do Porto, assumindo a recuperação do Jardim Botânico como um ponto de partida para um programa de valorização e afirmação do conjunto do Pólo II Universitário.*<sup>174</sup>

---

<sup>174</sup> Andresen, Teresa, 1992, pp. 5

## Ante-Projecto

No seguimento do diagnóstico estabeleceram-se, em Ante-Projecto, as estratégias de actuação específicas para cada uma das diferentes áreas identificadas no zonamento (fig. 22).

Com base na informação coligida e analisada no âmbito do Ante-Projecto, foi estabelecido um plano de trabalhos com a indicação das operações consideradas determinantes a serem detalhadas e especificadas no Projecto de Execução. Estabeleceram-se orientações específicas, no que concerne à recuperação das infra-estruturas danificadas, integrando o sistema de caminhos, bem como as infra-estruturas fundamentais para manutenção do jardim (rede de rega e drenagem), com vista a informar convenientemente a definição e dimensionamento da obra e ainda o indispensável esclarecimento do modo da sua execução, diferenciadas em dois momentos sequenciais de intervenção, no que respeita às estruturas construídas<sup>175</sup> e recuperação da vegetação<sup>176</sup>

---

<sup>175</sup> “estruturas construídas

Tendo em conta o interesse em facilitar e incentivar o uso público a utilizar o espaço, torna-se igualmente necessário proceder a trabalhos de recuperação, adaptação e reconstrução de estruturas construídas – pavimentos, muros, escadas, etc. – e de edifícios – estufa das suculentas, adaptação da adega a casa de chá – à renovação de infraestruturas – nomeadamente instalação de rede de rega automática e revisão da rede de drenagem – e à instalação de novo equipamento – bancos, papelarias, sinalética.

O objectivo destas intervenções prende-se, também, com a necessidade de infraestruturar o jardim de forma a reduzir, significativamente, os custos de manutenção (mão-de-obra, consumo de água...), otimizar o uso dos recursos disponíveis (aproveitamento de todas as fontes de água existentes, criação de uma estação de compostagem para aproveitamento da biomassa produzida), adaptar ou corrigir aspectos de menor valia estética e funcional em elementos pré-existent (recuperação de caminhos em saibro, recuperação e reconstrução de elementos construídos como fontes, pérgolas, bancos e estufa...), estimular o passeio, a contemplação e o conhecimento de plantas (criação de novos caminhos e zonas de estadia, incluindo casa de chá com sanitários, instalação de sinalética para identificação de plantas...) explorar outras áreas de conhecimento do jardim nomeadamente o seu valor literário.” In Ante-Projecto de Conservação e Valoração do Jardim Botânico da Universidade do Porto.

<sup>176</sup> “recuperação da vegetação

A recuperação da vegetação constitui, naturalmente, um dos aspectos mais significativos nesta proposta pois será decisiva na reabilitação do carácter distintivo do jardim botânico.

Pretende-se, assim:

a) Reinstalar e/ou melhorar as colecções de plantas nos jardins formais: “Jardim dos Jotas” - colecção de bolbos, “Roseiral” - colecção de rosas, “Jardim das Anuais” - colecção de herbáceas anuais, “Jardim das Aquáticas” - colecção de plantas aquáticas, de zonas encharcadas e húmidas

b) No arboreto deverá proceder-se à renovação da colecção de gimnospermicas cujos exemplares, devido ao apertado compasso de plantação, não têm condições para se desenvolverem em boas condições e de modo harmonioso e, sobretudo, de forma a serem apreciados e estudados. Prevê-se, ainda neste âmbito, aumentar a colecção com espécies de grande interesse botânico e/ou ornamental e espécies autóctones que, presentemente, praticamente não integram a colecção. Ao nível da colecção de angiospermicas deverá proceder-se à sua revisão com os mesmos objectivos acima expostos.

c) No que se refere à colecção de cactos e suculentas, uma das mais emblemáticas do jardim botânico, deverá procurar-se aumentar a colecção e recuperar a estufa que, presentemente, se encontra bastante degradada de modo a que possa acolher as espécies em boas condições e ser aberta ao público.

d) Recuperar a colecção de camélias, na sua maioria formando sebes talhadas de grande distinção e valor ornamental e que constitui uma das colecções mais significativas do jardim e mesmo da cidade. Nestas sebes, alguns exemplares morreram ou encontram-se em mau estado sanitário pelo que se deverá proceder, sempre que necessário, a trabalhos de fertilização, a tratamentos sanitários e à substituição de exemplares mortos e doentes por outros das mesmas cultivares e de porte idêntico. (Imagem 10 – Camélias mortas)

e) Renovar a colecção de arbustos dos bosquetes envolventes à casa, na sua maioria compostos por azáleas e rododendros, mas que apresentam sinais de envelhecimento ou problemas fitossanitários.

f) Criar uma colecção de herbáceas vivazes de flor, a plantar no canteiro que contorna a casa. Trata-se de uma forma de introduzir este tipo de plantas, praticamente não representadas no jardim, mas que, por apresentarem grandes qualidades ornamentais, constituirão um elemento de atracção para quem acede ao jardim.

g) Reforçar a plantação, particularmente de árvores e arbustos de folha perene, na zona de confronto do jardim com a VCI o que, a par com a colocação das barreiras acústicas, contribuirá para reduzir significativamente o ruído dentro do jardim e enquadrá-lo visualmente. Para além destas acções ao nível das infraestruturas e no âmbito das colecções de plantas, propõe-se a constituição de uma base de dados da vegetação existente no jardim, a qual já se encontra identificada e cartografada. Esta base de dados constituirá um instrumento essencial para a gestão da vegetação e a sua disponibilização ao público contribuirá decisivamente para a sua divulgação e conhecimento.” In Ante-Projecto de Conservação e Valoração do Jardim Botânico da Universidade do Porto.

## **Projecto de Execução**

O projecto de execução foi desenvolvido no âmbito da candidatura do “Programa ON – Operação Norte”, através da “Medida 1.6 – acções específicas de Valorização Territorial”, a qual prevê unicamente trabalhos relativos à “requalificação de caminhos pedonais, infra-estruturas de drenagem, rega e iluminação, bem como recuperação de mobiliário e sinalética”. Neste âmbito, foi desenvolvido, pormenorizado e contabilizado um conjunto de informações respeitantes aos traçados e tipologias de caminhos, sistema de rega, de drenagem e restauro das estruturas e mobiliário de jardim, para execução da obra. Foi apresentado em Agosto de 2005, tendo tido o financiamento aprovado (investimento elegível de 563 133,00 Euros, com uma Participação Comunitária de 382 536,00 Euros - Taxa de Participação – 67,93 %)

Para o cumprimento dos objectivos inicialmente definidos encontram-se em falta os trabalhos correspondentes à requalificação das estufas, recuperação dos esquemas de plantação do Jardim botânico, bem como a criação de uma base de dados da vegetação existente no jardim, a qual já se encontra identificada e cartografada, bem como o plano de gestão e manutenção, os quais serão desenvolvidos posteriormente.

## **Jardim de Sophia**

A história e simbologia associada ao jardim botânico foram determinantes para a definição da política de actuação do projecto de recuperação. A ligação literária, associada a Sophia de Mello Breyner e Ruben A., confere um carácter histórico/literário de distinção.

Actualmente, encontra-se em desenvolvimento o projecto de valorização do carácter histórico e da faceta simbólica do jardim botânico, designado por “Jardim de Sophia”. Surge integrado no “Projecto de Conservação e Valorização do Jardim Botânico da Universidade do Porto”, no seguimento do Projecto de Execução. Reflecte prioritariamente sobre os aspectos histórico-literários presentes nos jardins históricos, provenientes do traçado original de João Silva Monteiro, continuados por João e Joana Andresen e valorizados por Karl Franz Koep.

Os lugares do Jardim Botânico do Porto com significado histórico-literário, bem como a estrutura morfológica da propriedade traçam de imediato o “Jardim de Sophia”.

A proposta do “Jardim de Sophia”, pretende restituir a memória e fantasia ao espaço, na recriação das fábulas da autoria de Sophia de Mello Breyner. O desenvolvimento do projecto será orientado pelas histórias que constituem o imaginário colectivo de muitos, como o “O Rapaz de Bronze” e “A Floresta”, que se encontram representadas neste espaço. No seguimento destes objectivos,

pretende-se ficcionar igualmente as colecções botânicas, integrando no jardim, as “flores” indicadas no livro “O Rapaz de Bronze”, bem como outras colecções que recriam os ambientes dos jardins do Porto de Oitocentos. O projecto compreende a definição programática da composição e função dos espaços, com indicações sobre os materiais a utilizar, bem como o esclarecimento do seu funcionamento. Assenta em soluções com carácter efémero e flexível, não comprometedoras e também potenciadoras da criação de outros projectos paralelos.

### **3.4| Síntese**

No âmbito deste exercício de síntese, pretende-se sistematizar a plataforma de acção onde será desenvolvida a revisão programática do Jardim Botânico do Porto. Referimo-nos à cidade do Porto, o Jardim Botânico da FCUP, bem como o “Projecto de Conservação e Valorização do Jardim Botânico da Universidade do Porto”. Este conjunto orientador constitui o contexto de referência para o desenvolvimento do Plano de Acção, o qual será apresentado na segunda parte do trabalho.

Na cidade do Porto destaca-se o desejo de construção de uma identidade renovada, com visibilidade no contexto nacional e também extra-fronteiriço. A identidade da cidade que, desde sempre se relacionou com os ícones arquitectónicos, tais como o Palácio de Cristal, as Pontes sobre o rio Douro e a Torre dos Clérigos, tem vindo a adquirir uma dimensão simbólica renovada e uma grande variedade de expressões individuais, originando novas soluções urbanísticas. É o caso da Fundação de Serralves, do evento “Porto 2001” e, mais recentemente da construção da Casa da Música, numa afirmação da dimensão cultural da cidade. Por outro lado, esta nova atitude que orienta a representação da cidade, permite-nos entender o espaço público como mediador dos valores da cidade, contribuindo assim para a criação de novos referenciais urbanos. Os exemplos mais paradigmáticos são os percursos de “frente rio” e “frente mar”, seguido da criação do Parque da Cidade e recuperação de diversos jardins de proximidade, distribuídos pela cidade.

No que respeita ao Jardim Botânico da Universidade do Porto este distingue-se no contexto daquela cidade pela multiplicidade de oferta. Para além do carácter científico-pedagógico, singulariza-se pela forte carga histórico-literária que encerra, bem como pela função recreativa, enquanto jardim de utilização pública, tendo a dimensão científica vindo a perder força na sua estrutura e gestão. A história do jardim botânico conheceu três períodos distintos. Os dois primeiros referem-se à criação do jardim botânico na cerca do antigo Convento das Carmelitas e posterior instalação na Quinta do Campo Alegre. Depois, em 1983 o jardim botânico fecha ao público, iniciando o terceiro momento constituído por uma sequência de acções e projectos com vista à requalificação daquele espaço.

O “programa de referência” refere-se ao “Projecto de Conservação e Valorização do Jardim Botânico do Porto”, iniciado em 2001 e parcialmente concluído em Agosto de 2005, no âmbito da candidatura de financiamento ao “Programa ON”, tendo sido atribuída uma verba que responsabilizou o jardim botânico na sua aplicação no decorrer do presente ano.

O carácter educativo deste espaço é reforçado e potenciado no contexto dos programas educativos das licenciaturas que actualmente integra, designadamente a Botânica e a Arquitectura Paisagista. Neste sentido, a instalação do jardim botânico na Quinta do Campo Alegre legitimou o valor botânico presente e afirmou o carácter científico, com suporte no património vegetal, herdado da tradição coleccionista do séc. XIX, com destaque especial para a vasta colecção de camélias, de cactos e suculentas e de rododendros.



33. Fotografia do interior das estufas, início do séc. XX



34 e 35. Jardins da Quinta do Campo Alegre, início do séc. XX



36. Interior da casa da Quinta do Campo Alegre

A história e a memória, bem como a simbologia literária também fazem o discurso deste espaço. A história, com uma linguagem ordenada e sequencial apela a uma consciência comemorativa, através da recriação do passado, na conservação e preservação de identidades. Legítima os lugares simbólicos e ajuda a construir um discurso nostálgico, associado aos espaços de memória. A memória, por sua vez, com um carácter mais subjectivo, revela saudosismo na representação e valorização dos acontecimentos passados. A estas duas dimensões, acrescenta-se outra relacionada com a ficcionização das histórias infantis de Sophia de Mello Breyner, neta dos proprietários a quem o Estado adquiriu a quinta. O processo de fantasia carrega o lugar com imagens literárias que provocam ligações ao imaginário de cada um, com um valor simbólico e mediático indiscutível.

## **Capítulo 4| O Plano de Acção**

Depois de garantidas as condições estruturais para a utilização do jardim botânico, de acordo com o indicado no “Projecto de Conservação e Valorização do Jardim Botânico da Universidade do Porto”, segue-se a “construção do lugar” pautada pelos princípios da sustentabilidade cultural. Refere-se a uma fase do processo de requalificação do jardim botânico, inscrita na competência do planeamento estratégico, com tradução no desenvolvimento de um Plano de Acção.

Tendo como objectivo principal a revisão programática do Jardim Botânico do Porto, o Plano de Acção é entendido como um instrumento através o qual se estabelece um “contrato”, um “compromisso de acção”, para o cumprimento da Missão do jardim botânico. Trata-se de um “jogo estratégico de acções” que supõe menos a definição de soluções definitivas e mais a construção de uma representação. Assim, identifica tendências e antecipa oportunidades, formula objectivos prioritários e mobiliza vontades para autorização da estratégia. Neste sentido, pressupõe uma reinterpretação e reavaliação das valências do jardim botânico, bem como uma elasticidade programática da sua gestão, revertendo na descentralização de competências e responsabilidades, na recriação das suas potencialidades, bem como na definição de um modelo de actuação mais operativo.

Assim, a Estratégia do Plano de Acção define a atitude projectual para o cumprimento da Missão do Jardim Botânico do Porto, com expressão nas diferentes orientações que vão particularizar cada um dos Projectos.

### **4.1| A Estratégia do Plano**

A Estratégia que vai orientar o plano de trabalhos para o alcance de uma nova matriz conceptual para o Jardim Botânico do Porto assenta no conceito de cultura, entendido por Jon Hawkes como o “4.º pilar da sustentabilidade”, descrito no Capítulo 2.2.3.4. Afastando-se da abordagem racionalista referente às estratégias, políticas e planos correntes, aos planos de longo prazo, que atentam sobre as principais estratégias a desenvolver num espaço temporal alargado, bem como aos planos anuais, que estabelecem objectivos, estratégias e o programa de acção para aquele ano, elegemos a visão quotidiana, ausente de planos, que encontra na Cultura uma estratégia articulada com as novas lógicas da cidade contemporânea. A Estratégia para a renovação programática do Jardim Botânico do Porto estabelece-se, assim, ancorada no entendimento do espaço público como “agente de mediação cultural”.

A cultura, entendida num conceito alargado, como produção e transmissão social de identidades, conhecimento, valores e modo de vida, não constitui só um meio para alcance dos objectivos, mas

também a base ideológica e social desses mesmos fins. É, simultaneamente, o instrumento e a mensagem, afirmando-se como uma ferramenta inestimável no contexto do planeamento urbano. É igualmente encarada como um factor de desenvolvimento em detrimento da condição de despesa, à qual desde sempre esteve associada. As razões que nos conduziram à eleição deste instrumento de planeamento prendem-se com a eficácia de aplicação do modelo, bem como no que concerne às expectativas criadas em torno da programação de espaços públicos por uma sociedade cada vez mais exigente. Assim, o desafio centra-se no estabelecimento de condições formais e programáticas capazes de receber, participar, comunicar e promover a criação de eventos científicos e culturais, de modo a integrar o sistema de palcos para a cultura da cidade do Porto.

Face às frequentes mudanças da cidade contemporânea, bem como ao processo circular e contínuo, intrínseco ao próprio conceito de estratégia, o sucesso das experiências de planeamento depende da capacidade de resposta dos instrumentos adoptados. Neste sentido, o modelo deverá encontrar-se adaptado às dinâmicas actuais, orientado para a acção, com uma gestão pragmática, sendo cada vez mais exigida flexibilidade nas metodologias e rapidez na resposta. Este processo conduz a uma maior visibilidade da instituição, com ganhos inevitáveis para a sua capacidade concorrencial no contexto do sistema competitivo da cidade contemporânea. O jardim botânico ganha assim um reforço da sua credibilidade, engrandecendo a sua prestação.

#### **4.2| A Missão do Jardim Botânico da Universidade do Porto**

Todas as instituições têm uma Missão a cumprir, na medida em que se responsabilizam internamente com um programa de acção que guia as operações e agrupa as estratégicas. A Missão não deverá ser nem muito restrita nem muito abrangente, mas sim realista, credível e atingível, transmitida com objectividade, de uma forma clara e transparente, assegurando assim o entendimento da sua mensagem por todos.

Os jardins botânicos constituem uma oportunidade exemplar de conhecimento e compreensão do valor e importância das plantas na vida humana, das ameaças que sofrem actualmente, bem como das acções de conservação do reino vegetal. Conduz igualmente ao despertar de uma reflexão crítica, à criação de uma consciência ecológica colectiva, com consequente participação activa na protecção e promoção da biodiversidade, de acordo com as orientações prescritas pela *International Agenda for Botanic Gardens in Conservation*.



Assim, a Missão deverá ser estruturada de acordo com as seguintes directrizes:

*The mission will require botanic gardens to undertake a broad but closely coordinated cooperative strategy in conservation, research and education, of which there are several main elements:*

*i) Conservation*

...

*ii) Research, monitoring, and information management*

...

*iii) Education and public awareness*

....

Das 3 grandes linhas de acção referentes à Conservação, Pesquisa e Educação, decorrem 16 estratégias, estabelecidas para integrar os Planos de Acção de cada jardim botânico, com o horizonte temporal de 2010. Integram o documento *The Global Strategy for Plant Conservation* e referem-se ao seguinte:

*a. Understanding and documenting plant diversity:*

- (i) A widely accessible working list of known plant species, as a step towards a complete world flora;*
- (ii) A preliminary assessment of the conservation status of all known plant species, at national, regional and international levels;*
- (iii) Development of models with protocols for plant conservation and sustainable use, based on research and practical experience;*

*b. Conserving plant diversity:*

- (iv) At least 10 per cent of each of the world's ecological regions effectively conserved;*
- (v) Protection of 50 per cent of the most important areas for plant diversity assured;*
- (vi) At least 30 per cent of production lands managed consistent with the conservation of plant diversity;*
- (vii) 60 per cent of the world's threatened species conserved in situ;*
- (viii) 60 per cent of threatened plant species in accessible ex situ collections, preferably in the country of origin, and 10 per cent of them included in recovery and restoration programmes;*
- (ix) 70 per cent of the genetic diversity of crops and other major socio-economically valuable plant species conserved, and associated indigenous and local knowledge maintained;*
- (x) Management plans in place for at least 100 major alien species that threaten plants, plant communities and associated habitats and ecosystems;*

*c. Using plant diversity sustainably:*

- (xi) No species of wild flora endangered by international trade;*
- (xii) 30 per cent of plant-based products derived from sources that are sustainably managed;*
- (xiii) The decline of plant resources, and associated indigenous and local knowledge, innovations and practices that support sustainable livelihoods, local food security and health care, halted;*

*d. Promoting education and awareness about plant diversity:*

- (xiv) The importance of plant diversity and the need for its conservation incorporated into communication, educational and public-awareness programmes;*

*e. Building capacity for the conservation of plant diversity:*

- (xv) The number of trained people working with appropriate facilities in plant conservation increased, according to national needs, to achieve the targets of this Strategy;*
- (xvi) Networks for plant conservation activities established or strengthened at national, regional and international levels.*

*These 16 targets provide a framework for policy formulation and a basis for monitoring. National targets developed within this framework may vary from country to country, according to national priorities and capacities, and taking into account differences in plant diversity.*<sup>177</sup>

<sup>176</sup> International Agenda for Botanic Gardens in Conservation

[http://www.bcn.es/medciencias/botanicgardens2004/abstracts/pdf\\_publicacions/IntenationaAgenda.pdf#search=%22International%20Agenda%20for%20Botanic%20Gardens%22](http://www.bcn.es/medciencias/botanicgardens2004/abstracts/pdf_publicacions/IntenationaAgenda.pdf#search=%22International%20Agenda%20for%20Botanic%20Gardens%22) (consultada em 20 de Setembro de 2006)

<sup>177</sup> <http://www.biodiv.org/programmes/cross-cutting/plant/targets.shtml> (consultada em 20 de Setembro de 2006)

Assegurada a dimensão educativa e botânica do jardim botânico, de acordo com as orientações internacionais, da responsabilidade da BGCI, a definição da sua Missão no contexto da cidade contemporânea afasta-se, naturalmente, dos objectivos, estratégias e modelos de actuação que presidiram à sua condição original. Assim, torna-se premente o ajuste dos compromissos ao novo contexto temporal, comportamental e também espacial, propondo-se uma mudança na estratégia de comunicação da Missão.

A Estratégia para o cumprimento da Missão centra-se nas valências do Jardim Botânico do Porto, com destaque para o carácter histórico-literário em associação ao seu carácter de utilização pública. Os novos significados conduzem a novos compromissos com a cidade, onde as valências referidas e outras ganham capacidades concorrencial no contexto competitivo dos espaços públicos da cidade contemporânea. A dimensão educativa do jardim botânico, enquanto lugar de aprendizagem, constitui uma orientação transversal a todas as facetas da Missão, conduzindo ao fortalecendo a sua responsabilidade social, bem como à eficácia no cumprimento do seu Programa.

#### **4.3| Os Projectos**

Depois de definida a estrutura do Plano de Acção, já com um olhar estratégico trabalhado, avança-se para o desenvolvimento de lógicas de actuação, às quais corresponde um programa de trabalho, com a designação de Projecto.

O Projecto especifica as orientações da Missão, antecipam as oportunidades de trabalho e sugerem o modelo de trabalho, bem como os campos de acção para a revisão programática do jardim botânico. O conjunto de orientações referido agrupa-se em 5 programas alternativos, mostrando-se heterogéneo e por vezes conflitual, divergindo nas suas especificidades, convergindo no do eixo orientador de actuação.<sup>178</sup>

As metáforas da cidade da “informação e da tecnologia”, bem como a dimensão desejada de “cidade ecológica e sustentável” e também o reconhecimento da “memória da cidade” contextualizam a “plataforma de acção” referente à cidade do Porto (descrita no Capítulo 3.1). Neste contexto, o jardim botânico enquanto mediador cultural e interface interdisciplinar da cidade contemporânea (Projecto 1-“palcos para a cultura”), sustenta-se na estrutura social das cidades contemporâneas, as pessoas, (Projecto 2 -“trocas sociais”), orientado para a procura de novas representações urbanas e também para o reforço de identidades já estabelecidas (Projecto 3 - “narrativas e significados”). Segue-se a experimentação de aplicações no domínio da Ciência, em defesa da biodiversidade, bem como da sustentabilidade cultural (Projecto 4 -“públicos para a

---

<sup>178</sup> Laurel, Brenda, 1998

ciência”). Por último, sugere-se uma participação efectiva na construção da cidade, de acordo com os princípios da sustentabilidade e biodiversidade (Projecto 5 -“construção da cidade”).

A caracterização dos cinco Projectos obedece a uma estrutura comum. Inicia com uma breve nota, esclarecedora da importância de cada Projecto na cidade do Porto, seguida da descrição do Objectivo, no sentido de dar a conhecer as orientações que vão guiar o seu desenvolvimento, informando igualmente em que medida cada Projecto integra a estratégia do Plano.

Na fase de diagnóstico, importa conhecer as Oportunidades e Compromissos referentes às potencialidades e às condicionantes do espaço, aos compromissos da instituição, bem como aos possíveis incentivos para a execução do Projecto.

Depois de caracterizada a plataforma de acção, avança-se para a descrição do Programa, que deverá reflectir sobre matérias como o público-alvo e a ocupação espacial (quer seja no jardim botânico, quer seja noutros espaços exteriores à instituição), fazendo um paralelismo com outras instituições que possam ajudar a defesa do Projecto. No decorrer da exposição do Programa, caso se justifique, deverão ser indicados outros projectos considerados fundamentais para aplicação dos objectivos expostos, designados por projectos paralelos.

De seguida, importa avaliar o desempenho de cada um dos Projectos face aos objectivos a que se responsabilizou inicialmente. Propomos que seja realizada a vários níveis, no que diz respeito ao cumprimento da Missão (definida no Capítulo 4.2), a relação com a cidade (onde se pretende avaliar essencialmente a capacidade funcionamento em rede com outras instituições e programas da cidade), bem como o modelo de gestão (no que concerne, entre outros, à política de financiamento, ao apoio institucional, bem como às possíveis relações de mecenato). Por fim, antecipando a análise final, apuramos sucintamente os resultados esperados, bem como o contributo de destaque de cada Projecto.

A actuação na dimensão física do espaço prende-se essencialmente com a reestruturação dos equipamentos existentes, decorrente das actividades preconizada em cada Projecto. Todos os equipamentos existentes no jardim botânico deverão ser integrados nas propostas, à excepção da casa da Quinta do Campo Alegre, para a qual já se encontra atribuído um programa articulado com os restantes edifícios com carácter histórico, integrantes do espólio da Universidade do Porto. A escala de actuação deverá ser abrangente, integrando desde o nível micro das práticas quotidianas até aos níveis mais abrangentes do planeamento estratégico.

A atribuição de novos significados aos espaços, para além das funções originais que desempenham, no contexto competitivo da cidade contemporânea, manifesta-se essencialmente como prova de credibilidade artística e intelectual. Com uma expressão significativa, os espaços verdes integram cada vez mais sugestões de utilização, os museus e casas de espectáculo procuram uma performance arquitectónica de destaque, a programação cultural, por sua vez, tem vindo a ganhar espaço e também tempo no quotidiano contemporâneo, estendendo-se para o espaço público. Para além da atitude funcionalista, que convive com uma liberdade artística em permanente actualização, todas estas tipologias de espaço apresentam actualmente uma oferta diversificada e inovadora, conduzindo a uma grande profusão de linguagens artísticas.



37 e 38. “Oportunidades e Compromissos” dos “palcos para a cultura” – património arbóreo do Jardim Botânico do Porto, 2006.



39. “Oportunidades e Compromissos” dos “palcos para a cultura” – sebes de camélias do Jardim Botânico do Porto, 2006.

## 1| Objectivo

O presente Projecto prevê a extensão do programa original do jardim botânico a outras actividades de carácter cultural conciliáveis, de acordo com o definido na Estratégia do Plano de Acção, descrita no Capítulo 4.1. Assim, o objectivo consiste na criação de condições apelativas à recepção de programas culturais e projectos artísticos no Jardim Botânico do Porto.

## 2| Oportunidades e Compromissos

As oportunidades de trabalho referem-se aos valores que o espaço integra, bem como às fragilidades identificadas. Neste sentido, para além do carácter multifacetado do jardim botânico, que legitima o estabelecimento de programas culturais, identificaram-se no seu espaço fragilidades, cuja recuperação constitui um verdadeiro desafio criativo. De todas as condicionantes registadas<sup>179</sup>, destacam-se a Via de Cintura Interna (VCI) e as “Estufas”, representadas na fig. 22.

A proximidade a equipamentos culturais de referência na cidade do Porto, como o Teatro do Campo Alegre, o Planetário e a Casa das Artes, a espaços verdes de utilização pública com expressão, como os Jardins do Palácio de Cristal, indicados no Anexo 1, bem como a integração no Pólo 3 da Universidade do Porto, atribui ao jardim botânico uma vocação territorial privilegiada para o seu desempenho cultural.

Por sua vez, o compromisso com a cultura é estabelecido através das orientações que conduzem a um reforço da “cidade do saber” e da “cidade da cultura”,<sup>180</sup> bem como outras directrizes de âmbito nacional, referentes ao “Programa do Governo para a Área da Cultura”,<sup>181</sup> enunciados na “Visão Estratégica para o Horizonte Cultural 2013” do seguinte modo:

*1. Apoiar e qualificar o tecido empresarial, no sector cultural e noutras actividades que incorporam componentes importantes de trabalho intelectual, nomeadamente pela combinação de criação artística e inovação tecnológica.*

...

*3. Desenvolver as indústrias criativas e os serviços culturais, na aceção ampla do conjunto das actividades económicas que incorporam como componente fundamental a criação artística e a produção cultural (como o audiovisual ou as artes e tecnologias digitais).*

...

*10. Integrar a arte e a cultura no quotidiano das populações contribuindo para o desenvolvimento da cidadania e da qualidade de vida.*

...

*13. Consolidar e diversificar a procura cultural interna e criar novos públicos.*<sup>182</sup>

<sup>179</sup> As condicionantes identificadas referem-se à poluição sonora decorrente do tráfego viário da VCI, que limita a Sul com a propriedade, bem como um conjunto de estufas significativamente deterioradas, localizadas no limite Norte do jardim botânico. Acrescenta-se ainda a ausência de funções para grande parte dos equipamentos presentes, bem como a manutenção deficiente dos espaços verdes.

No âmbito do “Projecto de Conservação e Valorização do Jardim Botânico da Universidade do Porto” foi realizada uma avaliação acústica no interior do jardim botânico, registando-se um elevado nível de ruído. Face a este diagnóstico, as Estradas de Portugal (EP) comprometeu-se a instalar uma barreira acústica ao longo da VCI, conciliada com uma cortina vegetal.

<sup>180</sup> Martins, Isabel e Lacerda, António, 2004

<sup>181</sup> <http://www.min-cultura.pt/Ministerio/Programa.html> (consultado a 08-04-2006)

<sup>182</sup> Observatório das Actividades Culturais (OAC), Instituto de Ciências Sociais de Lisboa (ICS), 2005, pp. 97 e 98

### 3| Programa

O argumento deste Projecto centra-se na atribuição de uma nova utilização urbana para o Jardim Botânico do Porto, com vista à revisão do seu programa actual. Consiste na valorização dos seus traços distintivos, bem como na afirmação das suas vocações, no sentido de criar condições apelativas à recepção de programas culturais. Neste contexto, a criação de “palcos para a cultura” requer essencialmente operações de requalificação e ajuste dos equipamentos e infra-estruturas ao novo uso. Indicamos, a título de exemplo, duas propostas distintas.

A primeira proposta actua no sentido de transformar uma fragilidade do jardim em oportunidade de projecto. Neste sentido, sugere-se a transformação do ruído provocado pela VCI em música e também em imagens, através da integração de dispositivos nas barreiras acústicas que serão instaladas ao longo da referida infra-estrutura rodoviária. Tais protecções assim equipadas, constituem não só uma plataforma de actuação, uma “interface multimédia”, como também a possibilidade de serem utilizadas como espaços de exposição, promovendo a criação de programas educativos e culturais em torno do potencial musical que oferece. Como equipamento de apoio, sugere-se a instalação de um “Café Concerto” na “Casa do Parque”, de acordo com o indicado na figura 40.

A segunda proposta presente no “Jardim de Sophia” refere-se aos *muros de camélias talhadas*<sup>183</sup> ao longo das *ruas muito compridas*<sup>184</sup> (fig. 40), os quais constituem notáveis “interfaces de comunicação”. Destacam-se as sebes instaladas ao longo da Rua do Campo Alegre que, em conjunto com a proposta anterior, constituem os limites físicos Norte e Sul do jardim botânico, funcionando como uma interface privilegiada com o espaço público da cidade, possibilitando uma aproximação do jardim botânico à cidade do Porto.

No contexto dos jardins botânicos, indicamos como exemplos de “palcos para a cultura” de referência, o *Jardí Botànic de la Universitat de València*, em Espanha, o qual, em resposta à *las exigencias de la sociedad valenciana en temas de medio ambiente*<sup>185</sup>, associa uma *oferta científica y cultural de este centro ubicado en el corazón de la ciudad de Valencia*.<sup>186</sup>, com um programa diversificado, desenvolvido em estreita colaboração com outros serviços da Universidade de Valência, bem como mecenas e colaboradores externos. Referimos igualmente o exemplo do *Building Boston’s Botanical Garden*<sup>187</sup>, que se encontra actualmente em fase de projecto. Prevê *...fall squarely in the rarely filled intersection of education, science, and the aesthetic celebration of nature. It will be an ornament to the cultural life of the City*.<sup>188</sup> Estas indicações, associadas à sua localização no centro da cidade, bem como à tipologia arquitectónica prevista, constituem valores de distinção.

<sup>183</sup> Breyner, Sophia de Mello, 1956, pp. 7

<sup>184</sup> Breyner, Sophia de Mello, 1956, pp. 7

<sup>185</sup> <http://www.jardibotanic.org/cindex.html> (consultado a 25 de Maio de 2006)

<sup>186</sup> <http://www.jardibotanic.org/cindex.html> (consultado a 25 de Maio de 2006)

<sup>187</sup> <http://www.darwinboston.org/home.htm> (Consultado a 18 de Maio de 2006)

Este Projecto ganha corpo com a instalação de um “Observatório Cultural” (fig. 40), com a função de recolha, tratamento, e divulgação de informação e estudos relativos às práticas culturais. Deverá igualmente constituir uma estrutura de apoio a trabalhos de investigação, com o domínio de estudo centrado na Cultura. Neste sentido, deverá dispor de recursos científicos e técnicos de apoio às actividades desenvolvidas, no que se refere a uma biblioteca, base de dados de trabalhos de investigação e publicações informativas regulares. Como espaço de diálogo e de tertúlia, deverá integrar programas de outras instituições de produção artística. Sugere-se ainda que constitua uma interface logística com os potenciais utilizadores dos “palcos para a cultura”, com sede nas instalações na “Casa do Salabert”, de acordo com o representado na figura 40.

#### **4| Projectos paralelos**

No seguimento da criação de condições para as actividades culturais, sugere-se a instalação de um espaço de tertúlia - “Casa de Chá” – a instalar na “Adega”, construção localizada a Nascente da “Casa da Quinta do Campo Alegre” (fig. 40).

#### **5| Cumprimento da Missão**

Este Projecto confere uma dimensão muito específica ao Jardim Botânico do Porto. Para além de espaço científico, o jardim botânico assume a feição de mediador cultural, encontrando nos “palcos para a cultura”, a estratégia para o cumprimento da Missão.

#### **6| Relação com a cidade**

No panorama cultural actual da cidade do Porto, prevê-se o funcionamento do jardim botânico em rede, mantendo a sua participação em programas já estabelecidos, nomeadamente “Família nos Museus”, a “A minha Escola adopta um Museu” e “Conhecer os Museus Municipais do Porto” (fig. 41). Sugere-se igualmente a criação de novos percursos culturais. A título de exemplo, indicam-se dois programas distintos.

O primeiro programa refere-se à criação de parcerias com as instituições culturais municipais e privadas, estabelecimentos de ensino superior e espaços públicos de utilização pública com orientações programáticas conciliáveis. No contexto da cidade do Porto, indicamos como exemplos, o Parque de Serralves, o Parque da Cidade, os Jardins do Palácio de Cristal, a Quinta da Bonjoia, representados na figura 41.

O segundo programa actua com o objectivo de encurtar distâncias com outros espaços universitários da região Norte. Neste sentido, propomos a criação do “Percursos Culturais entre Universidades”, cuja programação se sugere estabelecer em ligação com o “Observatório das Actividades Culturais”<sup>189</sup>. Indicamos como exemplo de parceiro de trabalho o “Observatório de

---

<sup>189</sup> <http://www.oac.pt/> (consultado a 27 de Maio de 2006)

Festas e Património”, que integra o “Núcleo de Estudos de População e Sociedade, da Universidade do Minho”.<sup>190</sup>

## 7| Modelo de Gestão

No âmbito deste Projecto, sugere-se, para o funcionamento do jardim botânico, o estabelecimento de um modelo de gestão em torno dos proveitos associados à actividade comercial inerente à produção cultural.

## 8| Análise do Projecto (resultados esperados)

*Seja na aproximação ao teatro e às artes performativas, seja na aproximação à paisagem e à arquitectura, a verdade é que esta nova espacialização ganha importância para a arte contemporânea. Os trabalhos artísticos deixam de poder ser apreciados isoladamente. O seu sentido é construído pela relação que estabelecem com o meio envolvente. Podemos então concluir que a arte, ao procurar escapar ao auto-centramento no qual o modernismo a encerrou, expande-se num processo de conquista territorial ao espaço cidade.*<sup>191</sup>

A nova espacialização referente aos “palcos para a cultura” no jardim botânico e consequente aproximação da arte aos “espaços do quotidiano” decorre da estratégia de acção preconizada para a sua revisão programática. Este novo funcionamento confere uma maior visibilidade ao jardim botânico, permitindo assim, o alcance de resultados proveitosos no cumprimento da sua Missão referente à comunicação da sua mensagem de conservação da biodiversidade.

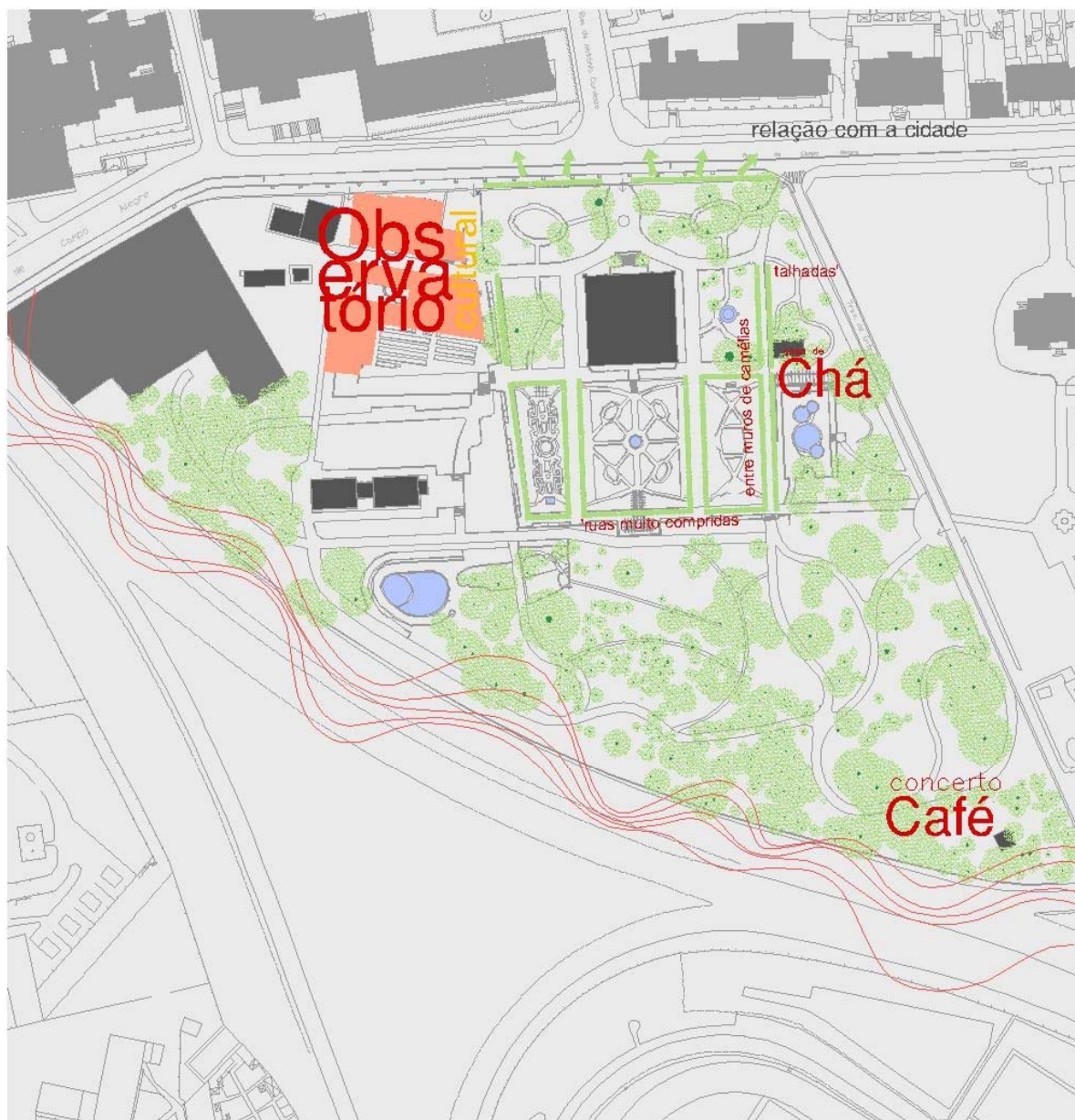
Confere igualmente novos valores ao sistema urbano, contribuindo para o reforço da identidade cultural da cidade. Assim, os espaços culturais são entendidos como uma força geradora de desenvolvimento e valorização da cidade, na medida em que contribuem para a diversificação e dinâmica das vivências urbanas. Face à transformação da relação do público com a arte, prevê-se que os “palcos para a cultura” propostos proporcionem desafios criativos aos diversos agentes culturais da cidade, promovendo o estabelecimento de novas referências de competitividade à cidade do Porto.

---





<sup>190</sup> <http://www.neps.ics.uminho.pt/observatorio/index.html> (consultado a 27 de Maio de 2006)

<sup>191</sup> Krauss, R. E., 1999







## PROGRAMA

-  barreiras acústicas
-  sebes de camélias
-  observatório cultural
-  Café

## PROJECTOS PARALELOS

-  Chá
-  casa de chá

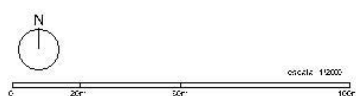
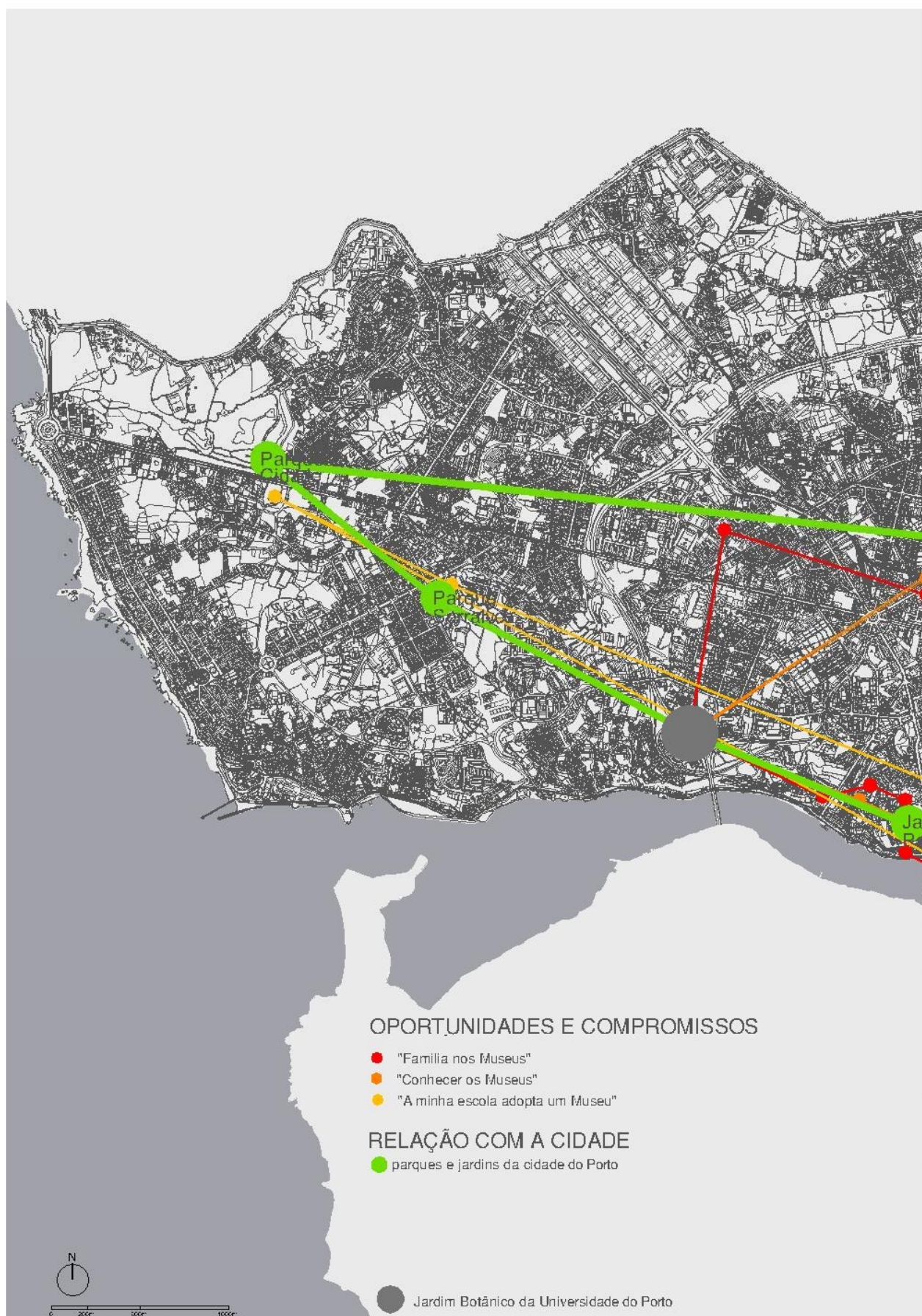


figura 40

## PROJECTO 1 - "espaços para a cultura"





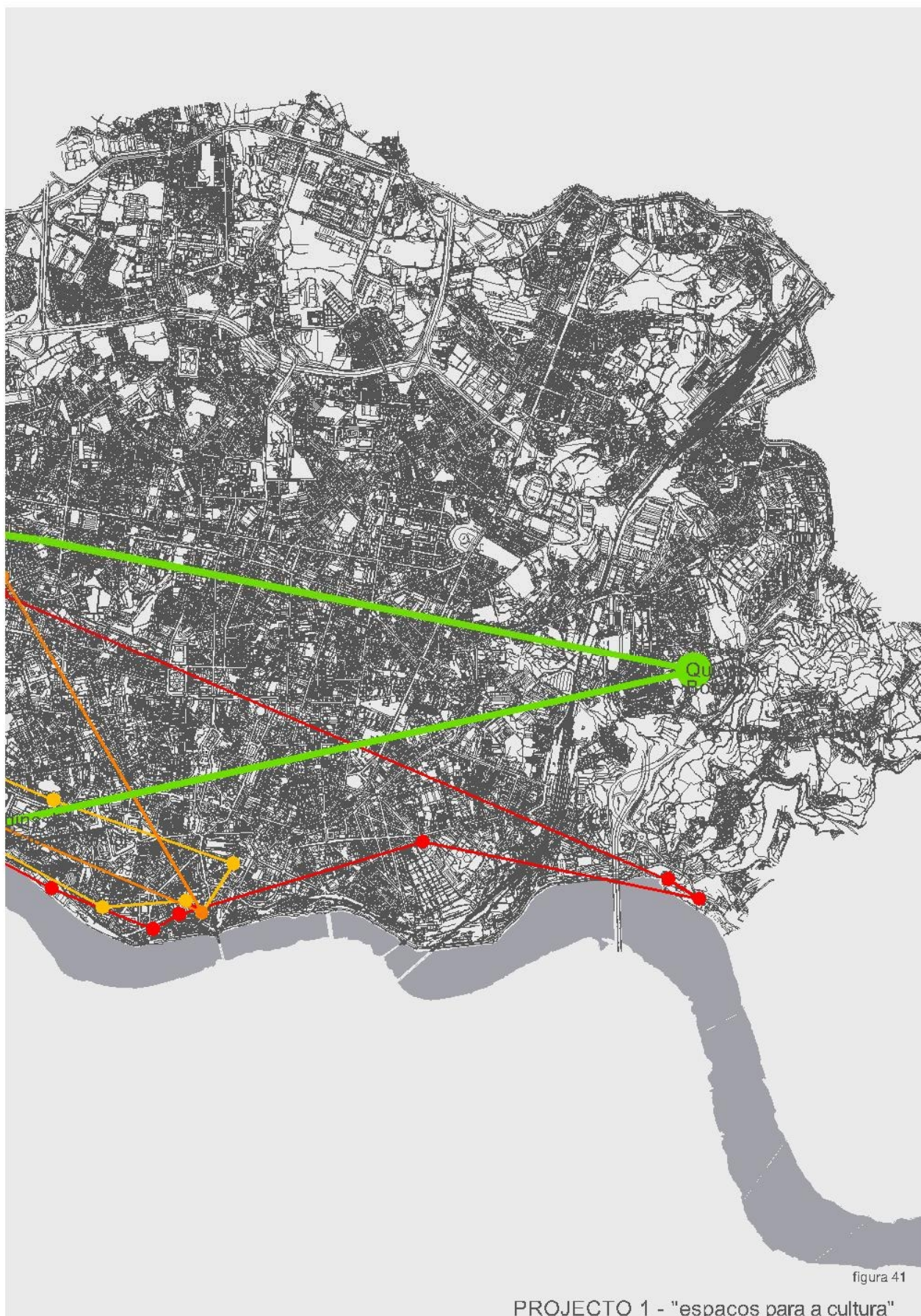


figura 41

PROJECTO 1 - "espaços para a cultura"

No contexto da “nova economia” de Manuel Castells, o autor põe em evidência o panorama social das cidades contemporâneas, defendendo que o maior valor da nova condição urbana é constituída pelas pessoas. Neste sentido, privilegia a contribuição do capital humano para o desenvolvimento tecnológico, para o aumento da produtividade, bem como para o crescimento da economia. Dos requisitos que o autor indica necessário para assegurar a qualificação das pessoas, no âmbito deste Projecto, destacamos a educação.

No jardim botânico, mais importante do que a defesa efectiva da biodiversidade é na formação das pessoas que importa actuar. Assim, face à crescente importância que esta tipologia de espaço tem conquistado na cidade contemporânea, constitui uma interface de aprendizagem de excelência.



42. "Oportunidades e Compromissos" das “trocas sociais” - colecção de plantas aquáticas do Jardim Botânico do Porto, 2006.



43 e 44. "Oportunidades e Compromissos" das “trocas sociais” - colecção de catos e plantas suculentas do Jardim Botânico do Porto, 2006.

## 1| Objectivos

Este Projecto centra-se no valor social da cidade contemporânea - as pessoas - desenvolvendo-se no sentido de ajustar a faceta educativa do jardim botânico ao novo modelo urbano. Pretende igualmente promover a participação das pessoas na oferta cultural da cidade do Porto, bem como a criação de uma consciência ambiental colectiva.

## 2| Oportunidades e Compromissos

No âmbito deste Projecto, as oportunidades identificadas centram-se no património vegetal do jardim botânico. Referem-se às colecções de camélias, rododendrons, cactos e plantas suculentas, ao arboreto, bem como ao herbário, que nos faz recuar ao Porto de Oitocentos e recordar a tradição botânica pelo gosto do coleccionismo de plantas raras e exóticas. Neste contexto temporal, as exposições de flores no Palácio de Cristal, os diversos Hortos que permaneciam na cidade, bem como as várias publicações sobre jardins e plantas ornamentais referidos no Capítulo 2.3.2, constituem igualmente uma valiosa oportunidade de trabalho, às quais se associa o interesse pela flores e pelas árvores da Quinta do Campo Alegre, que integram as narrativas de Sophia de Mello Breyner. A outra escala territorial, reconhecemos igualmente os sistemas biofísicos que constituem a estrutura verde primária da Área Metropolitana do Porto, bem como os Parques Naturais da região Norte.

Por sua vez, os compromissos do Projecto “trocas sociais” dizem respeito às directrizes da *International Agenda for Botanic Gardens in Conservation*<sup>192</sup>, bem como do “Programa Operacional da Sociedade do Conhecimento”<sup>193</sup>, num apelo à participação do público universitário. No que se refere à área da cultura, as opções de trabalho serão orientadas pelo “Programa do Governo para a Área da Cultura”<sup>194</sup> no que se refere aos objectivos enunciados na “Visão Estratégica para o Horizonte Cultural 2013”, com indicações estratégicas relacionadas essencialmente com a intervenção cultural participada (objectivo 11) e promoção da inclusão social (objectivo 12).

## 3| Programa

Aproximando-se da função que esteve na origem do jardim botânico, no que se refere ao coleccionismo de plantas, ao conhecimento do reino vegetal, bem como às ameaças a que este está sujeito, é na qualidade de agente educativo e promotor social que este Projecto se vai desenvolver. Para além do conhecimento das plantas, das suas ameaças e riscos, pretende-se promover uma mudança nas atitudes e nos comportamentos sociais, no que diz respeito à conservação e promoção da biodiversidade. Neste sentido, as “trocas sociais” no contexto da cidade do Porto estruturam-se em torno da educação e da criação cultural, promovidos pelos “Portal da Biodiversidade” e “Portal Cultural”, que se sugere instalar nas “Estufas” e nas “Estufas Koepp”, respectivamente (fig. 45).

<sup>192</sup> Jackson, Patrick Wyse e Sutherland, L.A. 2000

<sup>193</sup> <http://www.posc.mctes.pt/> (consultado em 8 de Abril de 2006)

<sup>194</sup> <http://www.min-cultura.pt/Ministerio/Programa.html> (consultado em 8 de Abril de 2006)

A ameaça de extinção de um número cada vez maior de espécies vegetais, com consequente diminuição da biodiversidade, reforça a necessidade de formação ambiental, com consequente actuação na defesa e promoção da biodiversidade. Neste sentido, o “Portal da Biodiversidade” constitui um espaço de aprendizagem, de reflexão e de troca de experiências, prevendo-se o desenvolvimento de actividades que promovam o conhecimento e a comunhão com a natureza em espaço urbano. A formação será conduzida no sentido de dar conhecimento da importância das plantas na vida humana, das ameaças que sofrem actualmente, da propagação de espécies vulneráveis, raras ou em extinção, bem como das acções de conservação *ex situ*, no sentido de despertar uma reflexão crítica, uma participação activa, revertendo numa mudança de comportamento e atitudes perante as questões ambientais. Neste sentido, sugere-se a recriação no jardim botânico dos habitats representativos do Norte de Portugal, pressupondo a criação de uma interface para os Parques Naturais Nacionais, a instalar na “Casa do Parque” (fig.45).

Ainda sob a égide do “Portal da Biodiversidade”, propõe-se a criação de uma rede nacional de jardins botânicos. Já à escala internacional, sugere-se a integração do Jardim Botânico do Porto na Rede Internacional de Jardins Botânicos (*Botanic Gardens Conservation International - BGCI*), com o objectivo de participação nas estratégias internacionais de conservação.

Como exemplos de referência da dimensão educativa dos jardins botânicos, referimos o *Royal Botanic Gardens, Kew*<sup>195</sup>, em Londres e o *Jardin Botanique de Bordeaux*<sup>196</sup>, em Bordéus. O primeiro, com a missão de ... *enable better management of the Earth's environment by increasing knowledge and understanding of the plant and fungal kingdoms - the basis of life on earth.*<sup>197</sup>, esclarece a distinção dos jardins botânicos dos restantes espaços verdes da cidade no conhecimento orientado para o reino vegetal. Por sua vez, o *Jardin Botanique de Bordeaux* destaca-se pelo conceito inovador referente ao conhecimento que oferece da utilização hortícola das plantas ao longo da história, integrando parcelas de cultivo onde crescem os alimentos que têm sido produzidos desde as primeiras civilizações. Este jardim etnobotânico introduz também a dimensão da paisagem como património cultural, através da representação de 11 paisagens da província francesa de Aquitania.

No que respeita às actividades educativas referimos as “maletas portáteis” para o ensino da botânica, criadas no *Jardín Botánico da Universidad Nacional Autónoma de México*<sup>198</sup>, em Del Coyoacan. Tais maletas surgiram da necessidade de criar novas abordagens de comunicação, face à incapacidade de resposta da instituição aos crescentes pedidos de visitas guiadas ao jardim

<sup>195</sup> <http://www.rbgekew.org.uk/> (consultado em 25 de Maio de 2006)

<sup>196</sup> [http://www.bordeaux.fr/ebx/portals/ebx.portal?\\_nfpb=true&\\_pageLabel=pgSomEvtOrga&classofcontent=sommaire&id=2099](http://www.bordeaux.fr/ebx/portals/ebx.portal?_nfpb=true&_pageLabel=pgSomEvtOrga&classofcontent=sommaire&id=2099) (consultado em 18 de Maio de 2006)

<sup>197</sup> <http://www.rbgekew.org.uk/aboutus/mission.html> (consultado em 17 de Maio de 2006)

<sup>198</sup> <http://www.ibiologia.unam.mx/jardin/index.html> (consultado em 27 de Maio de 2006)



botânico. Este projecto educativo auto-suficiente tem como objectivo ajudar o instrutor a explicar a importância das plantas na vida quotidiana, através dos dispositivos que a maleta comporta (textos, ilustrações, flores, sementes).

Por sua vez, no “Portal Cultural”, a valência da cultura manifesta-se essencialmente na programação cultural extensiva a outros espaços da cidade.

#### **4| Projectos paralelos**

Uma das responsabilidades actuais do Jardim Botânico do Porto integra a manutenção dos espaços verdes do jardim da Casa Burmester. A proposta de criação de um “Centro de Manutenção para os Espaços Verdes da UP” surge no seguimento da previsão da extensão dos trabalhos de manutenção aos espaços verdes da Universidade do Porto. Esta situação conduz à necessidade de revisão do modelo de funcionamento vigente, com vista ao alcance de uma gestão mais eficiente. Neste sentido, sugere-se que ao Centro de Manutenção se associe uma “Escola de Jardinagem”, constituindo assim, uma interface educativa com condições para integrar a rede de espaços escolares e de formação da cidade do Porto. Propõe-se a sua instalação na “Casa do Salabert”, de acordo com o indicado na figura 45.

#### **5| Cumprimento da Missão**

O compromisso com a cultura estabelece-se através da participação do jardim botânico na programação cultural da cidade do Porto, através da qual se espera alcançar o cumprimento da sua Missão.

#### **6| Relação com a cidade**

A relação com a cidade estabelece-se através de parcerias com interlocutores diversos, que poderão ser constituídos pelos estabelecimentos de ensino, associações culturais, associações de trabalho social e voluntário, entre outras instituições que centram a sua actividade nas pessoas. Na fig. 46 encontram-se representadas, para além dos estabelecimentos de ensino superior da cidade do Porto, instituições com as quais o jardim botânico poderá estabelecer parcerias para o cumprimento do seu programa. Indicamos, a título de exemplo os Centros de Educação Ambiental da cidade do Porto<sup>199</sup>, o Parque de Serralves, as Hortas da Lipor, a associação de trabalho voluntário e dinamização cultural, Espaço T.

---

<sup>199</sup> Centro de Educação Ambiental do Núcleo Rural do Parque da Cidade; Centro de Educação Ambiental do Parque de S. Roque; Centro de Educação Ambiental do Parque da Pasteleira.

## 7| Modelo de Gestão

No seguimento da participação social que guia este projecto, propõe-se atribuir a responsabilidade da gestão e manutenção do Jardim Botânico do Porto à comunidade civil e estudantil da cidade. O modelo de gestão assenta essencialmente num trabalho de parceria com as instituições de solidariedade social e serviço voluntário. Assim, propõe-se o estabelecimento de uma relação de mecenato com a associação de apoio social “Banco do Tempo”<sup>200</sup>, no sentido de assegurar o funcionamento do jardim botânico através da troca de serviços entre a cidade e a Universidade do Porto, através da Faculdade de Ciências. O “Banco do Tempo” ficará responsável pelo apoio administrativo dos equipamentos, pela gestão do espaço, bem como pela manutenção das zonas verdes. Propõe-se que a sede da Associação se instale na “Adega”, de acordo com o indicado na fig. 45.

## 8| Análise do Projecto (resultados esperados)

*A consciência e apreensão dos segredos de um jardim, torna-se mais fácil quando está disponível um sistema de interpretação-compreensão, compreensão-apreciação e apreciação-protecção, donde o artifício mais interessante na captura da imaginação do visitante é contar-lhes uma história, a do homem, mais do que a de um desenho ou da botânica.*<sup>201</sup>

No processo de criação ou requalificação do jardim, antes do desenho do espaço e da representação botânica, é no valor humano que o Projecto se deverá estabelecer. Assim, este Projecto destaca-se pela sua actuação no valor humano da cidade contemporânea, conduzindo à democratização do conhecimento, procurando uma mudança do comportamento dos utilizadores do jardim botânico, actualmente passivos e silenciosos, para actores participativos.

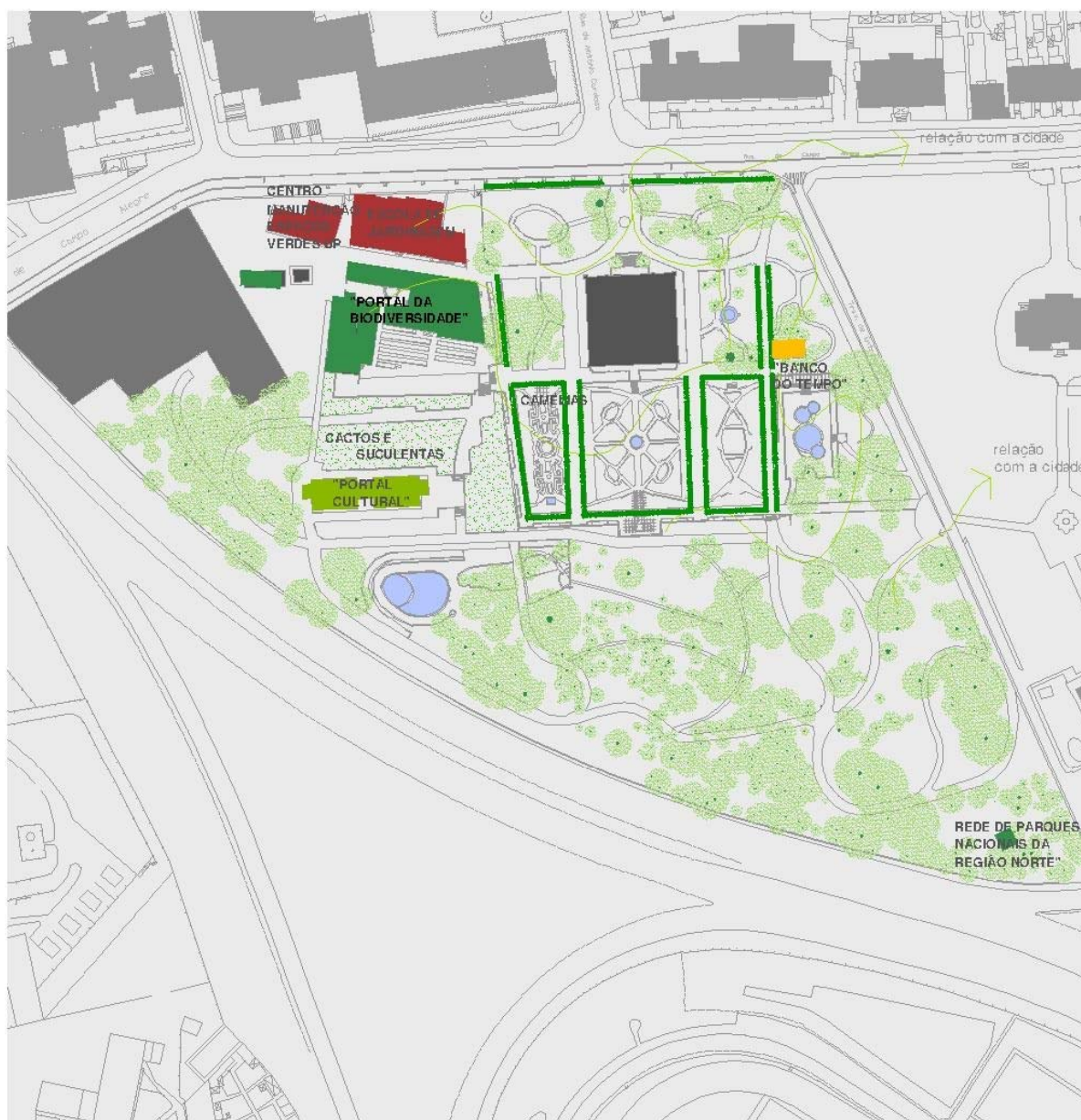
---

<sup>200</sup> A associação “Banco do Tempo” tem como objectivo “Valorizar o tempo e o cuidado dos outros, estimular os talentos e promover o reconhecimento das capacidades de cada um”, constituindo uma rede de infra-estruturas de apoio social que visa promover o encontro entre a procura e a oferta de tempo para a realização de tarefas. Funciona como um banco mas com tempo e não com dinheiro. Deposita-se, e oferece-se tempo ou disponibilidade para prestar um conjunto de tarefas, medidas em unidades de tempo (horas, minutos) que são levantadas / recebidas, sob as mais diferentes formas, quando necessário.

[http://www.graal.org.pt/index\\_ficheiros/BdT\\_home.htm](http://www.graal.org.pt/index_ficheiros/BdT_home.htm)

<sup>201</sup> Taborda, Cláudia, 1993, pp. 30





#### OPORTUNIDADES E COMPROMISSOS

- sebes de camelias
- cactos e suculentas
- património vegetal arbóreo

#### PROGRAMA

- Portal da Biodiversidade
- Portal Cultural

#### PROJECTOS PARALELOS

- Centro de Manutenção dos espaços verdes da Universidade do Porto
- Escola de Jardinagem

#### MODELO DE GESTÃO

- "Banco do Tempo"

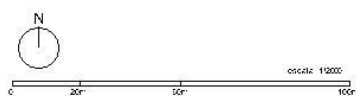


figura 45

PROJECTO 2 - "trocas sociais"







figura 46

PROJECTO 2 - "trocas sociais"

### PROJECTO 3| “significados e narrativas”

---

No contexto actual de mediatização das cidades, na procura de um valor identitário afirmativo o poder político da cidade do Porto tem vindo a experimentar diversas possibilidades de compromisso, despertando, de acordo com Michel Maffesoli, um confronto entre um “saudosismo” de outros tempos e um “presenteísmo” actual.

O “saudosismo” encontra-se presente na identidade histórica da cidade, com expressão na arquitectura setecentista de Nicolau Nasoni, na actividade do fim do séc. XIX de Marques da Silva, no gosto pela jardinagem e floricultura de Oitocentos, bem como nas tertúlias descritas por Garrett nas suas obras literárias. No jardim botânico, o panorama é reforçado pelas colecções botânicas, bem como pela faceta literária daquela propriedade, através da sua ligação a Sophia de Mello Breyner e a Ruben A..

Por sua vez, o “presenteísmo” decorrente da dinâmica da cidade contemporânea, traduz-se num desejo em obter uma nova identidade urbana, que tem vindo a ganhar expressão em diversos programas da responsabilidade da autarquia. No panorama cultural destacamos o evento “Porto 2001” apresentado no Capítulo 3.1.3. Já no domínio da ciência, distinguimos os programas “Porto, cidade da Ciência” e “Ciência Viva no Verão”.



47. "Oportunidades e Compromissos" dos “significados e narrativas” - o lugar do “Rapaz de Bronze”, 2006.

Neste sentido, face à diversidade de valores presentes para a representação da cidade do Porto, sugerimos, no âmbito deste Projecto, a atribuição do carácter da “cidade da cultura” classificação que permite reunir, com legitimidade, a identidade histórica, a memória do “Porto Romântico”, bem como a sua faceta literária que se estende desde Garrett a Agustina Bessa Luís, passando, inevitavelmente, por Sophia de Mello Breyner e Ruben A.



48 e 49. "Oportunidades e Compromissos" dos “significados e narrativas” - “Adega” e “Jardim dos Anões”, 2006.

## 1| Objectivo

O presente Projecto pretende orientar o funcionamento do Jardim Botânico do Porto através dos “significados e narrativas” da Quinta do Campo Alegre, que nos reporta essencialmente para a celebração do património, centrado na experiência literária do lugar.

## 2| Oportunidades e Compromissos

A oportunidade de trabalho para o desenvolvimento dos “significados e narrativas” da Quinta do Campo Alegre compreende a identidade histórico-literária do Jardim Botânico do Porto.

Nos cenários dos jardins e bosque da Quinta do Campo Alegre, onde ocorrem as histórias infantis de Sophia de Mello Breyner, bem como no interior da casa da referida propriedade, onde Ruben A. centra as suas narrativas, cruzam-se de forma notável, diferentes dimensões temporais. O encontro das criações do imaginário dos escritores com os lugares reais estabelece uma forte comunhão do espaço físico com a dimensão histórica, literária e simbólica do jardim, onde o entendimento ilusório do tempo literário é esclarecido pelo ciclo de vida das plantas aqui presentes, também elas sugeridas por Sophia, nas suas histórias.

A história e a memória, bem como a simbologia literária, interagem no discurso deste espaço. A história, com uma linguagem ordenada e sequencial, apela a um desejo comemorativo, através da recriação do passado. Legitima os lugares simbólicos e ajuda a construir um discurso nostálgico associado aos espaços de memória. Com um carácter mais subjectivo revela saudosismo na representação e valorização dos acontecimentos passados. A estas duas dimensões, acrescenta-se outra relacionada com a ficcionização das histórias infantis de Sophia. A narração de histórias associada ao processo de fantasia, suscita a representação figurativa, carregando o lugar de imagens literárias com ligações ao imaginário de cada um. São estes os universos que vão orientar o Projecto através dos “significados e narrativas”, decorrentes das obras “O Rapaz de Bronze” e “A Floresta”.

As figuras e os lugares com significado histórico-literário presentes no jardim distribuem-se essencialmente pela plataforma constituída pelos jardins de feição histórica existentes na propriedade. Referem-se à estátua de uma figura feminina que ornamenta o tanque de água do jardim que se localiza imediatamente a Nascente da casa da Quinta do Campo Alegre, a qual, nas histórias de Sophia, foi figurada como o “Rapaz de Bronze”, rei dos jardins. No seguimento da história, sucede-se o “Carvalho do Gladiolo”, localizado no limite Poente da referida casa. Diz respeito a um *carvalho antiquíssimo cuja vasta ramagem quase tocava os muros da casa*<sup>202</sup>, ao qual o Gladiolo subiu para daí observar as festas realizadas no interior da casa. Depois, com a autorização do “Rapaz de Bronze” e com o entusiasmo e empenho de todas as flores do jardim, o Gladiolo organizou a “Festa das Flores”, que decorreu na “Clareira dos Plátanos”. *Era um lugar*

---

<sup>202</sup> Breyner, Sophia de, 1956, pp. 14

maravilhoso. Era um vasto espaço redondo todo cercado de altíssimos arvoredos. No fundo havia um pequeno lago oval e ao lado do lago havia um caramanchão romântico.<sup>203</sup> O “Jardim dos Anões”, por sua vez, encontra-se no limite Nascente da plataforma dos jardins históricos, onde, no livro a “Floresta”, existia um grande carvalho, tendo sido ali construída uma casa para o anão da história. Todos os espaços simbólicos descritos encontram-se representados na figura 50.

Os compromissos deste Projecto estabelecem-se essencialmente com as narrativas criadas com inspiração na Quinta do Campo Alegre, bem como com as orientações da “Visão Estratégica para o Horizonte Cultural 2013”<sup>204</sup>, relacionadas com a internacionalização da produção cultural e artística nacional (objectivo 4), alargamento da oferta cultural de âmbito patrimonial ou artístico (objectivo 7) e o reforço do binómio cultura-turismo, prevendo a integração do património na programação cultural (objectivo 9).

Por sua vez, o compromisso da cidade para com o jardim botânico prende-se com uma obrigatória homenagem a Sophia e Ruben A..

### 3| Programa

Para o desenvolvimento do programa das “narrativas e significados” do jardim botânico integramos como referencia a cidade de Edinburgo, primeira cidade classificada pela UNESCO, em 2004, como *City of Literature*, que se responsabiliza pela ... *recognition and prestige for Scotland’s literary life nationally and internationally... provide a focus and co-ordination for literary activity, to encourage greater participation at all levels of Scottish society, and to attract new initiatives*<sup>205</sup>

As “narrativas” de Sophia, bem como o “significado” da natureza e da paisagem comportam um grande potencial para alojar diversos programas. A título de exemplo, indicamos de seguida duas sugestões de dinamização e de aprendizagem, referentes à “Festa das Flores” e visitas literárias.

A “Festa das Flores” decorre da recriação da fábula “O Rapaz de Bronze”, de Sophia de Mello Breyner, através da realização da “Festa das Flores” na cidade do Porto. Este projecto poderá ter vários contornos no que se refere à sua execução. No entanto, a organização deverá ser coordenada pelo Jardim Botânico do Porto, com a colaboração de outros intervenientes constituídos pelas escolas e associações culturais. A festa no jardim botânico deverá ser realizada na “Clareira dos Plátanos” (fig. 50), enquanto que no Porto, os cenários poderão ser os jardins da cidade, bem como os equipamentos culturais (fig.50).

No que respeita à segunda proposta, sugere-se que as visitas literárias que ocorrem actualmente do jardim botânico no âmbito do programa “Família nos Museus” (da responsabilidade da Rede

<sup>203</sup> Breyner, Sophia de, 1956, pp. 24

<sup>204</sup> <http://www.min-cultura.pt/Ministerio/Programa.html>, pp. 97 e 98 (consultado em 8 de Abril de 2006)

<sup>205</sup> <http://www.cityofliterature.com/home.html> (consultado em 27 de Maio de 2006)



Portuguesa dos Museus) e outras (fig. 50) destinadas a escolas do ensino básico, sejam guiadas pelas personagens que ilustram as histórias do “Rapaz de Bronze” e da “Floresta”, da autoria de Júlio Resende, as quais integram o imaginário colectivo de muitos apreciadores de Sophia de Mello Breyner. Tais personagens poderão constituir “figuras virtuais”, recorrendo, por exemplo, a imagens holográficas, e também “figuras humanas”, através da participação de actores das diversas companhias de teatro da cidade.

#### **4| Projectos paralelos**

No seguimento das orientações do presente Projecto, sugere-se a promoção de espaços de encontro, através do estabelecimento de uma “Casa de Chá”, em articulação com a associação “Amigos de Sophia”, bem como a criação de um “Café Concerto”, a instalar nos equipamentos indicados na fig. 50.

#### **5| Cumprimento da Missão**

No contexto deste Projecto, o compromisso com a cultura assenta no desenvolvimento dos programas culturais, em associação aos lugares e elementos simbólicos do jardim. Por outro lado, a estratégia para o cumprimento da Missão conduz ao desenvolvimento de acções de sensibilização da importância da biodiversidade através da literatura, constituindo um ambicioso desafio de comunicação.

#### **6| Relação com a cidade**

No sentido de afirmar a relação do jardim botânico com a cidade, sugere-se a criação de uma “Rede Europeia de Jardins Literários” constituída por jardins e outros espaços verdes com ligações a figuras literárias. A título de exemplo indicamos, na cidade do Porto, os jardins das Casas Museu e outros jardins privados, apresentando como exemplo a residência de Francisco Sá Carneiro, cujo jardim se mantém de acordo com o levantamento de Teles Ferreira, realizado em 1892. (fig.51) No contexto nacional destacamos a “Casa de Tormes”, nome literário da “Quinta de Vila Nova” em Stª Cruz do Douro, descrita na “*Cidade e as Serras*” como o solar de Jacinto, Casa Museu da Fundação Eça de Queirós, bem como a “Casa de Camilo Castelo Branco”, localizada em Vila Nova de Famalicão. No contexto europeu, referimos a pesquisa efectuada por Roger Evans em 2004, referente a escritores cujo trabalho literário traduz uma forte ligação com a natureza. Esta recolha foi apresentada na exposição designada *the Writer in the Garden*<sup>206</sup>, promovida pela *British Library*, em Londres, no período de Novembro de 2004 a Abril de 2005.

---

<sup>206</sup> <http://www.bl.uk/onlinegallery/features/gardens/homepage.html> (consultado a 17 de Maio de 2006)

## **7| Modelo de Gestão**

A promoção da identidade da cidade, associada ao carácter turístico deste Projecto, abre portas a diversas possibilidades de financiamento, podendo integrar a participação da Câmara Municipal do Porto (CMP), bem como agentes privados.

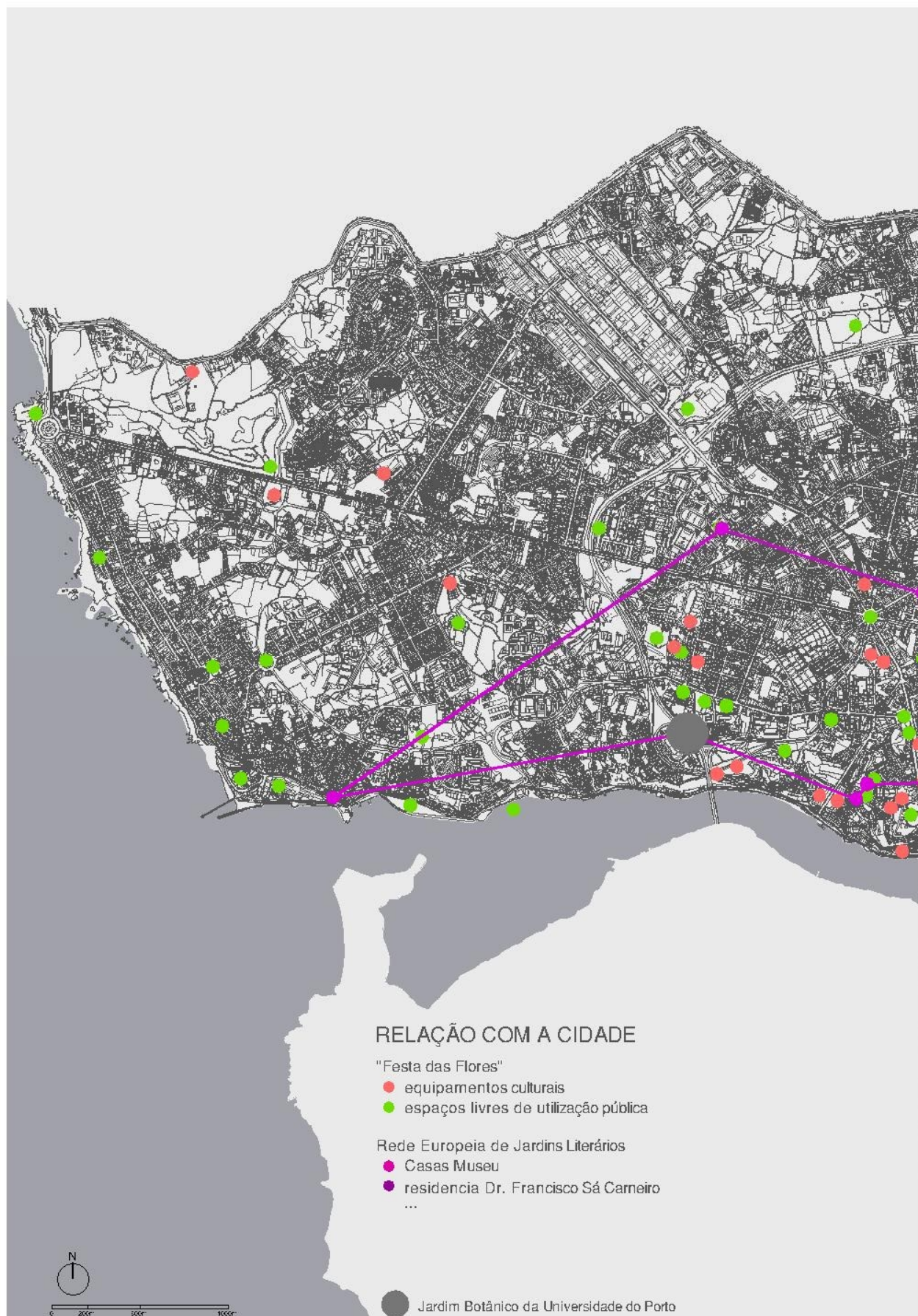
## **8| Análise do Projecto (resultados esperados)**

A avaliação do Projecto encontra-se associada ao processo de afirmação da cidade. A associação do Jardim Botânico do Porto a duas figuras literárias de destaque, Sophia de Mello Breyner e Ruben A. reforça a identidade literária da cidade do Porto e restitui memória e fantasia à cidade. Nesse sentido, a participação do Jardim Botânico do Porto (casa de infância e fonte de inspiração dos escritores referidos) no alcance de uma visibilidade mediática, pode conduzir à criação de uma dimensão de “espectáculo”, arriscando assim a autenticidade e a genuinidade do seu valor.













PROJECTO 3 - "narrativas e significados"

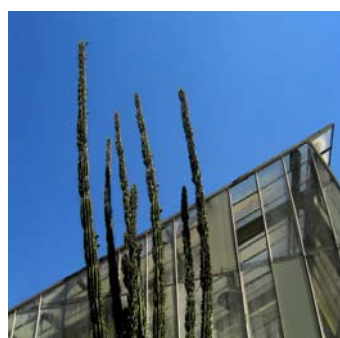
## PROJECTO 4| “públicos para a ciência”

---

A dimensão científica do Jardim Botânico do Porto tem vindo a perder força na sua estrutura e gestão, correndo o risco de se diluir nas restantes facetas que integra. As razões prendem-se essencialmente com o desajuste do seu programa ao actual paradigma da cidade contemporânea. No sentido de inverter esta situação, o Projecto “públicos para a ciência” pretende afirmar o carácter científico do jardim botânico, através da pesquisa e desenvolvimento científico e tecnológico que marcam a actualidade, em articulação com as práticas culturais.



52. “Oportunidades e Compromissos” dos “públicos para a ciência” – “Estufas Koepp”, 2006.



53 e 54 . “Oportunidades e Compromissos” dos “públicos para a ciência” – “Estufas Koepp”, 2006.

### 1| Objectivos

Este Projecto propõe-se angariar novos “públicos para a ciência”, através da pesquisa e da exploração das possibilidades lúdicas e criativas decorrentes dos trabalhos científicos.

### 2| Oportunidades e compromissos

Os compromissos do Projecto com a ciência e com a cultura estabelecem-se através do “Programa Operacional Ciência e Inovação 2010”<sup>207</sup>, e da “Visão Estratégica para o Horizonte Cultural 2013”, respectivamente. O primeiro, dirigido pelo Ministério da Ciência, Inovação e Ensino Superior expressa uma nova ambição para a ciência em Portugal. Destacam-se a “Ciência e a Inovação” bem como programa de apoio ao ensino experimental das ciências e à promoção da educação científica na escola, da responsabilidade da “Ciência Viva - Agência Nacional para a Cultura Científica e Tecnológica.”<sup>208</sup>

Os objectivos enunciados na “Visão Estratégica para o Horizonte Cultural 2013”<sup>209</sup>, centram-se no desenvolvimento das indústrias criativas, bem como nos serviços culturais, nos campos específicos do audiovisual, das artes e das tecnologias digitais (objectivo 3).

### 3| Programa

---

<sup>207</sup> <http://www.poci2010.mctes.pt/home/> (consultado a 28 de Maio de 2006)

<sup>208</sup> <http://www.cienciaviva.pt/cienciaviva/agencia.asp> (consultado a 28 de Maio de 2006)

<sup>209</sup> <http://www.min-cultura.pt/Ministerio/Programa.html>, pp. 97 e 98 (consultado em 8 de Abril de 2006)

Este Projecto ganha corpo através da criação de um campo de experimentação da Universidade do Porto, centrado no desenvolvimento de projectos multimédia e novas linguagens artísticas, designado “Laboratório Científico-Cultural” (fig.55). A pesquisa pretende assegurar a criação dos programas culturais através da criação de dispositivos necessários e / ou sugeridos pelos agentes responsáveis. A título de exemplo referimos os mecanismos a instalar nas “barreiras acústicas da VCI”, com vista a transformar o ruído em som e imagem, as figuras virtuais que conduzem as visitas literárias, bem como a possibilidade de desenvolver placas virtuais de sinalização do jardim e identificação das plantas, dispensando deste modo, o suporte físico tradicional.

Propõe-se que o “Laboratório Científico-Cultural” ocupe as “Estufas” da propriedade em estreita articulação com a “Casa do Salabert” (fig. 55), onde poderão ser experimentados os produtos e os modelos desenvolvidos. Sugere-se igualmente a criação de um espaço de encontro que aproxime e reúna a ciência e a cultura, com o objectivo de promover a discussão e o debate entre os dois domínios disciplinares, a instalar na cobertura da “Casa do Salabert”.

Este Projecto encontra-se essencialmente direccionado para os centros de inovação da Universidade do Porto, prevendo o estabelecimento de ligações com outros espaços congéneres, como a “Agencia de Inovação” (adi)<sup>210</sup>, a “Casa do Futuro” da Universidade de Aveiro<sup>211</sup>, o “Instituto de Investigação Interdisciplinar”, da Universidade de Coimbra<sup>212</sup>, entre outros. As empresas de base tecnológica poderão igualmente desenvolver e experimentar neste espaço, os seus projectos. Assim, no contexto nacional assinalamos o funcionamento em rede com as diversas plataformas de mediação científica, como a “OBSERVA - Ambiente, Sociedade e Opinião Pública”<sup>213</sup>, com particular atenção para a relação protocolar que mantém com o Instituto do Ambiente, no sentido de possibilitar a candidatura a projectos para o Jardim Botânico do Porto ao Programa Ambiente, bem como o “Observatório da Ciência e do Ensino Superior” (OCES)<sup>214</sup>, tutelado pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior.

#### 4| Projectos paralelos

Com o objectivo de angariar “públicos para a ciência” para o Jardim Botânico do Porto, deverá ser desenvolvido em paralelo um projecto de comunicação, tendo como público-alvo a comunidade científica e também os “públicos da cultura”<sup>215</sup>, no sentido de informar e despertar interesses da pesquisa científica pela actividade cultural.

<sup>210</sup> <http://www.adi.pt/3325.htm> (consultado a 28 de Maio de 2006)

<sup>211</sup> <http://www.aveirodomus.pt/scid/avd4/default.asp> (consultado a 28 de Maio de 2006)

<sup>212</sup> <http://www.uc.pt/iii/> (consultado a 28 de Maio de 2006)

<sup>213</sup> <http://observa.iscte.pt/index.php> (consultado a 27 de Maio de 2006)

<sup>214</sup> [http://www.oces.mctes.pt/?id\\_categoria=29&id\\_item=81940](http://www.oces.mctes.pt/?id_categoria=29&id_item=81940) (consultado a 27 de Maio de 2006)

<sup>215</sup> Observatório das Artes Culturais (oac), 2005, pp. 14

## **5| Cumprimento da Missão**

O compromisso com a cultura estabelece-se através da pesquisa e desenvolvimento de instrumentos que irão assegurar a realização dos projectos culturais. A estratégia para o cumprimento da Missão reporta-se à angariação de interessados para o desenvolvimento da actividade científica e ensaios tecnológicos de suporte à actividade cultural.

## **6| Relação com a cidade**

A relação do Projecto “públicos para a ciência” com a cidade do Porto estabelece-se através da integração do jardim botânico no projecto “Porto, Cidade da Ciência”, (fig. 56), com propostas de novas actividades. A título de exemplo, indicamos o programa “Ciência na Rua”, cujo objectivo principal assenta na divulgação dos projectos científicos que têm vindo a ser desenvolvidos nos centros de investigação nacionais. Tal mostra poderá ocorrer no espaço público, bem como nos equipamentos científicos e culturais que integram o percurso entre os centros de investigação nacionais.

Sugere-se igualmente que o “Laboratório Científico-Cultural” constitua uma plataforma de pesquisa experimental articulada com os espaços culturais da cidade, com destaque para salas de espectáculo, bem como os espaços de exposição, que se encontram representados na figura 56.

## **7| Modelo de Gestão**

Para assegurar o financiamento da gestão e manutenção do jardim prevê-se a angariação de mecenas junto das empresas parceiras do “Laboratório Científico-Cultural”, bem como a obtenção de fundos através do “Programa Operacional Ciência e Inovação” no âmbito do programa “Porto, Cidade da Ciência”.

## **9| Análise do Projecto (resultados esperados)**

Na perspectiva de angariar novos “públicos para a ciência”, no que se refere à pesquisa científica e tecnológica com o objectivo de criação de novas linguagens artísticas, prevê-se estreitar as relações entre as Universidades nacionais. Espera-se igualmente a criação de plataformas tecnológicas no sector empresarial com capacidade de resposta aos requisitos dos “palcos para a cultura”. Neste sentido contribui para a modernização e diversificação da base económica urbana, bem como para a qualificação dos recursos humanos na área da inovação tecnológica.





## PROGRAMA

Laboratório científico-cultural

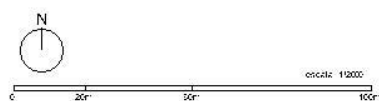
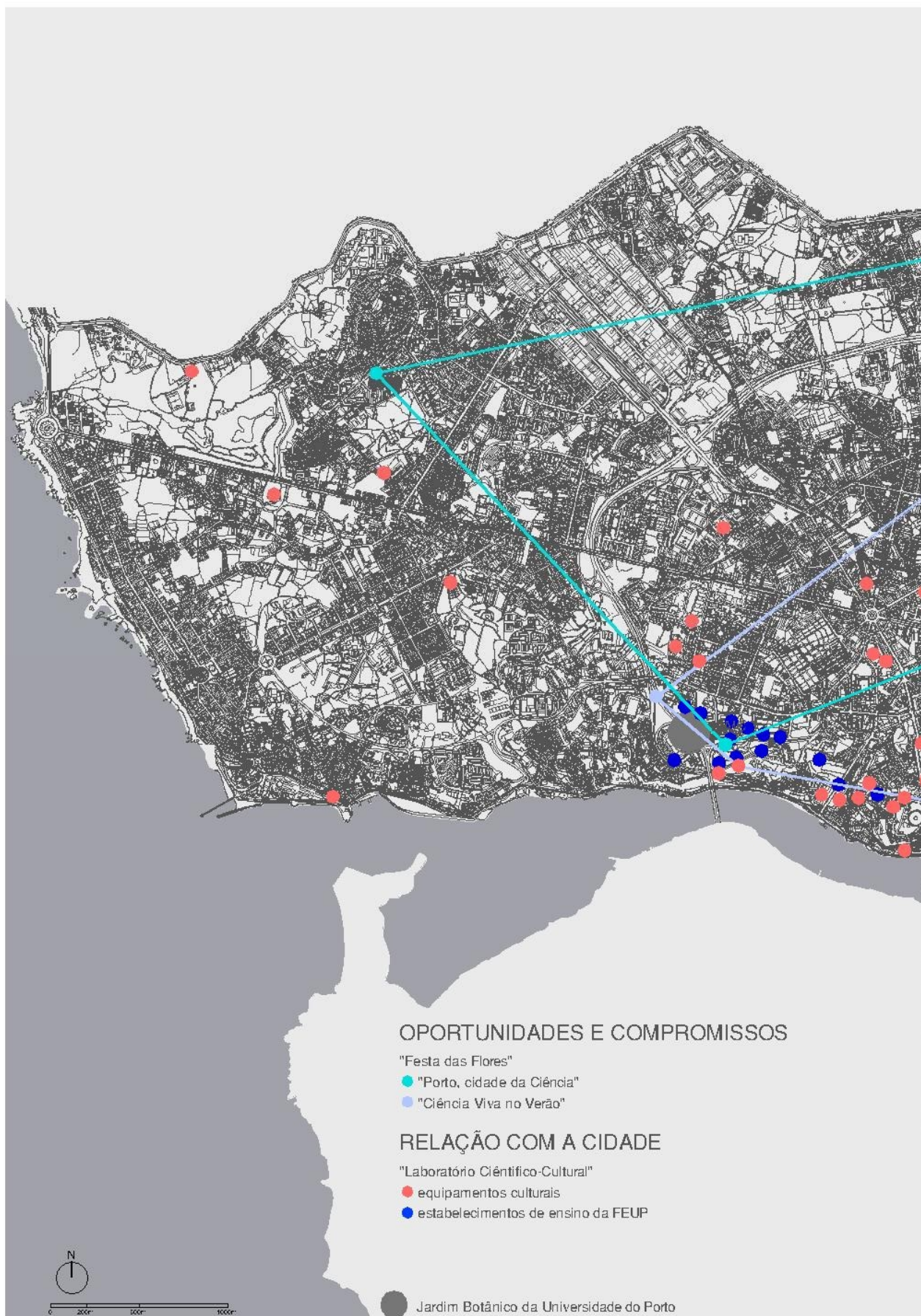
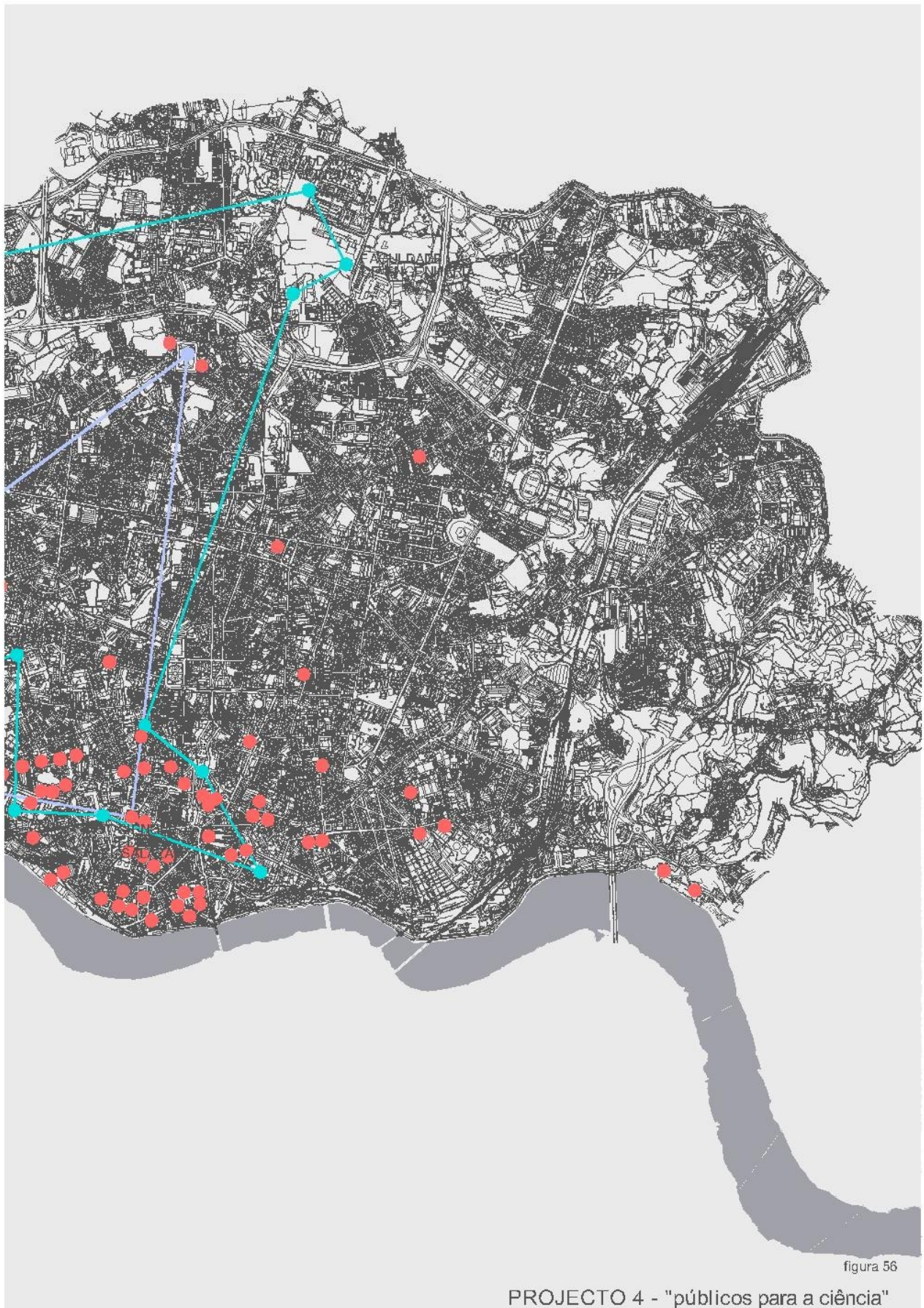


figura 55

PROJECTO 4 - "públicos para a ciência"







PROJECTO 4 - "públicos para a ciência"

## Projecto 5| “construção da cidade”

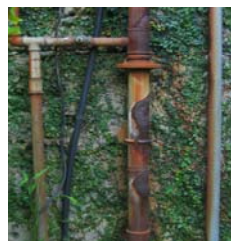
---

Numa aprendizagem com o passado, a revitalização dos espaços amorfos passa, em muito boa medida, pela sua transformação em fortes referências urbanas, implicando muitas vezes, a atribuição de novos programas, proporcionando uma resposta ajustada às exigências dos novos modelos de funcionamento da cidade contemporânea.

Neste sentido, Manuel Castells, no contexto da cidade da *Information Age*, entendendo-a como ... *a source of culture specificity is to survive in the new technological paradigm it must become a hypercommunicated city, communicated locally and globally, through a variety of communication channels.*<sup>216</sup>, elege a Universidade como instituição promotora de mão de obra qualificada e de pessoas com ideias renovadas para a criação da cidade.<sup>217</sup>



57. “Oportunidades e Compromissos” da “construção da cidade” - Busto do Sr. Resende, jardineiro da Quinta do Campo Alegre, esculpido por Joana Andresen, início do séc. XX.



58 e 59. “Oportunidades e Compromissos” da “construção da cidade” - Canalizações exteriores da “Adega”, 2006.

### 1| Objectivos

Este Projecto estende o universo de acção do jardim botânico à “construção da cidade”. No âmbito do novo paradigma da cidade contemporânea, onde os programas de funcionamento, bem como os modelos de requalificação dos espaços se encontram em permanente construção impõe-se a construção sustentável da cidade do Porto. Neste sentido destaca-se a importância da participação da Universidade do Porto enquanto agente multidisciplinar.

---

<sup>216</sup> Castells, Manuel, 2001, pp. 384

<sup>217</sup> Castells, Manuel, 2000

## **2| Oportunidades e Compromissos**

No que concerne às oportunidades de trabalho para a (re) construção da cidade do Porto, no âmbito deste Projecto, destacamos o tecido urbano, os espaços verdes e os equipamentos culturais que integram a cidade.

No panorama da região Norte, o concelho do Porto constitui o principal pólo empregador, integrando mais de um terço dos postos de trabalho da Área Metropolitana. O tecido urbano da cidade regista uma debilidade social e degradação do parque habitacional, com uma expressão muito significativa no que concerne à habitação social (43 bairros com mais de 13 500 fogos onde residem mais de 43 000 pessoas). Evidencia um grande abandono do centro da cidade, com registos de perda de quase 40 mil habitantes verificando-se, no contexto da Área Metropolitana, um acréscimo de 93 mil residentes. As razões desta dinâmica demográfica prendem-se com os fluxos migratórios no sentido centro-periferia, com o envelhecimento da população residente nas freguesias centrais do Porto e com uma maior oferta e distribuição do parque habitacional na Área Metropolitana. Os alojamentos familiares cresceram de 413 para 540 mil (no concelho do Porto, os valores assinalam um aumento de 113 para 125 mil, superior ao crescimento das famílias).<sup>218</sup>

A estrutura verde, por sua vez, tem sido entendida como condição da qualidade de vida urbana. No entanto, a capitação de espaços verdes no Porto, referente a 7 m<sup>2</sup>/habitante, representa um valor muito inferior ao valor de referência da generalidade das cidades europeias. Dados fornecidos pela Câmara Municipal do Porto relativos aos espaços verdes da cidade, totalizam uma área de cerca de 300 ha. O património vegetal inventariado integra aproximadamente 30 000 árvores, distribuídos por 86,5 Km de ruas, encontrando-se 200 classificadas como elementos arbóreos de interesse público, integrando 164 espécies distintas. No que respeita à gestão dos espaços verdes, a cidade encontra-se dividida em 8 zonas de intervenção, com uma equipe de jardinagem que envolve cerca de 200 pessoas.<sup>219</sup>

Por sua vez, os compromissos referem-se às orientações com vista à promoção da sustentabilidade ambiental em contexto urbano. Integram essencialmente a defesa da biodiversidade, através do reforço e valorização dos recursos naturais e requalificação dos habitats presentes.

## **3| Programa**

Este Projecto pretende reunir os diversos domínios disciplinares da Universidade do Porto para a “construção da cidade”. Para tal, sugere-se a criação de um “Centro de Estudos e Projectos” prevendo o seu funcionamento de acordo com um carácter interdisciplinar, assente nos princípios da sustentabilidade ambiental. De acordo com tais princípios, a construção da cidade centra-se na

---

<sup>218</sup> Martins, Isabel e Lacerda, António, 2004

<sup>219</sup> Câmara Municipal do Porto – Divisão de Estudos e Planeamento. 2003

criação de soluções com uma programação generalista e com um carácter flexível, assegurando a multiplicação e simultaneidade de usos.

Sugere-se a instalação do “Centro de Estudos Projectos” na “Casa da Quinta do Campo Alegre” (fig. 60) no sentido de libertar todos os restantes equipamentos que integram o jardim botânico para o cumprimento institucional da sua Missão. Na ligação à Universidade do Porto sugere-se a aproximação disciplinar através da partilha dos conteúdos próprios de cada licenciatura (no que respeita a conceitos, âmbitos de acção e linguagens de criação).

#### **4| Projectos paralelos**

No contexto da cidade contemporânea importa assegurar o conhecimento dos princípios que regem a sustentabilidade urbana, no sentido de envolver a população estudantil, mas também a população civil, agentes responsáveis pela construção quotidiana da cidade.

#### **5| Cumprimento da Missão**

À luz do exemplo do Jardim Botânico da Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) que constitui *...todo o conjunto de espaços verdes do campus, englobando os vestígios de mata natural, as colecções botânicas temáticas e os jardins de enquadramento...*<sup>220</sup>, o cumprimento da Missão do Jardim Botânico do Porto traduz-se na extensão dos princípios defendidas pela BGCI aos espaços verdes do Porto. Por sua vez, o compromisso com a cultura manifesta-se no funcionamento pluridisciplinar do “Centro de Estudos e Projectos” proposto.

#### **6| Relação com a cidade**

Este Projecto centra a sua actuação na construção da cidade do Porto, estabelecendo, inevitavelmente, uma forte articulação

#### **7| Modelo de Gestão**

É desejável que este Projecto se desenvolva em parceria com a Câmara Municipal do Porto (CMP) no sentido de partilhar esforços, não só no projecto e construção, mas também na gestão e manutenção dos espaços da cidade.

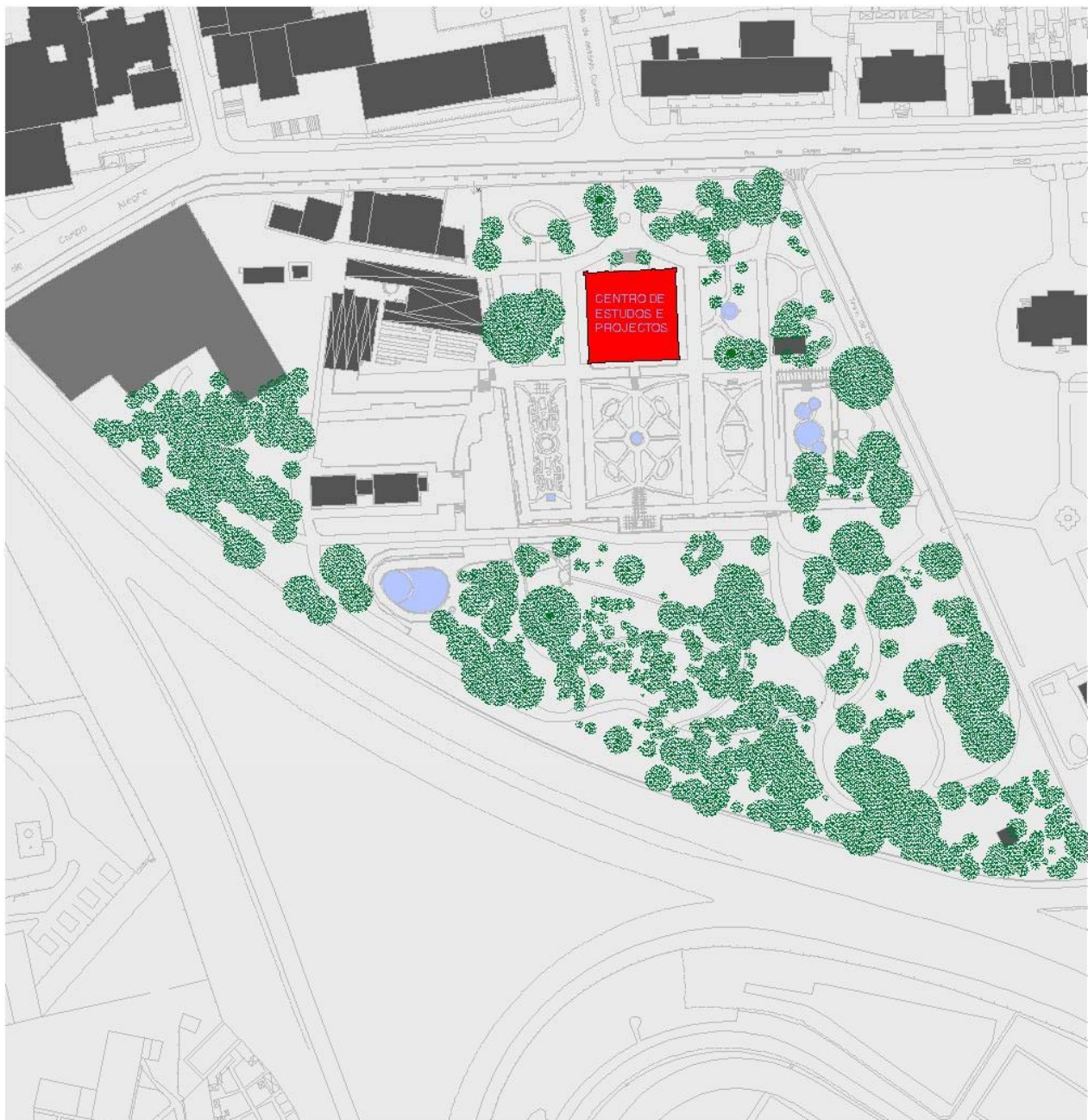
#### **8| Análise do Projecto (resultados esperados)**

Este Projecto promove a partilha da responsabilidade da construção da cidade das entidades municipais com a Universidade.

---

<sup>220</sup> Castro, L. F. Torres de. 2005





## PROGRAMA



Centro de Estudos e Projectos

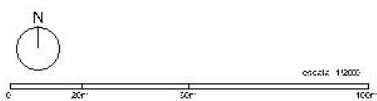


figura 60

PROJECTO 5 - "construção da cidade"

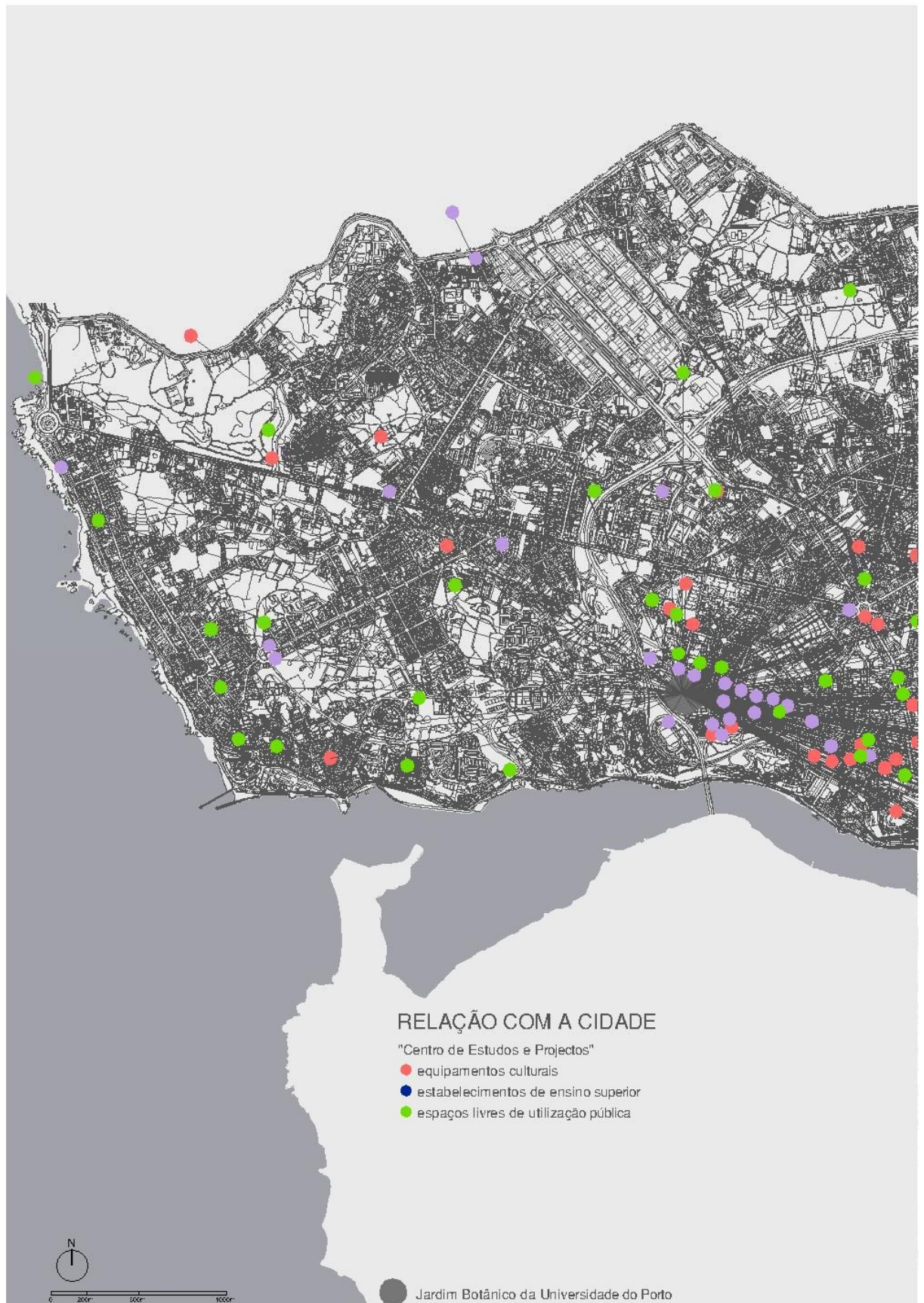






figura 61

PROJECTO 5 - "construção da cidade"

#### 4.4| Análise dos Projectos

No seguimento do desenvolvimento do Plano de Acção para o jardim botânico, antecipando a conclusão final, revela-se fundamental a análise dos 5 cenários decorrentes da sua revisão programática, na perspectiva de avaliar, face às circunstâncias que marcam a actualidade da cidade do Porto, o ajuste da sua Missão ao contexto urbano daquela cidade. Neste sentido, procurámos relacionar os principais objectivos do Plano de Acção com as 5 propostas apresentadas no Capítulo anterior, através do seguinte quadro:

OBJECTIVOS	PROJECTOS				
	P1	P2	P3	P4	P5
1. Atribuição de novas funções ao jardim botânico	x	x	x	x	x
2. Criação de condições apelativas para a recepção de programas educativos e culturais	x			x	
3. Desenvolvimento de programas educativos		x	x		
4. Afirmação da interdisciplinariedade intrínseca ao conceito de jardim botânico				x	x
5. Envolvimento da população no desenvolvimento do Projecto		x		x	x
6. Recriação da dimensão vivencial do espaço	x	x			
7. Relação com o público escolar em geral		x			
8. Relação com o público universitário e consequente aproximação à Universidade				x	x
9. Utilização do potencial criativo do reino vegetal e consequente criação de novos modos de comunicação	x		x		
10. Cumprimento da Missão em todas as suas valências	x	x	x	x	x
11. Na comunicação da Missão, fazer prevalecer a experiência à teorização			x	x	
12. Desenvolvimento do projecto à escala da cidade			x		x
13. Compromisso da cidade com o jardim botânico			x		
14. Autonomia do Projecto no que se refere à sua execução			x	x	
15. Proveitos financeiros da produção cultural para a gestão do jardim botânico	x				
16. Prestação voluntária para a gestão e manutenção do jardim		x			
17. Dependência do funcionamento do jardim botânico das relações em rede com outras	x			x	x



instituições da cidade					
18. Relações de cumplicidade e dependência programática entre os Projectos	x		x		
19. Promoção da identidade cultural da cidade	x		x	x	
20. Aproximação da arte aos espaços do quotidiano	x	x	x	x	x

Todos os Projectos prevêm a atribuição de novos significados e funções ao jardim botânico, possibilitando assim, o desenvolvimento de uma grande variedade de acções para o cumprimento da sua Missão. A presença da actividade cultural como estratégia é transversal a todas as propostas que se reúnem em dois grupos, com abordagens distintas. Os Projectos 1 e 4 desenvolvem-se no sentido de proporcionar as condições necessárias para a recepção de programas culturais, enquanto que os Projectos 2 e 3 centram a sua actuação na requisição de pessoas para o desenvolvimento dos programas culturais.

A cultura actua assim como estratégia, sendo o reino vegetal entendido como potencial criativo para o desenvolvimento dos Projectos. A sua utilização é sugerida essencialmente pelo Projecto 1 e 3, encontrando-se o Projecto 2 ancorado em torno do potencial criativo da cidade contemporânea, as pessoas. Por outro lado, a abrangência disciplinar da pesquisa científica, bem como a flexibilidade das soluções que se esperam alcançar na (re) construção da cidade, constituem requisitos fundamentais para o funcionamento dos espaços. Destaca-se o Projecto 4, que se afirma pela aproximação da ciência às actividades culturais, bem como o Projecto 5, sustentado na grande diversidade de áreas disciplinares que integram a Universidade do Porto. Os dois últimos Projectos, pelas suas especificidades científicas e técnicas, têm como público-alvo o público universitário e também empresarial, enquanto que os restantes procuram o alcançar as pessoas em geral.

A análise do programa dos Projectos, bem como do seu público-alvo, reporta-nos para a dimensão vivencial do jardim botânico. Neste sentido, os Projectos 1, 2 e 3, centrados na dimensão social da cidade opõem-se aos Projectos 4 e 5, que se caracterizam essencialmente pela construção dos artefactos participantes na (re) construção da cidade contemporânea. Por outro lado, verifica-se que todos os Projectos possibilitam desafios criativos e inovadores para o cumprimento da Missão do Jardim Botânico do Porto, onde a experiência prevalece à teorização.

A ocupação dos equipamentos para instalação das interfaces dos Projectos prevê essencialmente acções de recuperação, não se verificando em nenhuma das propostas situações que comprometam a estrutura física do jardim botânico. Os equipamentos mais requeridos referem-se à “Casa do Salabert” e às “Estufas”.

Os programas preconizados pressupõem uma relação estreita com a cidade do Porto. Por sua vez, o compromisso da cidade com o jardim botânico refere-se a uma obrigatória homenagem a Sophia de Mello Breyner e Ruben A.

Relativamente ao modelo de gestão sugerido nas diferentes propostas, no que se refere às possibilidades de financiamento do jardim botânico, as soluções desenvolvidas referem-se aos proveitos financeiros decorrentes da produção cultural dos “palcos para a cultura” (Projecto 1), ao serviço voluntário e à “troca de tempo” (Projecto 2), bem como à atribuição de verbas através das empresas participantes na angariação de “públicos para a ciência” (Projecto 4). No que respeita à sua execução, os Projecto 3 e 4, cujo programa é da inteira responsabilidade da FCUP, apresentam maior autonomia de execução.

Os resultados esperados diferem de acordo com os objectivos de cada um dos Projectos. No entanto, face à Estratégia preconizada, espera-se, em todas as soluções, uma aproximação da arte aos espaços do quotidiano, afirmando o valor singular do jardim botânico no contexto da cidade do Porto.

## Capítulo 5| Conclusão

As considerações deste trabalho decorrem dos programas desenvolvidos para o jardim botânico através do “método dos cenários”. Este processo de trabalho conduz a diversas reflexões que se estabelecem em torno de duas perspectivas distintas. A primeira relaciona-se com a revisão programática do Jardim Botânico do Porto e consequente conhecimento da capacidade do espaço para acolher diferentes funções. Por outro lado, na relação do jardim botânico com a cidade do Porto, o trabalho desenvolvido permite-nos fazer algumas considerações acerca dos valores que regem actualmente o processo de criação e dinamização dos espaços públicos.

A Missão institucional do jardim botânico, desde sempre pautada pelo coleccionismo de plantas raras, com acesso e utilização restrita aos “homens da cultura” e também aos “curiosos” pelo exotismo do reino vegetal, foi substituída, no contexto actual, pelas questões de defesa dos recursos naturais, reserva genética e biodiversidade. O conceito de jardim botânico, caracterizado no decorrer do seu percurso histórico, por uma flexibilidade programática, permitindo um ajuste sequencial às circunstâncias temporais, encontra na cidade contemporânea, condições criativas para a sua revitalização. Considerando as pessoas como o principal valor e a cultura como Estratégia de Acção, o jardim botânico constitui assim, uma interface educativa de extrema importância.

A imprevisibilidade da cidade contemporânea reforça a necessidade de atribuir uma flexibilidade programática ao espaço urbano, pressupondo uma efectiva participação multidisciplinar. Neste sentido, a aplicação da “metodologia dos cenários” permite a construção de diversas estratégias, bem como a sua utilização diferenciada no tempo. Na aplicação deste método de trabalho, o exercício desenvolvido neste trabalho permitiu-nos explorar o potencial que o espaço apresenta para receber diversos programas. As 5 possibilidades alternativas apresentadas confirmam a versatilidade do espaço, possibilitando uma grande diversidade de oferta.

A consideração final referente à requalificação do jardim botânico centra-se no modelo preconizado na proposta da sua revisão programática. Tendo como Estratégia a compatibilização da faceta científica do jardim botânico com o carácter de agente cultural atribuído, é evidente o aumento de notoriedade e visibilidade do espaço, actuando no sentido do cumprimento dos “objectivos de curto alcance”<sup>221</sup>. No decorrer do processo metodológico, a visão dinâmica do “método dos cenários”<sup>222</sup> conduz-nos a uma redefinição dos objectivos inicialmente expostos. Neste sentido, concluímos que para a revitalização do Jardim Botânico do Porto o mais importante não é a atribuição de uma função específica (como por exemplo, agente cultural), mas sim o

---

<sup>221</sup> Godet, Michel, 1993.

<sup>222</sup> Godet, Michel, 1993.

esclarecimento das oportunidades do espaço, para, de acordo com a estratégia estabelecida, permitir o estabelecimento de diversas possibilidades de trabalho.

Os direitos, cidadania e sustentabilidade cultural pressupõem a democratização do conhecimento no que diz respeito à sua aproximação a todos. É neste âmbito que a revisão programática do jardim botânico engrandece a cidade do Porto. Enquanto espaço de aprendizagem, na nova condição de “intermediário cultural”, contribui de um modo afirmativo para a troca de conhecimento em torno do reino vegetal e biodiversidade, com consequente criação de uma consciência ecológica colectiva. As possibilidades do seu uso, referidas nas 5 Propostas, actuam igualmente na valorização do espaço urbano, na medida em contribuem para a diversidade da oferta cultural e vivencial, tornando a cidade mais apelativa.

A segunda conclusão diz respeito ao processo de reabilitação dos espaços públicos da cidade contemporânea, onde as propostas de valorização são ditadas pela competitividade urbana. No espaço público, verifica-se uma incapacidade crescente de afirmação por si só, assistindo-se a uma crescente formulação de “programas”, com o objectivo de valorizar a sua capacidade de atracção. Este processo tem implicações na identidade dos espaços, colocando-nos uma dúvida: até onde é viável a mudança das funções de tais espaços? A experiência de trabalho apresentada no domínio do planeamento prospectivo proporciona vantagens competitivas, na medida em que faculta uma tomada de decisão actualizada, consciente e esclarecida.

## Bibliografia

Aguilella, Antoni. 2002. Reflexiones sobre el futuro de los jardins botânicos in Actas do VII Simpósio da Associação Ibero-Macaronésia de Jardins Botânicos - Jardins Botânicos, que perspectiva para o futuro? AIMBJ - Associação Ibero-Macarronésica de Jardins Botânicos, Instituto Superior de Agronomia, Lisboa.

Albet i Mas. Abel. 2004. *La Cultura en las Estratégias de Transformación Social Urbanística de las Ciudades – Barcelona, del Modelo al Espectáculo*. Revista Cidades - Comunidades e Territórios, n.º 9, pp. 15-24.

Andresen, Teresa. 2003. *Do Estádio Municipal aos Jardins da Gulbenkian*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

Andresen, Teresa. 1992. *Para a Critica da Paisagem*. Tese de Doutoramento, Universidade de Aveiro.

Andresen, Teresa (coord.). 2002. *Estudo Prévio do “Projecto de Conservação e Valorização do Jardim Botânico da Universidade do Porto”*, Departanento de Botânica da FCUP.

Andresen, Teresa (coord.). 2002. *Ante-Projecto de Conservação e Valoriação do Jardim Botânico da Universidade do Porto*. Departanento de Botânica da FCUP.

Araújo, Ilídio Alves de. 1962. *Arte Paisagista e Arte dos Jardins em Portugal*. Ministério das Obras Públicas, Direcção Geral dos Serviços de Urbanização, Centro de Estudos de Urbanismo, Lisboa.

Barbosa, J. Casimiro. 1880. *Jardim Botânico da Academia Polytechnica do Porto*. Jornal de Horticultura Pratica. Vol. XI, pp. 202 – 205.Porto.

Breyner, Sophia de Mello. 1956. *O Rapaz de Bronze*. Minotauro, Lisboa.

Breyner, Sophia de Mello. 1968. *A Floresta*. Figueirinhas, Porto.

Cabral, Francisco Caldeira. 1993. *Fundamentos da Arquitectura Paisagista*. Instituto de Conservação da Natureza, Lisboa.

Calafate, Pedro. 1998. *Metamorfoses da Palavra – Estudos sobre o pensamento português e brasileiro*. Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa.

Câmara, António Sousa da. 1960. *Memorial apresentado pelo Professor António Sousa da Câmara, Director da Estação Agronómica Nacional in A criação do Jardim Botânico da Madeira*. Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, Funchal.

Câmara Municipal do Porto – Divisão de Estudos e Planeamento. 2003. *Sistema de Monitorização da Qualidade de Vida Urbana*. Porto.

Carvalho, J. Eduardo. 2002. *Metodologia do Trabalho Científico – “Saber-Fazer” da investigação para dissertação e teses*. Escolar Editora, Lisboa.

Castells, Manuel. 2001. *The Castells reader on Cities and Social Theory*. Edited by Ida Susser, Blackwell Publishers, Massachusetts.

Castells, Manuel. 2000. *La ciudad de la nueva economia*. La factoría n.º 12, Junho-Setembro, 2000.

Castro, L. F. Torres de. 2005. *Os Jardins da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro*. UTAD - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Cha, Tae-Wook. 2002. *Ecologically Correct in Harvard Design School Guide: Guide to Shopping: Project on the City 2*, Chuihua Judy Chung, Jeffrey Inaba, Rem Koolhaas, Sze Tsung Leong, Harvard Design School, Cambridge, MA.

Coentrão, Abel. 2005. *Ideias Fortes – entrevista de Abel Coentrão a Michel Maffesoli*. Pública, n.º 470, 29 de Maio de 2005.

Crane, Peter. 2002. *Biodiversity, Sustainability and Botanic Gardens*. Actas do International Seminar Botanic Gardens in the cities of the future, Jardí Botànic Universitat de València.

Deutsche, Rosalyn. 1996. *Evictions: art and spatial politics*. The Mit Press, Cambridge MA.

Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura. 1992. Editorial Verbo, Lisboa.

Faria, Carlos Vieira de. 2000. *Movimentos Sociais Urbanos em Portugal: algumas reflexões para a dinamização do estudo desta área* in Actas do IV Congresso da Associação Portuguesa de Sociologia, Lisboa.

Ferrão, João. 2004 a. *A cidade como Agitação Social – Pedido de Ajuda de um Geógrafo aos Colegas das Ciências Sociais*. Cidades – Comunidades e Territórios, Lisboa.

Ferrão, João. 2004 b. *Visão humanista da cidade*. Actas do Encontro Políticas na Cidade. Departamento da Comunicação e da Cultura do Patriarcado de Lisboa.

Fortuna, Carlos. 1998-2002. *Intermediários Culturais, Espaço Público e Cultura Urbana*. Projectos de investigação no âmbito do Centro de Estudos Sociais (CES). Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Lisboa.

Fortuna, Carlos e Peixoto, Paulo. 2000. *As novas e velhas imagens das cidades: um olhar sobre a transformação identitária de cinco cidades portuguesas*. Actas do IV Congresso Português de Sociologia – Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Centro de Estudos Sociais, Coimbra.

Fortuna, Carlos e Silva, Augusto Santos. 2002. *Projecto e Circunstância: Culturas Urbanas em Portugal*. Edições Afrontamento. Porto.

Fundação Ciência e Desenvolvimento e Câmara Municipal do Porto. 1997. *Reformulação da Estrutura Viária do Pólo Universitário do Campo Alegre*.

Gehl, Jan e Gemzoe, Lars. 2002. *Novos Espaços Urbanos*. Editorial Gustavo Gili, Barcelona.

Godet, Michel, 1993. *Manual de Prospectiva Estratégica – da antecipação à acção*. Publicações D. Quixote, Lisboa.

Goitia, Fernando Chueca. 1996. *Breve História do Urbanismo*. Editorial Presença, Lisboa.

Gomes, Rui Telmo. 2003. *A Distinção banalizada? Perfis Sociais dos Públicos da Cultura* in *Públicos da cultura – actas do Encontro organizado pelo Observatório das Actividades Culturais no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*. OAC – Observatório das Actividades Culturais, Lisboa.

Grande, Nuno. 2005. *Arquitectura & Não*. Caleidoscópio, Lisboa.

Hall, Peter. 1996. *Cities of Tomorrow*. Blackwell Publishers.

Hawkes, Jon. 2001. *The fourth pillar of sustainability: culture's essential role in public planning*. Cultural Development Network (Vic).

Indovina, Francesco. 2002. *O Espaço Público: Tópicos sobre a sua Mudança*. Revista Cidades - Comunidades e Territórios, n.º 5, pp. 119-126.

International Council on Monuments and Sites (Australia ICOMOS), 1982. *The Burra Charter (The Australia ICOMOS Charter for the Conservation of Places of Cultural Significance)*.

International Council on Monuments and Sites (ICOMOS), 1981. *The Florence Charter (Historic gardens and landscapes)*.

Izard, Teresa Gali. 2004. *Depoimento, Barcelona*. Revista arq./a, Lisboa, pp. 68-69.

Jackson, Wyse e L. Sutherland, 2000. *International Agenda for Botanic Gardens in Conservation*. Botanic Gardens Conservation United Kingdom (BGCI).

Jenks, Chris. 1993. *Culture*. Routledge, Londres.

Jenks, Charles. 1999. *Architectural Time – Between Melancholy and Narrative in Any time*, Davidson, Cynthia C., Anyone Corporation, New York, The MIT Press Cambridge MA.

Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal. 1960. *A criação do Jardim Botânico da Madeira*. Separata do Boletim Distrital, Funchal.

Kendle, A. D.. 2002. *The Éden Project* in Actas do Seminário Internacional Los Jardines Botánicos en las Ciudades del Futuro, Jardí Botànic Universitat de València.

Koolhaas, Rem. 2002. *Junkspace* in *Harvard Design School Guide: Guide to Shopping: Project on the City 2*, Chuihua Judy Chung, Jeffrey Inaba, Rem Koolhaas, Sze Tsung Leong, Harvard Design School, Cambridge, MA.

Krauss, R. E.. 1999. *Sculpture in the Expanded Field, in the originality of the avant-garde and other modernist myths*. Londres, MIT Press, pp. 277-290.

Laurel, Brenda. 2003. *Design Research: methods and perspectives*, Massachusetts Institute of Technology.

Lima, Américo Pires de. 1940. *Botânica no Porto. Notas biográficas e bibliográficas*. Comunicação ao Congresso de História da Actividade Científica, Coimbra.



Lima, Américo Pires de. 1946. *A Universidade e a cidade – O Jardim Botânico* in *O Tripeiro*, 5.<sup>a</sup> série, ano 1, n.º 10, Porto.

Lima, Américo Pires de. 1949. *O Jardim Botânico da Faculdade de Ciências* in *Separata do Jornal do Centro Universitário* n.º. 9 – 10, Porto.

Lima, Isabel Pires de. 1989. *Trajectos - O Porto na Memória Naturalista*. Guimarães Editores, Lisboa.

Loza, Rui Ramos (coordenação); Leal, Manuel Luís; Moura, António; Braga, Maria Helena G.; Oliveira, Amélia Vieira de. 1996. *Porto, a Património Mundial - Processo de Candidatura da cidade do Porto à classificação pela UNESCO como Património Cultural da Humanidade*, Câmara Municipal do Porto.

Maffesoli, Michel. 1996. *O conhecimento do quotidiano*. Veja, Lisboa.

Manzini, Ezio. 2000. *Fazer cidade: Planos, Estratégias e Desígnios* in *Espaço Público e a Interdisciplinaridade*, Brandão, Pedro e Remesar, Antini, Centro Português de Design, Lisboa.

Martins, Isabel e Lacerda, António. 2004. *Contributo para uma reflexão sobre o futuro da cidade* in *Actas do Encontro: Porto Cidade Região*, Universidade do Porto.

Miranda, Alberto. 1944, *A Descoberta do Mundo Vegetal (História da Botânica)*. Biblioteca Cosmos, Ciências e Técnicas, n.º 31, Lisboa.

Mota, João António de Almeida. 2001. *Para além da visibilidade e da Monumentalidade: Imagens Fotográficas no espaço público*. Tese de Doutoramento, Universidade de Aveiro.

Mumford, Lewis. 1961. *The City in History*. Pelican Book, Great Britain.

Neves, António Oliveira das. 1996. *Planeamento Estratégico e Ciclo de Vida das Grandes Cidades: os exemplos de Lisboa e Barcelona*. Celta Editoras, Lisboa.

Observatório das Actividades Culturais (oac) e Instituto de Ciências Sociais de Lisboa (ICS). 2005. *Contribuições para a formulação de políticas públicas no horizonte 2013 relativas ao tema Cultura, Identidades e Património*. Lisboa.

d'Oliveira, João Francisco. 1798. *Apointamentos para se estabelecer na ilha da Madeira hum Viveiro de Plantas e huma Inspeção sobre a Agricultura da mesma ilha* in *A criação do Jardim*

*Botânico da Madeira*, 1960, Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, Funchal.

Paiva, Barão de Castelo de. 1855. *Relatório do Barão de Castelo de Paiva encarregado pelo Governo de estudar o estado da Ilha da Madeira, considerada debaixo das relações agrícolas e económicas* in *A criação do Jardim Botânico da Madeira*, 1960, Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, Funchal.

Paiva, Jorge e Queirós A. S. 1998. *A crise ambiental, apocalipse ou advento de uma nova idade II*. Liga dos Amigos de Conímbriga, Coimbra.

Perestrelo, Margarida. 2000. *Prospectiva, Planeamento Estratégico e Avaliação* in Actas do IV Congresso de Sociologia.

Real, Manuel Luís e Tavares, Rui. 1987. *Bases para a compreensão do desenvolvimento urbanístico do Porto* in *Povos e Culturas. A cidade em Portugal: onde se vive*. Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, Universidade Católica Portuguesa, pp. 389-417.

Ribeiro, Joana Sousa. 2000. *A cultura e a (des) diferenciação do espaço público* in Actas do IV Congresso Português de Sociologia, Lisboa.

Salema, Roberto. 2000. *A Botânica na Faculdade de Ciências do Porto* in *Faculdade de Ciências da Universidade do Porto – 1911-1986 – Os primeiros 75 anos*. Universidade do Porto, Porto.

Santos, Boaventura de Sousa ( direcção ); Fortuna, Carlos e Silva, Augusto Santos. 2002. *Projecto e Circunstância – culturas urbanas em Portugal*. Edições Afrontamento, Lisboa.

Silva, Augusto Santos. 2003. *Como classificar as políticas culturais? Uma nota de pesquisa*. Publicação Periódica do Observatório das Actividades Culturais N.º 12, Lisboa, pp. 10-20.

Silva, Santos; Luvumba, Felícia; Santos, Helena; Abreu, Paula. 2000. *Públicos para a Cultura, na cidade do Porto*. Edições Afrontamento, Câmara Municipal do Porto.

Sociedade Porto 2001, SA.. 2001. *Programa Cultural*. Porto 2001- Capital Europeia da Cultura, Porto.

Taborda, Cláudia. 1993. *Jardins: da História e Recuperação*. Trabalho de Fim de Curso, Universidade de Évora.

Tschumi, Bernard. 1999. *Diasync* in *Anytime*, Davidson, Cynthia C., Anyone Corporation, New

York, The MIT Press Cambridge MA.

Tschumi, Bernard. 2001. *On passing time in space, airports, and urban phenomena* in *Anything*, Davidson, Cynthia C., Anyone Corporation, New York, The MIT Press Cambridge MA.

Tschumi, Bernard. 1996. *Event-Cities (Praxis)*. MIT Press, Massachusetts.

Tschumi, Bernard. 1996. *Architecture and Disjunction*. MIT Press, Massachusetts.

Wyse Jackson, P.S. and Sutherland, L.A.. 2000. *International Agenda for Botanic Gardens in Conservation*., Botanic Gardens Conservation U.K.

## Webgrafia

[http://www.unesco.org.br/publicacoes/copy\\_of\\_pdf/convpatrimoniomundial.doc](http://www.unesco.org.br/publicacoes/copy_of_pdf/convpatrimoniomundial.doc) (consultado a 1 de Fevereiro de 2006)

<http://www.min-cultura.pt/Ministerio/Programa.html> (consultado a 1 de Fevereiro de 2006)

[http://www.thephotographyinstitute.org/journals/1998/rosalyn\\_deutsche.html](http://www.thephotographyinstitute.org/journals/1998/rosalyn_deutsche.html) (consultado a 10 de Janeiro de 2006)

<http://www.ufmg.br/museumuseu/paisana/index2.htm> (consultado a 30 de Setembro de 2006)

[http://www.bcn.es/medciencies/botanicgardens2004/abstracts/pdf\\_publicacions/IntenationaAgenda.pdf#search=%22International%20Agenda%20for%20Botanic%20Gardens%22](http://www.bcn.es/medciencies/botanicgardens2004/abstracts/pdf_publicacions/IntenationaAgenda.pdf#search=%22International%20Agenda%20for%20Botanic%20Gardens%22) (consultado a 30 de Setembro de 2006)

[http://www.bgci.org/botanic\\_gardens/home](http://www.bgci.org/botanic_gardens/home) (consultado a 30 de Setembro de 2006)

[http://www.bcn.es/medciencies/botanicgardens2004/abstracts/pdf\\_publicacions/IntenationaAgenda.pdf#search=%22International%20Agenda%20for%20Botanic%20Gardens%22](http://www.bcn.es/medciencies/botanicgardens2004/abstracts/pdf_publicacions/IntenationaAgenda.pdf#search=%22International%20Agenda%20for%20Botanic%20Gardens%22) (consultado a 30 de Setembro de 2006)

[http://sigarra.up.pt/up/web\\_base.gera\\_pagina?P\\_pagina=18374](http://sigarra.up.pt/up/web_base.gera_pagina?P_pagina=18374) (consultado a 20 de Setembro de 2006)

<http://www.aps.pt/ivcong-actas/Acta118a.PDF> pp.2 (consultado a 26 de Janeiro de 2006)

<http://www.biodiv.org/programmes/cross-cutting/plant/targets.shtml> (consultado a 20 de Setembro de 2006)

<http://www.jardibotanic.org/cindex.html> (consultado a 25 de Maio de 2006)

<http://www.jardibotanic.org/cindex.html> (consultado a 25 de Maio de 2006)

<http://www.darwinboston.org/home.htm> (consultado a 18 de Maio de 2006)

<http://www.bgci.org/> (consultado a 28 de Maio de 2006)

<http://www.min-cultura.pt/Ministerio/Programa.html> (consultado a 8 de Abril de 2006)

[http://www.graal.org.pt/index\\_ficheiros/BdT\\_home.htm](http://www.graal.org.pt/index_ficheiros/BdT_home.htm) (consultado a 27 de Maio de 2006)

<http://www.cityofliterature.com/home.html> (consultado a 27 de Maio de 2006)

<http://www.min-cultura.pt/Ministerio/Programa.html>, pp. 97 e 98 (consultado a 8 de Abril de 2006)

## Anexo











## **equipamentos culturais**

### **BIBLIOTECAS**

- 1 BIBLIOTECA INFANTIL PEDRO IVO
- 2 BIBLIOTECA MUNICIPAL ALMEIDA GARRETT
- 3 BIBLIOTECA PÚBLICA FOZ
- 4 BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO

### **MUSEUS**

- 5 CASA DA IMPRENSA
- 6 CASA DO INFANTE - ARQUIVO HISTÓRICO DO PORTO E NÚCLEO MUSEOLÓGICO
- 7 CASA OFICINA ANTÓNIO CARNEIRO
- 8 CASA D. HUGO
- 9 CASA MUSEU FERNANDO DE CASTRO
- 10 CASA MUSEU GUERRA JUNQUEIRO - ARQUEOSÍTIO
- 11 CASA MUSEU GUERRA JUNQUEIRO
- 12 CASA MUSEU MARTA RAMALHO ORTIGÃO SAMPAIO
- 13 CENTRO PORTUGUÊS DE FOTOGRAFIA
- 14 COMISSÃO DE VITICULTURA DA REGIÃO DOS VINHOS VERDES
- 15 GABINETE DE NUMISMÁTICA – CASA TAIT
- 16 FUNDAÇÃO ENG.º ANTÓNIO DE ALMEIDA
- 17 MUSEU DE ETNOLOGIA DO PORTO
- 18 FUNDAÇÃO EUGÉNIO DE ANDRADE
- 19 MUSEU DA CIÊNCIA E INDÚSTRIA
- 20 MUSEU DA FACULDADE DE BELAS ARTES DO PORTO
- 21 MUSEU DA FUNDAÇÃO MARIA ISABEL GUERRA JUNQUEIRO E LUÍS DE MESQUITA CARVALHO
- 22 MUSEU DA MISERICÓRDIA
- 23 MUSEU DA STA. CASA DA MISERICÓRDIA
- 24 MUSEU DE ARTE SACRA E ARQUEOLOGIA (Integra a Igreja de S. Lourenço)
- 25 MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL
- 26 MUSEU DO CARRO ELÉCTRICO (Central de Massarelos dos STCP)
- 27 MUSEU DO PAPEL E DA MOEDA - FUNDAÇÃO DR. ANTÓNIO CUPERTINO DE MIRANDA
- 28 MUSEUS DOS TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES
- 29 MUSEU DO VINHO DO PORTO
- 30 MUSEU MILITAR DO PORTO
- 31 MUSEU NACIONAL DA IMPRENSA (JORNAIS E ARTES GRÁFICAS)
- 32 MUSEU NACIONAL SOARES DOS REIS
- 33 CASA DA TORRE DA MARCA
- 34 MUSEU ROMÂNTICO DA QUINTA DA MACIEIRINHA
- 35 MUSEU DE SERRALVES
- 36 PALACETE DOS VISCONDES DE BALSEMÃO

### **TEATROS**

- 37 CASA-TEATRO TEAR
- 38 RIVOLI TEATRO MUNICIPAL
- 39 TEATRO CARLOS ALBERTO
- 40 TEATRO DA VILARINHA
- 41 TEATRO DE BELOMONTE
- 42 TEATRO DO BOLHÃO

### **43 TEATRO DO CAMPO ALEGRE**

44 TEATRO HELENA SÁ E COSTA / ESMAE (Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo)

### **45 TEATRO NACIONAL DE S. JOÃO**

46 TEATRO SÁ DA BANDEIRA INTEGRA O TEATRO LATINO (SALA ESTÚDIO NO TEATRO SÁ DA BANDEIRA)

47 TEATRO UNIVERSITÁRIO DO PORTO (Reitoria da Universidade do Porto)

48 TZERO.COM.PALCO - ESPAÇO ART' IMAGEM

### **SALAS DE ESPECTÁCULO, AUDITÓRIOS, CINEMAS**

#### **49 BALLETEATRO AUDITÓRIO**

50 CASA DAS ARTES

51 CASA DA MÚSICA

52 CINECLUBE DO PORTO

53 COLISEU DO PORTO

54 PALACETE VILLAR D'ALLEN (Antiga SEC)

55 PALÁCIO DA BOLSA

56 RIVOLI TEATRO MUNICIPAL

### **GALERIAS E ESPAÇOS DE EXPOSIÇÃO**

57 ATENEU COMERCIAL DO PORTO

58 CASA DA ANIMAÇÃO

59 CASA DO MÉDICO

60 CENTRO DE ASTROFÍSICA DA UNIVERSIDADE DO PORTO - PLANETÁRIO

61 CONTAGIARTE

62 CULTURGEST, Gestão de Espaços Culturais, SA

63 ESTAÇÃO DE S. BENTO (Estação de Caminho de Ferro)

64 GALERIA CORDEIROS

65 GALERIA DO PALÁCIO DE CRISTAL

66 GALERIAS DE ARTE NA RUA MIGUEL BOMBARDA

67 MERCADO FERREIRA BORGES

68 PAVILHÃO DA ÁGUA

### **ASSOCIAÇÕES CULTURAIS, LIVRARIAS**

#### **CAFÉ-CONCERTO E ESPAÇOS DE TERÚLIA**

69 ARTES EM PARTES

70 CAFÉ DA PRAÇA

71 SOLAR DO VINHO DO PORTO

72 CAFÉ GUARANY

73 CAFÉ MAJESTIC

74 CASA AGRÍCOLA

75 CLUBE LITERÁRIO DO PORTO

76 GESTO - COOPERATIVA CULTURAL CRL

77 GUERNICA - ARTE CAFÉ

78 MAUS HÁBITOS – ESPAÇO DE INTERVENÇÃO CULTURAL

79 MERCADO DO BOM SUCESSO

80 MERCADO DO BOLHÃO

81 PINGUIM CAFÉ









## **espaços abertos de utilização pública**

### **PARQUES**

- 1 JARDINS DO PALÁCIO DE CRISTAL
- 2 PARQUE DA CIDADE
- 3 PARQUE DA FUNDAÇÃO DE SERRALVES
- 4 PARQUE DE S. ROQUE
- 5 PARQUE DA PASTELEIRA
- 6 PARQUE DA PRELADA
- 7 PARQUE DAS VIRTUDES
- 8 QUINTA DA BONJOIA
- 9 QUINTA DA CHINA
- 10 QUINTA DO COVÊLO
- 11 QUINTA DA REVOLTA (Horto do Freixo)
- 12 QUINTA DOS SALGUEIROS
- 13 QUINTA DE STO. ANTÓNIO DE CONTUMIL
- 14 QUINTA DE VILAR D'ALLEN (Horto de Vilar D'Allen)

### **JARDINS**

- 15 JARDIM DO BARÃO DE NOVA SINTRA (SMAS)
- 16 JARDIM BOTÂNICO
- 17 JARDIM DO CARREGAL
- 18 JARDIM DA CASA BURMESTER
- 19 JARDIM DA CASA DE RAMALDE
- 20 JARDIM DA CASA TAIT
- 21 JARDIM DA CCDRN
- 22 JARDIM DO CIRCULO UNIVERSITÁRIO
- 23 JARDIM DA CORDOARIA / JARDIM JOÃO CHAGAS
- 24 JARDIM DA FAUP
- 25 JARDIM DA FUNDAÇÃO ANTÓNIO DE ALMEIDA
- 26 JARDIM DE S. LÁZARO
- 27 JARDIM MACHADO DE ASSIS
- 28 JARDIM DA QUINTA DA MACIEIRINHA
- 29 JARDIM DO MUSEU NACIONAL SOARES DOS REIS
- 30 JARDIM DA DELEGAÇÃO DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
- 31 JARDIM GUEDES DE OLIVEIRA / PRAÇA DAS FLORES
- 32 JARDIM DAS SOBREIRAS
- 33 JARDIM DA CASA DAS ARTES
- 34 JARDIM JÚLIO DINIS
- 35 JARDIM DO PASSEIO ALEGRE
- 36 JARDIM DA ARCA D'ÁGUA
- 37 JARDIM DA AV. MONTEVIDEU

### **LARGOS, PASSEIOS E PRAÇAS**

- 38 AV. DOS ALIADOS
- 39 CAMPO DOS MÁRTIRES DA PÁTRIA
- 40 LARGO DE ALEXANDRE SÁ PINTO
- 41 LARGO DO CALÉM

- 42 LARGO DO CAPITÃO PINHEIRO TORRES DE MEIRELES
- 43 LARGO DO COLÉGIO
- 44 LARGO DO COVADO
- 45 LARGO DO FORTE DE S. JOÃO DA FOZ
- 46 LARGO DA IGREJA DOS GRILOS

- 47 LARGO DE LIEGE
- 48 LARGO LUIS DE BRAILE
- 49 LARGO DO MOINHO DE VENTO
- 50 LARGO PALMIRA MALHEIRO
- 51 LARGO DO PROF. ABEL SALAZAR
- 52 LARGO DA PAZ
- 53 LARGO DA SÉ
- 54 LARGO DE SOARES DOS REIS
- 55 LARGO DE S. DOMINGUES
- 56 LARGO DO TERREIRO
- 57 LARGO DO VIRIATO
- 58 PASSEIO DAS FONTAINHAS
- 59 PASSEIO DAS VIRTUDES
- 60 PRAÇA DA ALFÂNDEGA
- 61 PRAÇA CAMPO 24 DE AGOSTO
- 62 PRAÇA CARLOS ALBERTO
- 63 PRAÇA DA COROJEIRA
- 64 PRAÇA DO CORONEL PACHECO
- 65 PRAÇA DA GALIZA
- 66 PRAÇA DE GOLNÇALVES ZARCO (Castelo do Queijo)
- 67 PRAÇA DO IMPÉRIO
- 68 PRAÇA INFANTE D. HENRIQUE
- 69 PRAÇA D. JOÃO I
- 70 PRAÇA DOS LEÕES
- 71 PRAÇA DA LIBERDADE
- 72 PRAÇA DO MARQUES DE POMBAL
- 73 PRAÇA MOUZINHO DA SILVEIRA / ROTUNDA DA BOAVISTA
- 74 PRAÇA DAS VIOLETAS
- 75 PRAÇA PEDRO NUNES
- 76 PRAÇA DOS POVEIROS
- 77 PRAÇA RAINHA D. AMÉLIA
- 78 PRAÇA DA REPÚBLICA
- 79 PRAÇA DA RIBEIRA
- 80 PRAÇA VELAQUEZ / PRAÇA DO DR. FRANCISCO SÁ CARNEIRO













## **estabelecimentos de ensino superior**

### **UNIVERSIDADES**

- 1 INSTITUTO POLITÉCNICO DO PORTO
- 2 UNIVERSIDADE CATÓLICA
- 3 UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA
- 4 UNIVERSIDADE LUSÍADA
- 5 UNIVERSIDADE LUSÓFONA DO PORTO
- 6 UNIVERSIDADE DO PORTO
- 7 UNIVERSIDADE PORTUGALENSE

### **ESCOLAS E ACADEMIAS**

- 8 ACADEMIA CONTEMPORÂNEA DO ESPECTÁCULO
- 9 ACADEMIA DANÇA DAS ANTAS
- 10 ÁRVORE - COOPERATIVA DE ACTIVIDADES ARTÍSTICAS
- 11 BALLETEATRO
- 12 CITEX - CENTRO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL DA INDÚSTRIA TÊXTIL
- 13 CONSERVATORIO DE MUSICA DO PORTO
- 14 CRAT – CENTRO REGIONAL DE ARTES TRADICIONAIS
- 15 ESCOLA DAS ARTES - PÓLO DA FOZ
- 16 ESCOLA DE JAZZ DO PORTO
- 17 ESCOLA SUPERIOR ARTISTICA DO PORTO
- 18 ESCOLA SOARES DOS REIS
- 19 INSTITUTO ARTES E CIÊNCIAS

### **FUNDAÇÕES**

- 20 FUNDAÇÃO CIENCIA E DESENVOLVIMENTO
- 21 FUNDAÇÃO ENGº ILÍDIO PINHO
- 22 FUNDAÇÃO GOMES TEIXEIRA - REITORIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO
- 23 FUNDAÇÃO PARA A CIENCIA E A TECNOLOGIA